



Organização:
Cândida Martins Pinto
Rochelle da Fonseca Oliveira



COLÉGIO
POLITÉCNICO
UFSM



(RE)ESCREVENDO HISTÓRIAS

Organização:
Cândida Martins Pinto
Rochelle da Fonseca Oliveira

(RE)ESCREVENDO HISTÓRIAS

Organização:
Cândida Martins Pinto
Rochelle da Fonseca Oliveira



COLÉGIO
POLITÉCNICO
UFSM



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
Ministro da Educação Camilo Santana

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
Reitor Luciano Schuch
Vice-Reitora Martha Adaime

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA – CEBTT
Coordenador Marcelo Freitas da Silva
Vice-Coodenador Valmir Vieira

Santa Maria
2023

COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM

Diretora:
Marta Von Ende

Vice-Diretor:
Moacir Bolzan

ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM

Coordenador:
Rodrigo Rozado Leal

Coordenadora Substituta:
Cândida Martins Pinto

Capa:
Bianca Moraes Romero
Martina Förster Xavier
Mônica Stuker Spitzmacher

Projeto gráfico e diagramação
Fabrício Medeiros

Revisão textual
Rochelle da Fonseca Oliveira
Cândida Martins Pinto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reescrevendo histórias / organização Cândida
Martins Pinto , Rochelle da Fonseca
Oliveira. -- Santa Maria, RS : Ed. dos Autores,
2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-00-64184-4

1. Escrita criativa 2. Ficção - Coletâneas
3. Leitores - Formação I. Pinto, Cândida Martins.
II. Oliveira, Rochelle da Fonseca.

23-147756

CDD-808.83

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Coletâneas : Literatura 808.83

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

Apresentação | 08

Diários de um vampiro: O ritual sombrio | 10

Ana Clara Pereira

A Seleção: Uma paixão inusitada | 19

Bianca Moraes Romero

After Diary (Depois do diário) | 24

Bruna dos Santos Martins

O segredo na ilha: O caos é inevitável | 31

Bruno Dalmolin Ribeiro de Souza

Doutor Estranho no Multiverso da DC | 33

Edgar de Souza Lima Neto

Odisseu, humano | 38

Felipe Hayashi Durigon

A cinco passos de você: Um fim nem tão melancólico | 43

Gabriel Camargo Moro

Robin e Vickie: O primeiro contato | 48

Giovana Bergenthal Ferreira

A busca por Max | 50

Guilherme Parcianello

Dom Casmurro – Um olhar diferente | 52

Gustavo Padilha

A Bela e a Fera, mas sem o final feliz | 56

Heloisa Wouters Scherer

Por lugares incríveis | 58

Hemilly de Almeida Dalla Corte

Shrek é realmente apenas um ogro? | 59

Henrique da Rosa Pozzebon

Cinderela: Em busca dos seus sonhos | 62

Isabele Carvalho Menezes

Felicidade que se recusa a aparecer no dia a dia | 67

Isadora de Carvalho Coelho

A viuvinha | 69

Isadora Milani Reichert

A Casa de Praia | 71

João Pedro de Mello Mendes

Como treinar o seu dragão | 83

João Pedro de Mello Padoin

1917 e seu acontecimento | 85

João Victor Martins

Corte de chamas prateadas: E se ela não estivesse morta? | 87

Júlia Zanon Vestena

How I met your mother | 90

Juliana Rohde Neves

Minha vida fora de série 4: carta final da Julie | 93

Larissa Pujol Vizzotto

Dante descobre os segredos do universo | 95

Laura carvalho

O Fantasma da ópera: O triângulo amoroso | 97

Laura Zanon Pansard

Inscrição para Jurassic World | 99

Leonardo Cassol Rodrigues

Breaking Bad: Antes de tudo dar errado | 100

Lorenzo Frizon Auler

O Hobbit: Um fim desafortunado | 102

Lucas Jose Brun

O milagre da cela 7: um novo desfecho | 105

Manuela de Abreu Machado

Gwendy Boia no Mar | 106

Maria Lorenzoni Dressler

**E se “Romeu e Julieta” realmente fosse
uma história de amor? | 109**

Marina Maurer Serafini

Proximidade e distância | 117

Martina Förster Xavier

Treze portas | 119

Mônica Stuker Spitzmacher

Sherlock Holmes: Em busca do Estripador | 122

Nícolas Brasil Brum

Admirável mundo cotidiano | 128

Otávio Maziero dos Santos

Desejo ardente | 133

Pedro Henrique Ribeiro

Adoráveis mulheres: Jo March e seu livro publicado | 136

Rinália Oliveira Figueiredo

O leão covarde | 138

Sofia dos Santos Alves Leal

Jogos vorazes: A vida de uma vencedora | 140

Tayná Pereira da Silveira

O Purgo Jedi | 144

Theo Zanoello Lüdtkke

A bela adormecida, mas sem o príncipe encantado | 146

Valeria Seerig Balem

Jantar Secreto no RU | 148

Victor Couto Alves

Lua Velha | 151

Vitória Bittencourt da Silva

APRESENTAÇÃO

Querida leitora, querido leitor!

O livro “(Re)escrevendo histórias” é uma coletânea de textos narrativos ficcionais produzidos no ano letivo de 2022 pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM, com o objetivo de desenvolver e estimular as práticas leitora e escritora de forma significativa por meio da ciberescrita. O trabalho foi realizado sob orientações da professora de Língua Portuguesa Cândida Martins Pinto e da professora em pré-serviço Rochelle da Fonseca Oliveira, bolsista do projeto de ensino “A produção textual como instrumento de cidadania” (Portal de Projetos da UFSM nº 050181).

O título “(Re)escrevendo histórias” faz referência à escolha da proposta dinamizada: produção de fanfictions. As fanfictions tratam-se de narrativas ficcionais escritas por fãs, em que há a apropriação de um ou mais elementos da obra original – como enredo, espaço, personagens e outros – com o intuito de produzir uma nova obra. A escolha do gênero textual em questão é devido ao seu caráter lúdico e interativo, que apresenta grande potencial de contribuição para o processo de letramento dos alunos no ensino de língua portuguesa.

Para a realização da proposta sobre fanfictions, dinamizamos uma série de atividades que buscaram apresentar o gênero textual em questão e possibilitar a apropriação deste pelos discentes. Inicialmente, foram apresentados títulos de filmes, séries e livros que circulam entre as/os jovens, a fim de despertar o engajamento e aproximação da turma com a temática das atividades que se seguiram. Em seguida, partimos para a leitura-descoberta de uma fanfiction, a qual possibilitou um primeiro contato com o gênero-foco. Posterior à leitura, foram realizadas atividades de pesquisa sobre as características do gênero fanfic (O que são? Qual a origem do nome e como surgiram? Onde circulam? Quem escreve, para quem escreve e por quê escreve?) e os elementos que o compõem (título, sinopse, categorias, gêneros literários, extensão, obras inspiradoras). A fim de sintetizar os processos de

aprendizagem da proposta, propomos a produção de uma fanfic. Para isso, as e os estudantes precisaram escolher uma obra da qual fossem fãs, escrever um breve resumo da obra inspiradora, a fanfiction e seus elementos. Para o compartilhamento, revisão e correção dos textos produzidos, utilizamos das plataformas Padlet e Moodle, nas quais tanto docentes quanto discentes atribuíram opiniões e sugestões para as futuras reescritas. Na etapa final da atividade, os alunos compartilharam a versão final da sua narrativa com a turma e, após conferir as fanfics compartilhadas no Padlet, interagiram com, pelo menos, a história de dois colegas, com a finalidade de manter o diálogo e a interação, dinâmica a qual é semelhante à que ocorre nos sites oficiais onde as fanfictions são publicadas. Ao final da atividade dinamizada, estudantes produziram textos adequados à situação de comunicação proposta, apropriando-se efetivamente dos procedimentos que envolvem a produção de uma fanfic.

Ao todo foram escritos 42 textos, disponibilizados, inicialmente, na plataforma padlet, no seguinte link: <https://padlet.com/rochelleoliveira/sebl8ozwyje7usj9>. Com isso, foram capazes de desenvolver o senso estético e linguístico e progredir em sua formação leitora-escritora. Após, organizamos esta coletânea.

A capa do livro foi produzida por três estudantes da turma, que buscaram na imagem e no título representar o trabalho realizado. O olho simboliza um vislumbre novo sobre histórias já conhecidas, o que é, justamente, o objetivo do gênero fanfic. O título baseia-se, igualmente, no conceito de fanfic, uma história escrita com base em outra, por isso o verbo escolhido foi reescrever.

Portanto, convidamos todas as leitoras e todos os leitores a conhecer um pouco mais sobre este gênero textual digital e apreciá-lo através das criativas fanfics produzidas pelas e pelos estudantes da turma 11/2022 do Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM.

Cândida Martins Pinto
Rochelle da Fonseca Oliveira

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO: O RITUAL SOMBRIO

Ana Clara Pereira

Em Mystic Falls, o tempo estava ameno. Embora o Sol fosse visível no céu limpo, estava frio. Os raios solares eram barrados pela cortina bege de veludo do casarão de Niklaus Michaelson.

Niklaus estava bebendo um drink. O homem estava parado em frente ao janelão da sala de estar, olhando para a neve derretendo sobre as plantas do jardim. Ele estava bebendo um drink alcoólico às quatro horas da tarde. Essa era uma vantagem de ser um vampiro, pensou ele. Poder ingerir álcool o quanto quiser e sentir sequer metade dos efeitos que normalmente surtiria nos humanos.

Nesse momento, do outro lado do vidro, um beija-flor aproximou-se do chafariz central da decoração do gramado. As asas batendo muito rápido. O homem deu uma leve risada. Era divertido e até engraçado pensar que, por mais que aquele pássaro lutasse para manter-se voando, um dia todo esse esforço feito seria em vão. Um dia aquele beija-flor, que não teve escolha de estar naquele corpo, iria sucumbir à escuridão. O tom leve se esvaiu. O pássaro e Niklaus tinham mais coisas em comum do que se poderia imaginar, exceto pelo fato de que vampiros eram imortais - pelo menos até uma estaca de madeira ser cravada no coração deles.

— Tudo bem, Nik? — Perguntou Rebecca, a irmã vampira do homem, a qual estava escorando-se confortavelmente nas almofadas de encosto do sofá.

— Só estou pensando... — Ele sacudiu a cabeça, espantando aqueles pensamentos e olhou para a irmã. - Enfim, isso não importa. Elena, Caroline e Bonnie estão a caminho?

Ouviu-se um barulho metálico. Era Bonnie abrindo o cadeado dos grandes portões do casarão com um feitiço simples. Sim, ela era uma bruxa. Klaus e Rebecca acenaram para a feiticeira, a qual retribuiu o gesto com um sorriso agradável. Em seguida, ela entrou no banco traseiro do carro preto que estava logo atrás dela. O carro ainda estava com pequenas gotas da chuva que havia caído pela manhã. Antes das três amigas embarcarem no veículo, Elena voluntariou-se para ser a motorista, o que causou um alívio em Caroline. Isso porque há alguns anos, Caroline e seus pais sofreram um acidente de

carro, no qual o veículo caiu em um lago. Os pais da menina morreram e, na verdade, Caroline também. Foi nesse dia que a menina se tornou uma vampira.

— Finalmente chegaram. — Disse Nik, sorrindo para Caroline, sua namorada.

Rebecca se pronunciou.

— Prontos para nós bolarmos o plano?

— Que plano? — Perguntou Elena. — As meninas não me falaram de plano nenhum. Pensei que só estávamos vindo aqui para passar um tempo juntos

— Pobre Elena. - Falou Rebecca estreitando o olhar. — Sempre excluída dos nossos planosinhos maléficos.

Fez-se uma pausa.

— Bom, vamos entrar. — Disse Niklaus.

Rebecca, Niklaus, Caroline, Bonnie e Elena sentaram-se à mesa da sala de estar. O móvel era uma espécie de retângulo com bordas arredondadas e ao mesmo tempo angulosas. Sua superfície era feita de vidro e de marfim.

— Então, — Começou Klaus. — Mystic Falls é uma cidade pequena e normalmente bem pacata. Entretanto, estamos tendo certas visitas indesejadas de dois vampiros especialmente perigosos: os Originais. — Recuperou o fôlego e, logo após continuou. — Há muitos milênios, os Originais já foram humanos. Eles eram irmãos da família Salvatore.

— Salvatore? — Perguntou Bonnie, lembrando-se da aula de história sobre a Guerra de Secessão. — Como Damon e Stefan Salvatore?

— Exatamente. — Respondeu Klaus. — Damon e Stefan Salvatore são os vampiros Originais. Eles dois deram origem a todos os vampiros que existem hoje.

— Mas como eles conseguiram transformar tantos humanos em vampiros? - Interrompeu Caroline.

Klaus explicou:

— Imagine que Damon fosse o integrante zero da linhagem dele. Ele, então, transformou um humano em vampiro, criando o integrante um. Este, por sua vez, criou o dois; este o três; depois o quatro e assim sucessivamente. Todo esse conjunto de vampiros derivados do mesmo integrante forma uma linhagem, porque derivam do mesmo

sangue.

— Isso. — Falou Rebecca. — Então una essa linhagem àquela que Stefan Salvatore criou e você terá todos os vampiros existentes da Terra.

— Entendi. — Afirmou Caroline. — Mas quem transformou os Originais em vampiros?

— Não se sabe ao certo. - Disse Klaus. — Toda vez que alguém pergunta como isso aconteceu, eles respondem uma coisa diferente. Isso se os Salvatore não matarem a pessoa antes disso. — Ele suspirou. — Suspeito que tenha sido ação de alguma bruxa poderosa, como Lilith, a mãe dos Originais.

— Agora que você falou em mãe, Klaus, — Disse Rebecca. — Lembrei de uma parte importante para explicar. Damon e Stefan são irmãos, sim, mas só por parte de mãe. Lilith, antes de dar à luz aos dois, engravidou. Essa gestação daria luz a Damon. O pai da criança chamava-se Gyson, homem o qual ela amava. Entretanto, eles não puderam se casar, porque ninguém na vila em que moravam aceitaria tal união. Então, Lilith teve que se casar com Michael, futuro pai de Stefan. Ela mentiu para o marido que Damon era filho biológico do casal para proteger a criança. Entretanto, Damon sempre foi diferente do restante da família. Isso porque Gyson era um lobisomem, logo, Damon era parte lobo. Lilith, sabendo que não teria mais como esconder que Damon não era filho de Michael, fez um feitiço poderoso. Ela aprisionou a parte lobisomem de Damon em uma pedra chamada Pedra da Lua.

Bonnie pareceu tentar lembrar de alguma coisa por um instante, porém não conseguiu.

— Vou continuar a história. - Disse Klaus. - Quando falei do integrante um das linhagens, referi-me à Katherine Pierce. Os Salvatore competiam pelo amor dessa mulher. Katherine era uma doppelgänger, isto é, uma duplicata. É quando o Universo repete a mesma aparência de pessoas que nem se conhecem e cria uma espécie de ligação entre elas.

Klaus foi até uma estante de madeira branca da sala, abriu uma das gavetas e tirou um pequeno porta-retrato, cujos papel e moldura haviam sido desbotados pelo tempo. Depois, dirigiu-se à Elena:

— Elena, sabe essas constantes sensações de déjà vu que você tem? E esses sonhos que parecem ser situações que você já viveu em realidades totalmente diferentes?

Ela assentiu. Ele aproximou-se dela e mostrou-lhe a foto. A imagem exibia uma mulher exatamente igual à Elena. Essa mulher estava usando um vestido pesado e pomposo, uma cartola feminina e cabelos escuros presos em um coque despojado. Elena nunca havia vestido aquela roupa e sequer visto aquele chapéu. A menina conteve o espanto, abafando a boca com a mão.

— Essa é Katherine Pierce. - Disse Klaus. — Você é uma duplicata, Elena.

Todos olharam para a menina. Ela estava espantada, porém essa revelação uniu as peças restantes do quebra-cabeça para que ela entendesse de onde surgiam essas estranhas sensações que ninguém mais além dela parecia ter. A menina sentiu-se aliviada.

— Bom, - Disse Rebecca. — Isso deve explicar o porquê da vinda dos Originais para uma cidade tão pacata quanto Mystic Falls.

— Acha que eles estão atrás de mim? - Perguntou Elena.

— Com certeza. - Respondeu Rebecca seriamente. — O sangue de duplicatas pode ser usado para vários tipos de rituais. A questão é: em qual ritual os Salvatore iriam precisar do sangue de uma duplicata?

A pergunta pairou no ar por um tempo até que Bonnie se pronunciasse

— Agora lembrei o que eu ia falar. Esses dias, eu estava lendo um livro de feitiços na casa de minha vó. Até que, de repente, veio um vento forte. Escutei algo como se fosse um sussurro de muitas pessoas ao mesmo tempo. Logo após, as páginas do livro começaram a mudar loucamente, até parar em uma que eu nunca havia reparado. Nela, havia escritos sobre a Pedra da Lua. - Ela fez uma pausa e depois continuou. - Já que ela pode ser usada para fazer rituais com duplicatas, será que Damon não está tentando libertar seu lado lobo novamente?

— Deve ser isso mesmo. - Disse Klaus, levantando as sobrancelhas. - Muito bem, Bonnie.

Bonnie levantou-se e falou com pesar:

— No livro, também dizia que eram necessários alguns sacrifícios: o

de um humano, de um vampiro, de um lobisomem... e o da duplicata. — Não! - Exclamou Caroline. — Eu não vou perder uma das minhas melhores amigas para um vampiro Original louco que quer recuperar a sua parte lobisomem. Eles são vampiros Originais. Se quiserem sequestrar Elena, não há como impedir sem todos nós morrermos. — Caroline pensou por um instante e se voltou para a bruxa. — Bonnie, existe algum encanto que possa ser feito para fingir a morte de Elena durante o sacrifício?

— É provável que sim, mas não tenho certeza. — Fez uma pausa. — Minha vó também é uma feiticeira e ela conhece bastante sobre magia. Vou recorrer a ela. — Bonnie já estava virando-se para a porta de saída quando um pensamento lhe ocorreu. — Ah! E uma última coisa antes de eu voltar. Esse ritual deve ser realizado em uma noite de Lua Cheia, fenômeno que vai acontecer hoje à meia noite. Cuidem-se. Principalmente você, Elena.

Assim que Bonnie saiu, um clima tenso pairou na sala. Eram quase cinco da tarde.

— Vou fechar as janelas e trancar as portas. — Disse Rebecca, logo perdendo-se na imensidão da casa.

— Vou ajudá-la. — Disse Klaus. — Esse casarão tem cômodos demais.

Na sala ficaram apenas Elena e Caroline olhando-se por um tempo. Elena sentiu-se um pouco mais segura quando a brisa que vinha do exterior da casa parou de soprar em seu rosto.

— Então eu sou uma duplicata. — Falou Elena, sem esperar uma resposta. Foi mais uma constatação.

— Quem diria. — Respondeu Caroline, sentindo-se surpresa novamente.

— Por que isso teve que acontecer comigo? Tantas pessoas no Planeta Terra e o Universo escolhe justamente quem? Elena Gilbert!

— Calma, Elena. Esse não é o fim do mundo. Bonnie e a avó dela vão dar um jeito de encontrar aquele feitiço.

Elena suspirou profundamente.

— O que é? Você não confia tanto assim na Bonnie? — Perguntou Caroline com uma pontada de decepção.

— Confio, sim. Sei que ela vai fazer tudo o que puder. Só tenho medo de que esse feitiço não exista.

Quanto a isso, Caroline não podia argumentar. A possibilida-

de era palpável.

— O melhor que podemos fazer agora é esperar aqui e torcer por Bonnie e pela vó dela. Não há nada que possa desfazer o fato de você ser uma duplicata, mas pode pelo menos ser uma duplicata menos pessimista. — Disse Caroline.

As duas se entreolharam e riram. Caroline afagou as costas da amiga.

Elena estava abrindo a boca para falar alguma coisa bem no momento em que uma janela se abriu de repente. O ar frio invadiu o cômodo.

— Calma, está tudo bem. Já estou indo fechar os vidros. — Caroline falou e se levantou prontamente, caminhando em direção à janela.

Elena assentiu, pensando o próprio corpo contra as almofadas do sofá. Caroline fechou a janela. Logo após, virou-se para Elena: — Viu? Eu não disse que estava... — Ela parou de falar.

Elena não estava mais no sofá. Deparou-se com um vampiro erguendo Elena com uma força enorme nos braços. “Damon Salvatore?”, pensou ela franzindo o cenho.

— Elena! — Gritou Caroline.

Caroline sentiu a aproximação de um corpo atrás dela. Uma mão tapou a boca da menina e a outra segurava firmemente seu punho. “Stefan Salvatore?”, as perguntas giravam em sua cabeça. Ela tentou desprender-se da criatura, mas não obteve sucesso.

Milésimos de segundos depois, Klaus apareceu na sala. Ele havia atravessado o casarão com sua velocidade vampiresca.

— Caroline! — Ele exclamou e correu para libertá-la.

Caroline foi solta e Klaus saltou em cima de Stefan, golpeando fortemente o Original no peito. Damon saiu pela janela com Elena.

— Vá atrás de Damon, Caroline. Eu cuido do Stefan. — Disse Klaus com um olhar feroz.

Caroline assentiu. Logo após, ela já estava do lado de fora do casarão, perfurando o ar noturno com rapidez. Ela seguiu Damon, o qual estava segurando Elena no colo.

Após um tempo, o Original parou na clareira de um bosque. Caroline escondeu-se ali perto, atrás de algumas plantas. Na clareira, havia um círculo feito com sal e uma bruxa assustadora no centro. Ela

estava segurando uma rocha transparente: a Pedra da Lua. Também estavam ali três pessoas. Cada uma delas estava dentro de um círculo de fogo e acorrentada ao solo. “Devem ser os seres necessários para o sacrifício”, pensou Caroline.

A bruxa pareceu levemente entretida ao ver Elena. Deu uma risada seca e segurou o queixo da menina fortemente com uma mão só. Ela falou com a voz rouca e grave:

— A sua antecessora era mais bonita. Você parece uma cópia barata de Katherine Pierce. — A feiticeira olhou para Damon, soltando Elena. — Pode colocar a garota naquele círculo de fogo. — Disse ela, indicando a direção.

Damon o fez. Caroline foi invadida por uma sensação terrível ao ver uma de suas melhores amigas indefesa daquele jeito. “Tenho que fazer alguma coisa. Porém o quê?”, pensou ela. “Bonnie. — O cérebro da menina lutava para manter o foco em meio ao nervosismo. “Vou mandar o endereço para ela.” Caroline pegou o celular com as mãos trêmulas e enviou a mensagem para a amiga.

— Estamos prontos para começar, Sybil? — Perguntou Damon.

— Sim. — Respondeu a bruxa. — Primeiro vou lhe passar algumas instruções. A primeira parte do ritual é recitar um feitiço de iniciação à cerimônia. Essa parte é um pouco demorada. Depois, ao meu sinal, iniciaremos os sacrifícios. Essa é a parte mais crítica do ritual. Você, Damon, vai drenar cada gota de sangue dessas criaturas exatamente na seguinte ordem: primeiro o humano, depois o vampiro, em seguida o lobisomem e, por último, a duplicata. Assim que a cerimônia estiver completa, você terá sua parte lobisomem, tornando-se um híbrido novamente.

O vampiro e a feiticeira foram para o meio da esfera de sal. A mulher começou a recitar cânticos de magia negra em uma língua parecida com Latim. Caroline checkou o celular a fim de ver se Bonnie havia respondido a mensagem. Nada. Ela mordeu o lábio inferior com força.

— Bonnie está vindo? — Perguntou uma voz.

Caroline estava pegando fôlego para gritar quando ela reconheceu o timbre da voz.

— Sou eu. — Sussurrou Klaus, acariciando o ombro da namorada. A menina suspirou com certo alívio.

— Não sei. Ela não me respondeu. — Caroline pensou por um instante. — O que aconteceu com Stefan?

— Eu explico depois, mas basicamente eu o prendi no porão da casa.

— Falou ele com um sorriso.

— Como você...

— Eu explico depois. — Repetiu ele.

A bruxa começou a pronunciar o encanto com uma entonação maior.

— Estamos ficando sem tempo. Bonnie vai vir ou não? — Perguntou Klaus.

Caroline olhou para a tela do aparelho outra vez. A bruxa havia respondido. “Existe um feitiço. Estou quase chegando.” A menina mostrou a mensagem para o namorado.

— Vamos esperar o máximo que der. — Disse Caroline. — Se Bonnie não chegar a tempo, nós dois vamos dar um jeito de salvar Elena.

— Eu não estava pensando em outra coisa. — Respondeu Klaus.

A feiticeira, dentro do círculo de sal, sinalizou para que Damon começasse o sacrifício do humano. Sem piedade alguma, o vampiro obedeceu ao comando. Caroline virou o rosto e Klaus a tentou confortar. Assim que Damon teve certeza de que a pessoa havia morrido, ele dirigiu-se à próxima criatura.

— Não sou muito fã de beber sangue de vampiros, — Disse ele, com pingos de sangue escorrendo pela boca. — Porém, esta noite, vou abrir uma exceção para você.

Agora, o vampiro também estava morto.

— Agora, você, lobinho.

O lobisomem o olhou com repulsa e com ódio. Damon pareceu divertir-se.

— Vamos acabar logo com isso. — Disse o Original, avançando na aorta do lobisomem.

Nesse momento, Bonnie e a avó dela surgiram discretamente em meio às árvores. Ambas estavam sussurrando um feitiço com muito empenho.

— Damon. — Falou Sybil em tom de alerta. — Temos companhia de outros bruxos. É melhor pararmos o ritual. Esta é a parte mais crítica.

— Não! — Disse ele, caminhando em direção à duplicata. — Hoje eu serei um híbrido outra vez.

Klaus deslocou-se com velocidade e parou na frente de Damon como uma grande muralha

— Não tão rápido. — Falou Klaus.

Damon rosnou e atacou Klaus. Os dois rolaram pela grama, golpeando-se mutuamente.

— Continue com o feitiço, Sybil! — Ordenou Damon.

A bruxa o fez.

Caroline correu até Elena. Com força vampiresca, arrancou as correntes que prendiam a menina. Ela ajudou a duplicata a se levantar.

Damon escapou da luta com Klaus e perfurou o pescoço de Elena com os dentes. A duplicata gritou de dor e de surpresa.

Klaus e Caroline fizeram tudo o que podiam para que Damon a libertasse. Entretanto, o Original era forte demais. Eles viram o sangue da menina esvaír-se do corpo dela, assim como a vida da menina.

Depois de drenar todo o sangue da duplicata, Damon largou Elena e ela caiu no chão. O Original afastou-se dela, colocando as duas mãos na cabeça.

— Ah, sim! Finalmente! — Exclamou ele. — O ritual está completo!

Após um tempo, Sybil e o híbrido deixaram a clareira.

Klaus andou até a namorada.

— Elena... — Disse Caroline chorando ajoelhada ao lado do corpo da amiga.

Bonnie e a avó saíram de trás das plantas e foram até Caroline. A vampira estava com os olhos fechados.

A bruxa agachou-se ao lado de Caroline.

— Veja, Caroline. — Disse Bonnie com a voz suave. — Nós conseguimos fazer o encanto a tempo.

A vampira abriu os olhos, lutando para enxergar com as lágrimas. Ela viu a vida voltar ao corpo de Elena, a qual recuperou o tom saudável e rosado de sua pele.

— O que aconteceu...? — Elena perguntou com a voz fraca e baixa.

Caroline sorriu de alívio e abraçou Elena com força. As lágrimas correram ainda mais pelo rosto da vampira.

— E agora? — Perguntou Bonnie. — Damon vai acabar descobrindo que a cerimônia não funcionou.

— Vai. — Confirmou Klaus. — Então é melhor sairmos logo daqui logo.

A SELEÇÃO: UMA PAIXÃO INUSITADA

Bianca Moraes Romero

Capítulo 1

Era manhã quando America acordou e foi tomar seu café. Por ser de uma família muito humilde de casta Cinco, não tinham tantas regalias, muitas vezes não tinham nem pão para se sustentar pelo dia. Sendo assim, sua comida pela manhã era uma xícara de café preto sem açúcar, pão com queijo e presunto (as últimas fatias que seu pai havia separado para a mesma). A moça tinha uma relação muito boa com seu pai, August Singer. O pai de America passava suas manhãs e tardes no ateliê que tinham dentro de casa. Passava horas pintando telas. No fim dos dias saía da sala com os cabelos castanhos sujos de tinta à óleo. America tinha puxado de seu pai o dom de pintar e apreciar quadros. Sua mãe, Madrid Singer, por sua vez, tem a voz de um anjo, uma musicista muito atenta aos detalhes, tem cabelos ruivos e por mais que fossem simples, Madrid era daquelas pessoas que tinham muito porte e tudo ficava belo nelas. America tinha puxado isso de sua mãe.

Eles trabalhavam com todos os ramos da arte, sua mãe como cantora e seu pai como pintor. Sua irmã mais nova, Calista Singer, de 15 anos, era cantora assim como a sua mãe e ainda tocava muito bem o piano e o violino. E tinha seu irmão mais novo, George Singer, de 7 anos, que ainda não havia descoberto seu talento. Sendo pessoas de casta Cinco, eram considerados artistas negligenciados, não eram famosos como pessoas da casta Dois, por exemplo.

America tinha agora se levantado da mesa para colocar seu prato na pia quando ouviu da sala um barulho de um grito surpreso, que parecia ser de sua mãe. A Sra. Singer tinha acabado de ler, animadíssima, a carta de A Seleção.

A Seleção era uma tradição de Illéa, em que 35 garotas de diversas províncias e castas eram selecionadas para competir com o amor do príncipe herdeiro, Maxon Schreave. America não se importava com a seleção, a única coisa que a moça queria era ser vista como uma artista reconhecida, de prestígio. Receber a carta era sinal de ter sido selecionada. América não ficou nada feliz de ver sua mãe com a carta aberta, lendo que a filha tinha sido selecionada entre

milhares de outras garotas para participar de um certo concurso que até então a moça achava mesquinho e careta.

Sua mãe sinalizou a ovê-la na cozinha para que se aproximasse.

A Sra. Singer falou entusiasmada:

— América! A carta para a seleção chegou, venha!

América se aproxima de sua mãe com o semblante de alguém que não gostaria de ter aquela conversa. América respondeu:

— Emocionante! — ela fala com deboche.

— Vamos América, anime-se você foi selecionada. Uma oportunidade incrível, podendo torná-la a próxima princesa de Illeá.

— Mãe, nesse momento estou mais interessada em minhas encomendas de quadros do que em uma seleção mesquinho!

A Sra. Singer apenas ignorou a filha e chamou seu marido e seus outros filhos gritando, para anunciar á família que América foi selecionada:

— August, George e Calista, venham! América foi selecionada para a Seleção!

August, ao escutar sua esposa, sai do ateliê meio perdido, porém surpreso. Logo atrás dele vinham seus outros filhos animados por terem escutado a notícia de que sua irmã mais velha de 17 anos fora selecionada para a Seleção. O pai de América chega e lhe dá um beijinho na testa meio sem jeito e a abraça.

Calista chega na sala gritando, animada por sua irmã. Ela abraça entusiasmada com a notícia e América retribui o abraço, mesmo nunca tendo desejado ser selecionada. George não entendia muito bem o que tinha acontecido, porém ficou feliz de saber que a irmã tinha sido selecionada em alguma coisa. Deu um abraço nela e disse parabéns.

A Sra. Singer tinha passado o dia inteiro em função de arrumar as coisas de América para quando viessem as pessoas responsáveis pela Seleção levá-la sem tantos empecilhos de esquecer alguma coisa. América protestou muitas vezes para que sua mãe entendesse seu lado de não querer ir para o palácio tentar conquistar o príncipe de Illeá, mas todas as vezes que tentava falar algo, a Sra. Singer mudava de assunto. Calista também ajudou a mãe a arrumar as roupas e outras coisas de América, para que fosse mais rápido. No fim, América iria levar uma mala não tão grande, por ser muito simplória ela

não tinha muitas roupas, mal tinha vestidos, então estava levando três calças jeans, quatro camisetas e alguns outros acessórios.

No outro dia, as pessoas responsáveis pela Seleção tinham acabado de chegar para fazer algumas coisas burocráticas antes de partir ao palácio. América em todo o processo tentava demonstrar o quão desconfortável estava com toda a situação. Porque ela só estava nisso para ajudar a família com a questão financeira, pois não tinha nenhum interesse romântico com o príncipe de Illéa, e tinha isso bem claro para si. América gostava de garotas e não de garotos, mas recebeu instruções de que tinha que estar interessada em participar da Seleção para conseguir o que tanto queria. Sendo assim, se esforçou muito para tentar não transparecer que estava com raiva de tudo aquilo.

América não era assumida para sua família, pois tinha muito medo de decepcionar a todos, mas já não aguentava mais esconder isso para si, ainda mais com a seleção tão perto. Ela teve que engolir a Seleção para ajudar sua família.

Capítulo 2

América chega ao aeroporto para partir à Angeles, capital de Illéa onde fica o palácio. Lá ela consegue encontrar algumas meninas da Seleção e fazer algum contato com as outras selecionadas. Ela avista Celeste Newsome, da casta Dois, província de Clermont. Celeste é uma modelo famosa, América a admirava quando aparecia no canal de televisão aberta de Illéa, era seu ídolo. América foi se aproximando de Celeste quando esbarrou em uma outra menina: Marlee Tames, da casta Quatro, província de Kent. Marlee é uma menina loira de olhos verdes, baixa. Ela era quase o oposto de América em relação à altura. Enquanto América tinha por volta de 1,75, Marlee tinha 1,54.

América ofereceu a mão para ajudá-la. Marlee agradeceu:

— Me perdoe, estou tão nervosa que mal vi você em minha frente. Oh, peço desculpas mais uma vez, nem me apresentei; Me chamo Marlee Tames, de Kent. E você?

Marlee tinha a voz doce, parecia ser uma moça muito meiga.

— Olha, não precisa se desculpar. Me chamo América Singer, de Carolina.

América falou com um certo entusiasmo. Ela pensa em como Marlee parece ser uma pessoa muito querida e tem uma imensa vontade de conversar mais com esta. Quando Marlee foi falar mais alguma coisa, a pessoa que estava organizando chamou todas as selecionadas que estavam ali para entrar no avião que partiria para Angeles. No caminho para entrar no avião Marlee chamou América: — América, você gostaria de sentar comigo dentro do avião? Nunca viajei assim tão longe de casa, ainda mais de avião.

América respondeu tentando disfarçar o medo de aviões: — Claro Marlee, podemos sentar uma ao lado da outra. Confesso que também estou com medo. É minha primeira viagem de avião também.

As moças conversavam o caminho inteiro e descobriram que tinham muito em comum, porém a rotina das duas era bem diferente. Marlee por ser uma Quatro trabalhava em uma fábrica de rádio, mas admirava tudo que América falava sobre arte, pinturas e quadros. Marlee também acabou confessando que estava na seleção para ajudar a família, que não tinha nenhum interesse em conquistar o príncipe de Illéa e na verdade ela não tinha certeza absoluta se gostava de meninos ou se estava se esforçando demais para gostar de um que se inscreveu para a seleção.

Chegado em Angeles, as meninas da seleção não deixaram de notar como o castelo da família real era belo. As meninas foram encaminhadas para entrar dentro do castelo, lá elas foram levadas para um salão enorme onde havia várias maquiadoras e cabeleireiras, para ajustá-las com sua imagem. Marlee e América não se separaram nunca durante o processo, estavam muito interessadas com elas mesmas que não deram muita importância para o que estava ao redor. América puxa Marlee para sentar em um sofá no canto desse salão, percebendo agora que já era noite, onde ninguém conseguia vê-las e ali ficam fazendo os outros se esquecerem delas por algumas longas horas.

As duas acabaram criando uma conexão muito rápida fazendo com que elas se confessassem uma para outra: — Eu sei que pode ser muito apressado Marlee, mas eu sinto que te conheço a muito tempo, é como se fossemos... Almas gêmeas.

Marlee ficou surpresa com a rapidez de América, mas não pode deixar de concordar com América:

— Eu também sinto que estamos nos aproximando muito rápido e eu... gosto disso.

Marlee fica vermelha ao falar isso e percebe que América ficou sem jeito ao ouvir a confissão.

— Marlee... Eu não quero confundir o que está acontecendo aqui, então eu vou perguntar o mais rápido possível e você poderia me responder com sinceridade?

Marlee hesitou em falar, mas logo disse o que pensava:

— Sim, eu posso.

— Você está se sentindo atraída por mim? E se eu estiver confundindo as coisas, por favor, me diga.

Marlee fica sem ar ao responder a pergunta feita por América:

— Eu... Sim, América, eu me sinto atraída por você.

América não conseguiu esconder o sorriso que agora decorava seu rosto cheio de sardas. Marlee coloca uma mão em sua bochecha, aproximando América de um beijo.

AFTER DIARY (DEPOIS DO DIÁRIO)

Bruna dos Santos Martins

Capítulo 1 - Tessa Young

Desde sempre fui ensinada de que a faculdade é algo fundamental pro seu futuro, que é digno de orgulho você ter passado em uma faculdade e conseguir concluí-la, que isso mostra e define o seu próprio valor. Sempre fui considerada uma menina estudiosa, sempre tive isso como prioridade na minha vida e gastava a maior parte do meu tempo estudando, é realmente algo que gosto de fazer, por incrível que pareça. Como consequência disso, meu objetivo sempre foi o mesmo: entrar na faculdade. Apesar dos meus pais terem uma renda muito boa, e que com certeza eles poderiam me sustentar pelo resto da vida, — sim, isso já foi uma opção pra eles — eu optei por eu mesma ir atrás dos meus sonhos, trabalhar com aquilo que gosto e ser eu por eu mesma. Claro que meus pais não concordaram com isso de primeira, mas depois de um tempo, eles aceitaram e me apoiaram. De alguma forma eu queria que a visão das pessoas sobre mim fosse diferente, eu era sempre vista como uma menina mimada e que ganhava tudo sem esforço algum, eu não quero provar para as pessoas que não sou assim, quero provar pra mim mesma que sou muito mais do que isso e que sou capaz de conseguir o que quero sem ajuda dos meus pais.

Como resultado do meu esforço, fui aceita na Universidade Central de Washington, e hoje, finalmente, é o dia que vou me mudar para iniciar os estudos na universidade. Eu estava contando os meses, os dias, as horas, os minutos para esse dia chegar e finalmente chegou, eu estava muito feliz. Passei a noite em claro planejando cada detalhe do que vou fazer hoje, vai ser definitivamente o melhor dia da minha vida em dezoito anos.

E posso ficar ainda mais feliz porque minha melhor e única amiga, Elena Gilbert, foi aceita junto comigo na universidade. O nosso sonho sempre foi entrar nessa faculdade, nós planejamos por muito tempo cada detalhe do nosso quarto, cada objeto de decoração que iríamos comprar, esse era o nosso sonho desde pequenas. Eu e Elena crescemos juntas, nos conhecemos na creche quando ambas

tinham 2 anos de idade, desde então, nunca mais nos separamos.

Elena sempre foi muito parecida comigo em questão de personalidade, na aparência somos bem diferentes, ela tem a pele mais morena, longos cabelos castanhos, olhos escuros e redondos igual jabuticaba, boca fina, sorriso branquinho e um corpo dos deuses. Por esses motivos e outros, Elena sempre se deu bem na escola, todos queriam estar perto dela e fazer amizade, ela era uma garota super popular, e talvez na faculdade não seria diferente. Ela é uma garota muito estudiosa e focada, ela vai atrás do que quer sem pensar duas vezes — uma personalidade forte eu diria —. O ensino médio todo gostava muito dela pela simpatia e delicadeza, admiro muito Elena por ter chegado onde chegou pela força de vontade.

Capítulo 2 - Hardin Scott

Eu não sou um cara mal, ao contrário do que muitos pensam, eu só vivo a vida como ela tem que ser vivida. Meu nome é Hardin. Hardin Scott. Eu tenho no total 187 anos, mas parei de envelhecer quando fui mordido aos 18 anos. Sim, eu sou um vampiro, e hoje eu vivo por aí como um adolescente de 18 anos prestes a cursar uma faculdade.

Desde que fui mordido e transformado, minha vida mudou totalmente. Eu vi meus pais e irmãos morrerem, e sempre me perguntava porque isso aconteceu justo comigo. Depois que a fase ruim passou, eu comecei a aceitar o que estava acontecendo comigo, e foi aí que eu me tornei uma pessoa — ou não — totalmente diferente. Desliguei minha humanidade e matei muitas pessoas em massa, eu entrei em estado de desespero por sangue, era tudo o que eu precisava e tudo o que eu queria, e fui atrás disso. Invadia cidades pequenas à procura de algo para comer e acabava me alimentando dos próprios moradores. Ninguém, ninguém conseguia me parar. Eu cheguei no meu ápice e recorri aos Irmãos Salvatore.

Eu sabia que eles iriam me tirar dessa, e foi o que eles fizeram. Os Salvatore são os caras mais foderados que eu conheço, Stefan e Damon são vampiros mais velhos e têm mais experiência do que eu. Não foi nenhum deles que me transformou, mas eles me ajudaram no início quando eu estava despreparado para viver isso.

“Cara, por favor, eu preciso de ajuda”. Eu cheguei na mansão chorando, desesperado por não saber o que fazer comigo mesmo, eu precisava de ajuda, não queria me ver matando mais pessoas.

“Hardin, cara, o que aconteceu?”. Stefan disse, preocupado como sempre. Stefan sempre foi o mais responsável dos irmãos, ele é o que mais se preocupa comigo. O problema foi que eu sumi por algum tempo da vida deles, e até pedi para não me procurarem, e foi o que fizeram. Por um lado foi bom e por outro foi ruim.

“Eu preciso parar de matar as pessoas. Eu não consigo me controlar. Eu não sei o que fazer”. Eu disse totalmente abalado. Eu estava fraco, aquela situação em que eu me coloquei já estava saturada.

“Cara, você devia ter vindo bem antes, não acredito que deixou chegar a esse estado”. Damon disse se aproximando e com um tom preocupado. Para ver Damon preocupado, a situação tem que ser séria mesmo. Damon é sangue e osso por dentro.

Eles conseguiram me ajudar, me cuidaram por vários dias e consegui sair daquele vício por sangue. Mas Damon teve uma ideia.

“A partir de agora, nós três vamos ingressar na CWU, a famosa Universidade Central de Washington, e quem conquistar uma garota primeiro, ganha minha garrafa de whisky mais antiga”. Damon disse com a sobrelheira arqueada e num tom desafiador.

“Tô dentro”. Eu e Stefan falamos na mesma hora. Lá vamos nós.

Capítulo 3 - Primeiro dia

Hardin Scott

A universidade era linda, enorme e cheia de pessoas, por um momento pensei em como eu mesmo reagiria agora se estivesse na situação de antes, ia ser realmente bem complicado. Bom, eu vim cumprir com o desafio, e eu tenho certeza que vou ganhar do Stefan, ele é um cara muito lerdo para fazer alguém se apaixonar por ele.

Nós três conseguimos um quarto juntos — na verdade o Damon conseguiu —, isso quer dizer que nós três vamos viver lindamente como três irmãos normais que passaram na faculdade e estão à procura de um romance. O amor é lindo. Eu soube que nos

alojamentos, os banheiros são compartilhados, e isso quer dizer que todos tem chances de te ver pelado. Não era bem isso o que eu queria, mas eu preciso daquela garrafa de whisky de 1800, e eu estou disposto a cumprir com o desafio.

Tessa Young

Eu cheguei na universidade totalmente ansiosa e desesperada para conhecer e viver tudo, eu tinha cada detalhe do meu dia planejado. Elena estava comigo e estava tão ansiosa quanto eu. Finalmente nós estamos aqui, 100% focadas.

Já estava tudo pronto e organizado, tudo no seu devido lugar. Eu e Elena achamos nossos quartos rapidinho e foi fácil organizá-lo, agora é só tomarmos um banho e descansar pra amanhã estarmos bem dispostas para o primeiro dia.

Tomar banho é a parte mais difícil em um alojamento onde o banheiro é compartilhado, todos andando seminus num banheiro com todos os gêneros, eu realmente não imaginava isso. Eu havia escolhido uma roupa muito confortável pra usar e não via a hora de tomar um banho quente. Entrei no banheiro e fui em direção a um chuveiro. Liguei o chuveiro e assim que a água bateu no corpo, uma onda de dúvidas invadiu a minha mente:

“Será que vou conseguir?”

“Será que meus pais vão ficar bem?”

“Será que vou me adaptar?”

“Será que vou conhecer muitas pessoas novas?”

“Será que vou me magoar?”

“Será que vou me apaixonar?”

Naquele momento ali, eu me sentia insegura, eu sentia medo, e talvez até solidão. Eu estava sem meus pais perto de mim, mas preciso me acostumar. Sabia que não seria fácil no início, mas tenho certeza que vou conseguir, sei que sou capaz.

“Droga”, pensei alto. Eu não tinha levado a roupa para colocar depois do banho. Sai correndo em direção ao meu quarto desesperada por estar naquela situação, abri a porta na minha velocidade máxima e só pensava em fechar a mesma. Fechei a porta e vi uma figura masculina.

“Ai meu deus! Me desculpe, me desculpe. Estou com os olhos fechados e já estou indo, me desculpa mesmo.” o garoto disse. Nesse momento, eu não conseguia respirar mais. “Já não era o suficiente toda aquela vergonha?”, pensei comigo mesma. Eu literalmente paralisei, olhei para baixo para me certificar que tudo estava coberto, e estava, graças a Deus.

“O que você tá fazendo aqui?”, perguntei com uma expressão assustada. “Como você entrou?”. Eu estava realmente muito confusa e irritada. “Sai agora!”, gritei.

“Me desculpa mesmo, eu entrei no quarto errado, realmente me enganei, me desculpe de novo. Meu nome é Hardin, muito prazer”, ele diz. Na hora de falar o nome dele, tenho certeza que vi ele dar um sorriso malicioso. Que nojo.

“Sai garoto!”, eu gritei novamente, só que mais alto. Ele sai com a cara fechada. Por um momento me senti aliviada. Coloquei minha roupa e deitei para dormir.

Hardin Scott

Eu estava caminhando pelos corredores do alojamento e vi uma porta de um quarto aberta, como a curiosidade não matou o gato, eu entrei no quarto a fim de encontrar alguém para conhecer. O quarto estava extremamente organizado, aparentemente duas meninas dormiam ali, havia uma enorme estante de livros do lado esquerdo do quarto, tinha muitos livros que eu já tinha lido. Eu peguei um pelo qual eu me interessava mais, sentei na cama e comecei a ler algumas partes. Quando vejo, uma menina loira entra correndo no quarto só de toalha e totalmente desesperada.

“O que diabos essa garota está fazendo só de toalha em um alojamento com mais de quinhentas pessoas rondando pelo espaço?!” pensei comigo mesmo.

“Ai meu deus! Me desculpe, me desculpe. Estou com os olhos fechados e já estou indo, me desculpa mesmo”, foram as únicas palavras que eu consegui dizer. Eu confesso que abri meu olho um pouco, a loirinha era bonita. Ela olhava para baixo envergonhada, com o rosto todo vermelho, parecia estar irritada também.

“O que você tá fazendo aqui?”, ela perguntou com uma expressão assustada. “Como você entrou?”. Ela estava muito irritada, era

visível. “Sai agora!”, gritou. Por um momento me senti envergonhado, mas passou quando lembrei do desafio.

“Me desculpa mesmo, eu entrei no quarto errado, realmente me enganei, me desculpe de novo. Meu nome é Hardin, muito prazer”, eu disse, lançando um olhar malicioso ao dizer meu nome. Talvez essa seria a minha chance de fazer alguma garota se apaixonar por mim, e essa garota vai ser ela.

“Sai garoto!”, ela gritou novamente, mas ainda mais alto. Eu saí do quarto cabisbaixo, mas sabendo que logo encontraria com ela novamente.

Tessa Young

No dia seguinte, acordei bem cedo pra conseguir tomar um café completo antes de ir a aula. Elena foi direto para a sala de aula organizar suas coisas, não quis ir tomar café. Prometi que levaria um café assim que terminasse de comer, ela aceitou e foi para a aula.

Tinha uma única padaria no campus, tudo parecia ser muito gostoso, pedi para atendente uma torrada e um café para tomar na padaria mesmo. Meu pedido chegou. Enquanto eu comia, olhava minha agenda pra ver se tudo estava certo e no seu devido lugar.

Eu estava muito feliz, novamente um sentimento de orgulho me invadiu, mas acabou vindo à minha mente o acontecimento da noite anterior. Para falar a verdade, eu fiquei uma boa parte da noite pensando no garoto que estava no meu quarto. Ele tinha um estilo muito diferente do meu, tinha várias tatuagens, tinha braços enormes — com certeza ele faz muitos exercícios —, o cabelo era escuro e grande, e usava roupas em tons escuros; definitivamente o oposto de mim, nunca me apaixonaria por um cara assim.

O sininho da porta avisando que alguém entrou fez um barulho e despertou meus pensamentos. Era ele. Eu travei, de novo. Eu desviei o olhar rapidamente, mas quando vi, ele estava vindo na minha direção. Eu juro que não sei o que fiz de errado para passar tanta vergonha.

“Oi! Sou o Hardin, o garoto que entrou ‘sem querer’ no seu quarto”. Ele diz, “sem querer” fazendo um sinal de aspas nas mãos. Era um tom debochado. Ridículo, mas bonito. Ele usava roupas em tons escuros novamente, ele deve gostar, o cabelo estava bagunçado e os

braços cobertos. Ele realmente deve ser um galinha. Dei um sorriso de canto demonstrando surpresa por ele ter vindo falar comigo.

“Oi Hardin! Imagino que queira muito saber o meu nome agora, e vou te fazer esse favor”, eu digo com um olhar confiante. No fundo, a última coisa que eu sentia no momento era confiança. Ele dá um sorriso de canto e da abertura para eu falar.

“Meu nome é Tessa, e não, você definitivamente não entrou no meu quarto ‘sem querer’” eu digo lançando outro olhar confiante. Eu sou uma farsa.

“Muito obrigado por fazer esse favor Tessa, eu realmente fico muito feliz”, ele diz com deboche novamente. Que cara insuportável. Eu dou um sorriso debochado.

“Eu gosto de um desafio. Boa aula Thereza Young.” Ele diz com um rosto confiante e logo sai.

É claro que ele já sabia o meu nome. Eu paralisei novamente. Impossível que isso esteja acontecendo justo comigo. Mas estava confiante, por incrível que pareça. Eu já notei o tipo de garoto que Hardin é, eu saquei a dele. Hardin é o tipo de garoto que causa onde quer que ele passe, mas ele tem algo de diferente. O futuro nos aguarda Hardin Scott.

Hardin Scott

“Eu gosto de um desafio. Boa aula Thereza Young.”, eu disse confiante e logo saí. Eu disse que iria encontrar ela novamente, eu tenho certeza que ela será a minha garota.

O SEGREDO NA ILHA: O CAOS É INEVITÁVEL

Bruno Dalmolin Ribeiro de Souza

Capítulo 1

“Um de nós tem que ir no quadro sozinho.” — Milo.

“Eu não vou olhar para aquele quadro sozinho de jeito nenhum.” — Olivier.

“Eu acho que o mais velho tem que ir.” — Bárbara.

“Eu vou então. Me dá essa merda.” — Amelie.

Amelie pega a lamparina da mão de Bárbara e segue sozinha ao quadro da Noralma.

“Eu tô vendo que vou tomar bem lá no meio.” — Amelie diz pra si mesma.

Amelie se aproxima lentamente do quadro de Noralma na escuridão da noite.

Quando Amelie observa o quadro de perto, sente como se o quadro estivesse derretendo e chamando por ela. Também sente como se o quadro a observasse de volta. É hipnótico.

Os pelos do braço de Amelie se arrepiam. Ela sente algo pingando em seu braço. São suas lágrimas, ela está chorando, chorando de medo.

“Por que eu estou me sentindo com tanto medo?” — Amelie.

Amelie começa a sentir um vazio. O seu redor é vazio, ela é vazia, a única coisa que a preenche é o medo.

“Amelie”

Amelie ouve seu nome sendo chamado atrás dela. Quando ela se vira para trás, depara-se com a noiva fantasma. Uma figura encapuzada e derretida, olhando no fundo da alma de Amelie.

“Por que você fez isso comigo?” — Noralma.

“O que? Eu não fiz nada!” — Amelie.

“Se você realmente me ama, POR QUE VOCÊ QUER DESTRUIR A MINHA VIDA?” — Noralma.

“Eu nem te conheço, por favor me deixe em paz.” — Amelie.

“ME CHAME PELO MEU NOME!” — Noralma.

“Você, você estragou tudo. E se alguém descobrisse isso!?” — Noralma.

Os outros três ouvem Amelie gritando de longe.

“Que isso gente?” — Bárbara.

“Foi a minha irmã.” — Olivier.

“Nós tínhamos algo tão puro. Você entendeu tudo errado.”

— Noralma.

Amelie começa a gritar por Socorro desesperadamente.

Noralma se aproxima de Amelie. Amelie entra em choque, derrubando a lamparina e caindo no chão.

“AMELIE!” — Olivier.

Olivier, Milo e Bárbara correm da biblioteca em direção ao corredor do quadro.

Ao chegarem lá, enxergam Amelie convulsionando no chão. Ao se aproximarem, veem as pupilas dela com tamanhos diferentes, e também com veias pretas no seu rosto.

“Amelie! Amelie!” — Milo.

Amelie levanta-se do chão com os olhos fechados.

“Amelie, você está bem?” — Olivier.

Quando Amelie abre os olhos, o grupo vê que eles estão dourados, quase marrons.

“Amelie, seus olhos.” — Bárbara.

Amelie começa a rir de uma maneira psicótica.

“Amelie, que merda é essa?” — Milo.

“O caos, O CAOS É INEVITÁVEL!” — Amelie.

Amelie continua a rir enquanto anda para trás.

“Amelie, para de brincadeira.” — Olivier.

“Oh irmãozinho, não se preocupe, logo todos vocês vão se juntar a nós.” — Amelie.

“Nós quem? quem Amelie?” — Bárbara.

Amelie encosta no quadro.

“Vocês irão descobrir.” — Amelie.

Amelie afunda dentro do quadro, assim desaparecendo dali.

“AMELIE!” — Os três gritam quando veem Amelie entrar no quadro.

Oliver corre até o quadro e tenta entrar, porém o quadro voltou a ficar sólido.

“AMELIE! POR FAVOR, VOLTA!” — Olivier.

Oliver chora enquanto bate no quadro.

Todos desabam no chão de tristeza por Amelie ter desaparecido.

DOUTOR ESTRANHO NO MULTIVERSO DA DC

Edgar de Souza Lima Neto

Após América e Doutor Estranho serem atacados por Wanda em Kamar-Taj, América abre um portal para o universo da DC, entrando no momento em que a Liga da Justiça ressuscita o Superman.

Todos da Liga justiça, incluindo o Superman, ficam surpresos por América e Doutor Estranho aparecerem do nada. Com um estranho portal com formato de estrela atrás de América, Superman começa a sentir um poder estranho vindo dele e rapidamente o destrói, fazendo com que o Doutor Estranho e América sejam jogados para longe.

Batman, que estava presenciando a cena, leva Doutor Estranho e América para a sua Batcaverna e os prende, questionando o que era aquele portal, quem são eles e se eles eram aliados aos Parademônios.

Doutor Estranho conta o que estava acontecendo no seu universo e quem é Wanda e o que ela quer.

— Eu sou o Doutor Estranho e essa é apenas uma Jovem perdida, chamada América.

— E o que vocês estão fazendo aqui? (Cyborg pergunta)

— Fugindo da Wanda. (América responde)

— Quem é Wanda? (Aquaman pergunta)

— Uma feiticeira muito forte e louca. (América responde)

— Wanda tem... a Feiticeira Escarlata tem o Darkhold, um “livro amaldiçoado” que faz você se teletransportar para o seu eu de outro universo quando você quiser. (Doutor estranho completa)

— Mas por que ela está fazendo isso? (Batman pergunta).

— Ela quer roubar o poder dessa jovem e viver com seus 2 filhos de outro universo, e pelo visto vai ser muito difícil pará-la.

Rapidamente Cyborg acredita em Doutor Estranho e os convoca para participar da Liga da Justiça e ajudá-los a derrotar os Parademônios, porém Doutor Estranho não sabia o que estava acontecendo e pensava que apenas a Wanda era a pessoa por trás da destruição dos Multiversos.

— Como assim? Não é só a Wanda que está causando problemas? (Diz o Doutor Estranho assustado).

Mulher maravilha conta o que está acontecendo, e quem são os Parademônios e completa contando o que são as Caixas Maternas.

— Bem que eu queria, mas tem os Parademônios e o Rei deles. Eles querem dominar tudo e todos, e nós temos que derrotá-lo antes que consiga pegar todas as Caixas Maternas.

— Tá... E o que são essas “Caixas Maternas”? (Doutor Estranho pergunta).

— Caixas com poder de fortes guerreiros passados. Com um poder muito forte. (resposta da Mulher Maravilha).

— Mas e aí? Vai nos ajudar? (Cyborg completa).

Doutor Estranho juntamente com América concordam em ajudar a Liga da Justiça em derrotar os Parademônios e esconder as Caixas Maternas, em troca de derrotar Wanda.

Em outro lugar...

Wanda consegue entrar no universo da DC e encontra os Parademônios. Ela faz um acordo com eles para capturar a América com vida e voltar para seu universo na paz e em troca derrotar ao lado dos Parademônios a Liga da Justiça.

Voltando para a Liga da Justiça.

Doutor Estranho e Cyborg tentam formular um plano para derrotar Os Parademônios, enquanto América treina com a Mulher Maravilha para tentar controlar o seu poder.

América começa um treino “pesado” para conseguir controlar o seu poder, já que eles não sabiam se seriam atacados do nada, ou se era hora deles irem atacar. Mulher maravilha força mais a América, fazendo seu treinamento ser intenso e com poucas pausas.

— Isso não acaba nunca, eu não sei controlá-lo. Ele simplesmente acontece quando eu estou com medo. (Diz América enfurecida e cansada)

— Se acalme jovem, transforme esse medo ao seu favor e se concentre para criar um portal. (Mulher maravilha responde).

— Você acha que eu não estou fazendo isso? Não tem como, já tentei muitas vezes e não vai, nunca vai.

— Concentre-se! Você vai conseguir.

Passaram-se alguns dias e eles ainda estavam tentando encontrar um plano perfeito, com uma vitória de 99%. Algo “impossível”

porque não sabiam o que estava por vir, o futuro é algo que pode mudar a qualquer momento.

Doutor Estranho e Cyborg tentavam encontrar um plano perfeito, porém sem sucesso, faltava algo para que chegassem à perfeição. De repente, Aquaman propôs uma ideia, e o Flash, que estava lá, completa com algo que pode ajudar muito eles neste plano.

Entretanto, a ideia deles vai ser muito difícil, mas se conseguirem vai ajudar o plano a ficar perfeito.

— Tive uma ideia. E se a gente juntar nossas forças e aproveitarmos a Caixa Materna para pegar poder? (Diz Aquaman).

— E se... formos conquistar o Superman? Ele é muito poderoso e vai nos ajudar demais, e acho que usar a Caixa Materna para pegar poder seria muito desnecessário. (Completa o Flash).

A ideia deles era “pedir” ajuda ao Superman, só que o Superman ainda não está lembrando deles e pensa que eles são uma ameaça. Doutor Estranho acha uma boa ideia e Cyborg acredita que seja possível, porém muito difícil. E assim vão eles, em uma jornada mais rápida possível atrás do Superman, antes que seja tarde demais.

Chegando em uma casa no meio do nada, eles encontram o Superman, mas ele não gostava de receber visitas surpresas, começando uma simples briga (novamente). Até que chega sua antiga “namorada” e que consegue acalmá-lo. Ela conta que a Liga da Justiça não quer acabar com ele, mas querem apenas a sua ajuda.

Batman conta o plano para o Superman, de detalhe em detalhe, explicando tudo o que aconteceu e quem realmente são seus inimigos. Agora a Liga da Justiça estava completa.

Eles voltam e se reencontram com a América e a Mulher Maravilha, que mesmo depois de seu treinamento rígido, ainda não consegue controlar o seu poder. Doutor Estranho, América, Mulher Maravilha, Cyborg e os outros começam a se preparar e colocar o plano em prática.

Um tempinho depois chegou a grande hora, o dia, a hora em que eles iriam derrotar os Parademônios. A Liga da Justiça, Doutor Estranho e América vão para o ponto de encontro, o lugar onde estava a “colmeia” dos Parademônios.

Chegando lá, começam uma luta rápida com a imensa horda dos Parademônios, eles eram fracos, porém muitos. A horda deu

trabalho para os “heróis”, mas eles passaram tranquilamente, sem se machucar, até chegar no centro da “colmeia” e encontrar o Rei Parademônio e a Wanda. O que foi uma grande surpresa para o Doutor Estranho, porque Wanda não é de se juntar a ninguém.

Agora assim começa uma guerra, uma luta frenética, uma luta que vai durar horas. Liga da Justiça, mais Doutor Estranho e América contra Wanda e o Rei Parademônio.

— Será que a gente consegue derrotá-los? (Flash pergunta)

— Com certeza. (Afirma Aquaman)

— Só fique sabendo Flash, não vai ser nem um pouco fácil. (Completa Cyborg).

E assim começa A Guerra, os fortes ataques que o Rei Parademônio tinha com certeza machucava um herói, e com a ajuda da Wanda, era possível derrotar um ou mais heróis, mas isso vai acontecer, com a combinação de golpe dos heróis que estavam em harmonia e com o plano em prática, eles batiam nos vilões, até mesmo com a Wanda usando seu “livro”.

Porém nem tudo é tão fácil, o Rei Parademônio tinha uma carta na manga, uma bomba forte, que explodiu e jogou os heróis para longe, dando tempo para se recuperarem. Mas algo “salvou”, ou melhor dizendo, “ajudou” no momento. América conseguiu criar um portal, teleportando ela, Doutor estranho e Wanda para o seu universo, separando, assim, a Marvel da DC.

Agora é cada herói com o seu vilão. Doutor Estranho e América contra Wanda, e a Liga da Justiça contra o Rei Parademônio.

Doutor Estranho e América conseguiram aguentar os golpes que Wanda tinha com sua magia, até o momento em que América finalmente consegue criar o seu portal, usando a sua magia sem estar com medo. O portal mostrava os dois filhos de Wanda de outro universo. Os filhos ficaram assustados com a “aparência” de Wanda, como uma má pessoa.

Wanda se arrepende, porque agora seus “filhos” sabem quem ela é, o seu lado ruim na verdade.

Na Liga da Justiça foi mais complicado derrotar o vilão, ele tinha um grande poder, sendo assim, difícil de combatê-lo, ainda mais com a horda que ele tinha, que mesmo sendo fraca, atrapalhava muito. Os heróis tiveram que usar tudo o que tinham, combinando

ataques até encontrar uma fraqueza certa. E encontraram uma simples falha que ele tinha nas costas, mas como nada é fácil, o Rei Parademônio defendia aquilo toda vez, até mesmo com a velocidade do Flash.

Mas eles tinham um plano ainda, o plano quase perfeito. Superman e Mulher Maravilha, com a grande força que tinham, seguraram o mais forte possível o Rei Parademônio, fazendo com que os outros heróis focassem na fraqueza do vilão e usando a falha que ele tinha para derrotá-lo.

E não é que conseguiram? O Aquaman com seu Tridente fincou na falha e com a força do Cyborg e da velocidade do Flash conseguiu abrí-la, matando o Rei Parademônio.

Finalmente acabou. O grande problemão que os heróis tiveram terminou e agora podem “descansar”, talvez por muito tempo, talvez por pouco tempo. Será que eles vão se encontrar de novo e com um vilão mais forte ainda? A DC e a Marvel inteira contra um Ser muito, muito poderoso? Talvez um dia isso aconteça, só talvez...

ODISSEU, HUMANO

Felipe Hayashi Durigon

O olho de Odisseu via ao longe as vagas ameaçadoras, grandiosas, poderosas. Quebravam em si mesmas, chegavam nas areias da praia embalando a melancolia de Odisseu. Mas Odisseu não queria um embalo, Odisseu queria a raiva, o ódio, estava com os nervos excitados. Queria mesmo é que as vagas viessem até a praia fustigá-lo, desafiá-lo para ele dominá-las e com isso dominar seu desespero. Tinha sido herói, sim, fora astucioso. Fez os aqueus vencerem Tróia, mas esses tempos se perderam porque ele se perdeu, foi parar em mares estranhos onde as vagas quebraram a nau, levaram os seus companheiros, racharam Odisseu também. E agora ele não se lembrava de quando e onde, no silêncio daquela ilha só crescia a agonia no seu coração. Há muitos anos largara Penélope, largara seu filho, Telêmaco, ainda bebê, e agora vinha o terror: esquecer-se. Dez anos combatendo em terras estranhas por uma cobiça estranha fez ele esquecer-se do choro da criança, de sua voz. Ficava em seu coração somente o vazio e em seus olhos, lágrimas que pareciam nascer das vagas, vagas onde Odisseu outrora fizera sua glória, vagas subindo, descendo, naufragando Odisseu.

No futuro muitos dirão que Odisseu, nosso herói, fora rei de Ítaca. Ora, isso não podia ser mais falso. Odisseu era das massas comuns dos aqueus convocadas para lutar uma guerra a qual não entendiam. Também não de espalhar outras mentiras, não de dizer que Odisseu possuía grandes músculos, era alto, esbelto, que possuía força física e tinha o mais sagrado dos atributos: o da beleza. Na bem da verdade, triste verdade, frente a si sua aparência era como que irrelevante. Seu corpo era de somente mais um alguém marcado pela dura verdade da vida. Porém, Odisseu não era como os outros aqueus. Foi Odisseu quem fê-los ganhar o conflito. Simples, mas inteligente, propôs o plano de maneira descontráida, quase brincando, para os companheiros de guerra. Um general apossou-se da ideia e tomou seu crédito, usou-a e citou como elementos inspiradores somente os deuses. Com o plano de Odisseu, a guerra foi vencida pelos aqueus e os homens puderam voltar às suas casas. Quer dizer, nem todos. Acabou que a nau de nosso herói foi pega em uma fortíssima tempestade marítima, que matou todos os seus companheiros e quebrou a embarcação. Odisseu conseguiu sobreviver

agarrando-se a um pedaço da quilha e flutuou até uma ilha deserta, desfrutou da piedade dos deuses. Piedade? Odisseu não sabia. Agora iria morrer aos poucos na ilha, envelhecendo lentamente, enlouquecendo, sofrendo. Às vezes desejava ter sido morto na tempestade, mas quem era ele para questionar a obra do Cosmos.

A ilhota não era muito grande, nem muito pequena. Seu solo arenoso trazia sempre a lembrança do mar, mar onde Odisseu fracassara. Estendiam-se por ela matos contorcidos pela salinidade e pelo calor, e no centro da ilha havia um bosque com árvores estranhas ao aqueu. Embora fosse pequena, a comida não era difícil de achar, pois suas praias formavam pequenas enseadas onde a pesca era fácil. Mas aos poucos a pequenez da ilha enlouquecia Odisseu, sua eternidade, seu eterno céu azul, azul infinito somado com aquele verde constante, inescapável, sempre lembrando Odisseu que não estava em casa. E o herói gritava, chorava por dentro, pingava sangue de seu coração.

Odisseu tentara sair do lugar algumas vezes. Derrubou árvores, amarrou os troncos com jeito e firmeza, ergueu um mastro bem planejado, improvisou, mas com cuidado, uma vela. A jangada deslizou sobre as ondas, encontrou tempestade, fortíssima tempestade, enviada por Poseidon provavelmente, e vacilou, foi aos poucos quebrada, naufragou. E Odisseu voltou a nado para a ilha. Ele derrubou árvores novamente, amarrou os juncos com firmeza, ergueu mastro, improvisou uma vela. A jangada tropeçou sobre as ondas, encontrou forte tempestade, enviada pelos deuses provavelmente, vacilou, quebrou na metade, naufragou. E Odisseu voltou a nado para a ilha. Derrubou árvores, amarrou os troncos, ergueu mastro. A jangada dismantelou-se nas ondas mais fortes, enviadas por sabe-se lá o quê. Derrubou, amarrou, ergueu, improvisou. Naufragou mesmo assim.

Depois de tantos fracassos, Odisseu sentou-se à praia. Seu olho via ao longe as vagas ameaçadoras, grandiosas, poderosas. Quebravam em si mesmas, chegavam nas areias da praia embalando a melancolia de Odisseu. Mas Odisseu não queria um embalo, Odisseu queria a raiva, o ódio, estava com os nervos excitados. Queria mesmo é que as vagas viessem até a praia fustigá-lo, desafía-lo para ele dominá-las e com isso dominar seu desespero. Ficava em seu coração somente o vazio e em seus olhos, lágrimas que pareciam nascer das vagas, vagas onde Odis-

seu outrora fizera sua glória, vagas subindo, descendo, naufragando Odisseu.

Pegou um punhado de areia e viu os grãos escaparem gradualmente de suas mãos. Olhou para os céus, pediu, “Deuses, por favor, se me ouvem, ajudem-me! Eu que nunca derramei sangue humano por vontade própria, eu que ajudei meu povo a viver em paz, eu imploro, ajuda esse ser que não possui mais nada a não ser vocês.” Um silêncio pesado seguiu a fala de Odisseu. Sob os ares e sobre a terra, nada se fazia ouvir, Odisseu esperou alegremente uma resposta, mas era só um mero acaso, os pássaros voltaram a cantar, o vento voltou a soprar e as vagas continuavam a erguerem-se, a quebrarem. Foi só ali que ele conseguiu ver que os deuses não se importavam com pessoas como ele. Por dez anos batalhou por seu povo, levou a cabo o serviço de matar os troianos no sono profundo, ateou as chamas que consumiram a cidade. E assim que os deuses recompensaram suas virtudes? Naufragando-o e abandonando-o, divertindo-se com as suas falsas esperanças? Sentiu-se tolo por ter pedido ajuda aos deuses. Esses deuses! Deuses entre aspas, supostos deuses que pregam a arrogância. Deuses para alguns, propriamente falando. Isso, agora Odisseu ajeitou as ideias, viu que os deuses eram criaturas horríveis, desprezíveis, más, mas poderosas. Não podiam ser combatidas; a única represália que Odisseu poderia fazer era de quietude indignação. Se sempre reclamasse, se sempre fosse irado com a vida, estaria de alguma forma combatendo aquela arbitrariedade cruel do divino, embora não soubesse como. E assim provou o maior dos males dos homens, a esperança. Esperava que um dia algo seria melhor. Todos os dias querendo que tudo fosse diferente e sabendo que não podia ser diferente, incompatibilidade que o enraivecia. E viveu dez anos no leixão deserto reconhecendo o quão amarga era a sorte humana. Tal é o homem, a única espécie que se dedica a reconhecer como sofre.

A esperança teve seu abençoado fim quando Odisseu foi beber água em um pequeno lago da ilha. Já estava preso nela havia muitos anos, mas não esperava ver o que viu. Quando se abaixou para pegar a água nas mãos, viu seu rosto. Ele estava com rugas. Não repleto delas, mas grandes e numerosas o suficiente para marcar sua velhice, para marcar que ele estava morrendo. “Morrendo”, Odisseu pensou, atordoado. Nunca pensara que ia morrer na ilha. Nunca pensara que, quando desistiu de sair daquele lugar, desistiu de rever seu filho e sua esposa. Pensou em

Penélope com rugas, em Penélope morrendo, e seu filho quase adulto cuidando de sua própria mãe. “Não pode ser”, pensou Odisseu. Mas era. Todo aquele tempo odiando, roendo o espírito com a raiva dos deuses, foi tempo desperdiçado. Não havia mais volta. Odisseu entrou em desespero, em prantos, passou a andar de um lado para o outro, pensando em Penélope com rugas, com cabelos brancos. Se, Odisseu pensou, se Penélope ainda estiver viva. Cansou de pensar, de desesperar. Apoiou-se em um tronco, deslizou até o chão. E rompeu uma barragem, olhando as vagas deixou as lágrimas brotarem pela primeira vez. Gotejaram como gotejou a chuva no dia em que Odisseu partiu, como gotejou a chuva na tempestade que matou seus companheiros. O aqueu finalmente viu, de nada adianta esperar, pois ele não esperava coisa alguma.

Odisseu resolveu tentar mais uma vez. Resolveu contrariar os deuses, resolveu partir. Enxugou as lágrimas, dirigiu-se no mesmo dia ao bosque onde fizera as outras jangadas. Cortou árvores, dispôs os troncos, amarrou-os com firmeza, com jeito, com mágoas e arrependimento de não ter tentado antes, de ter desistido tão cedo. As lágrimas atrapalharam a visão de Odisseu quando ele ergueu o mastro. Improvisou uma vela. E com um suspiro de coragem, empurrou a embarcação em direção às águas.

Comprimida entre o céu e o mar, a jangada deslizou sobre as ondas, aos poucos foi se afastando da ilha. O vento soprava levemente, levantava a maresia, provocava náuseas, fazia a travessia mais penosa para Odisseu. Ele lembrava-se daquele ponto específico do mar, das nuvens se formando em tempestades assustadoras quando ele tentara fugir da ilha antes. Queria sair dali o mais rápido possível, chegar a mar aberto que fosse, mas sair daquele lugar onde houve tantas tempestades e onde ele quase morreu tantas vezes.

É claro que os deuses não deixariam Odisseu escapar. A fúria de Poseidon fez ser notada enquanto ele preparava as nuvens para uma grandiosa tempestade, feita dessa vez para acabar com Odisseu de uma vez por todas. Os deuses não gostam daqueles que contrariam o Cosmos, afinal. Os deuses queriam que Odisseu não regressasse à Ítaca, portanto assim seria.

O olho de Odisseu viu os céus aos poucos transformarem-se, enegreceram-se, as nuvens tomaram de assalto o azul e velaram a luz do deus Hélio, criaram paisagem negra. O mar também escureceu, come-

çou a subir, a descer, a subir novamente, com mais e mais força. Do céu brotaram gotas de chuva. E Odisseu soube que a batalha começara.

Poseidon fez cair agulhas sobre Odisseu, que encharcaram suas vestes e fustigaram-no como um chicote, penetraram em suas carnes e em sua alma. Mas Odisseu resistiu. O mar fez ondas descomunais se erguerem em uma torrente de água e sal, jogou-as sobre a jangada, mas Odisseu desviou delas, quando foi atingido perseverou sobre as águas. Raios descenderam para atingir Odisseu, mas nenhum deles foi capaz de acertar o aqueu.

E Poseidon segurou com raiva seu tridente, sua fúria chegou ao limite. Fez os ventos adquirirem força selvagem, fustigou a embarcação e fê-la pender de um lado para outro. O mastro balançou, tremeu, resistiu, mas depois rompeu-se. Com um golpe final, Poseidon ergueu uma vaga enorme, alta como uma torre, ante Odisseu. E os olhos do herói contemplaram seu fim. A vaga quebrou a nau ao meio, arrastou o aqueu, englobou-o. Odisseu conseguiu emergir brevemente, deu braçadas em direção a um pedaço da jangada, mas foi novamente engolido pelo mar, afogado pelas águas, intoxicado pelo sal. Descendeu na escuridão. O mortal deu luta, mas foi derrotado. Como tem de ser, pensou Poseidon. E os deuses assentiram.

Sob o peso das águas transpareceu um fraco raio de luz. Odisseu afundou aos poucos, sentindo a pressão do mar aumentar, como se lentamente descendesse até o submundo. Tentara nadar, debater-se, mas nada adiantou. A exaustão que a luta contra os mares causou no herói foi suficiente para drenar suas forças e fazê-lo morrer. Pensou em Penélope, em Telêmaco, em Ítaca. No fim nunca disse adeus! Mas isso não importava mais a Odisseu. Demorou, mas ele tentara. Fracassara, sim, mas seria melhor que morrer como um rato em uma ilha qualquer, com causa mortis qualquer, como um ser humano qualquer. Morreu lutando contra as divindades e, embora Odisseu não soubesse, no fundo os deuses compraziam com ele. Pois os deuses anuem a quem desafia o Cosmos. Punem-nos depois, sim, mas é o sorriso de surpresa que brota nos rostos dos imortais ao ver o ser lutando, é esse sorriso que garante a imortalidade aos homens.

Um dia Odisseu há de retornar aos braços de sua família. Um dia Odisseu há de retornar a Ítaca, de saborear sua terra, de rever sua casa. E a partir desse dia ele descansará em paz.

A CINCO PASSOS DE VOCÊ: UM FIM NEM TÃO MELANCÓLICO

Gabriel Camargo Moro

Stella¹

Eu sou Stella Grant, uma garota normal. Bem, nem tão normal. Quer dizer, eu faço coisas normais na parte normal de minha vida, mas a outra parte eu passo em um hospital, “St. Grace”.

Digamos que 70% da minha vida eu passo meu tempo fazendo coisas que qualquer garota da minha idade faz, eu saio, vou para o cinema, estudo. Já os outros 30% minha doença faz questão de tirar de mim. Nessa parte, fico presa em um hospital, em uma sala pintada de um branco viçoso, daquelas que todo o hospital tem. Mas eu fiz questão de colocar alguns desenhos da Abby no meu pequeno quarto para deixar mais... A minha cara. Também, em um canto isolado, uma cadeira de couro daquelas que soam muito, do lado da minha cama, os aparelhos que garantem que eu vá conseguir durar por mais um tempo, eu preciso durar por mais um tempo.

Eu olho a hora no meu notebook e então, com um sorriso cansado para a câmera, dou um tchauzinho para as pessoas que estão me assistindo e desligo a live. Vou até a janela onde raios de sol me fazem acordar de vez e vejo um casal de pessoas andando em direção a portaria do hospital. No fundo, eu sei, queria ser aquela garota, mas a fibrose cística diz “não” para várias coisas, ainda mais em crises. Abro a janela, sinto a brisa do ar gelado atingir minhas bochechas, respiro um pouco, fecho meus olhos. Um barulho então surge atrás de minhas costas, me viro. Cachos definidos e um sorriso reconfortante escapam para fora de uma fresta na porta. Barbara, trazendo meu carrinho de remédios, sim, ela me deixou cuidar da minha medicação. Deixando logo a minha frente, virou para mim e com olhos de “pena” me disse:

— Tem certeza que consegue cuidar disso? — Respondo, em prontidão — Claro, você sabe que eu sou responsável! — Assim, sorrindo, de alguma forma aliviada, diz — Mhm... Vou confiar em você Stella — Logo atrás, Julie, trazendo o equipamento de medição de pressão, com uma barriga enorme. Arrumando em meu braço direito, sinto a sua barriga tocar no meu cotovelo, de alguma forma eu me senti desconfortável, fiquei meio trêmula. Enquanto esperava aquilo api-

tar, Julie me lança um sorriso sutil e pergunta:

— Stella, você quer tocar? — Eu, em um impulso, respondo — Não...

— Assim, permanece em um silêncio ensurdecedor até que finalmente eu volte a ficar sozinha no quarto. Me recompondo, vou até a minha lista de afazeres, marcando a primeira tarefa como concluída, “Gravar um vídeo”. Fitando as outras frases, como uma segunda tarefa: “Refletir a vida após a morte” ...

Will²

No meu quarto, deitado, mais uma vez. De novo atrás de remédios para curar minha doença, me entupir de drogas nunca foi uma solução, e não vai ser. De qualquer forma, já que não posso viver uma vida normal, posso tentar trazer um pouco de diversão para esse tédio todo branco. De qualquer forma, amigos são amigos, eu deixei que Jason e Hope viessem para uma “visita”. Na verdade, eles vieram apenas para transar no meu quarto. Não é o melhor lugar para fazer esse tipo de coisa, mas eu não ligo. Ainda não ligando, no momento em que entram no quarto, digo — É só não bater no botão de chamada sem querer que vão deixar vocês em paz pelo menos por uma hora — Então me respondem, sorrindo abraçados, já sentados na cama — Nós não vamos causar problemas — Então, me retirando dali, fecho a porta.

De relance, como uma surpresa, vejo cabelos loiros balançando em passos rápidos por trás de mim. Provavelmente tendo visto tudo aquilo, uma bela garota, bem, é difícil encontrar gente bonita quando você fica isolado em uma área com poucos pacientes, ainda mais quando você não pode nem chegar perto deles. Em passos pesados, chega no elevador, quando eu vejo uma fita branca, a mesma que eu uso no braço envolta no pulso da garota. Começo a ir em sua direção, eu apenas queria a acompanhar, estou exausto de andar de um lado para o outro. No entanto, barrando minha entrada, me dou conta de duas coisas, primeiramente que eu não posso me aproximar de alguém que tem a mesma doença que eu, secundamente, se eu tentasse, o elevador provavelmente iria me espremer, tipo uma espinha. Ela me lança um sorriso de “eu venci” e ao mesmo tempo “eu estou decepcionada”, como se já me conhecesse.

Persisto, subindo as escadas até os dois próximos andares. Não, meus pulmões não foram feitos para isso, não mesmo. Olhando

para o corredor, avistei a tal garota entrando na UTI Neonatal com uma bolsinha de ar, daquelas horrorosas de usar. Tomando coragem, me dirijo até a entrada, parando para descansar um pouquinho no meio do caminho, não tenho o mesmo fôlego de antes. Empurrando as portas com as mãos, vou até o lado da garota e fico a aproximadamente quatro ou cinco passos de distância. Apoiando-me sobre uma barra de ferro, primeiramente olho pelo vidro os bebês naquelas caixas de vidro, logo depois, volto minha atenção à bravinha ali, dizendo:

— Olá... Qual o seu nome? — Ela não me respondia. Com aquela máscara, não consigo identificá-la e ela está séria ou... Realmente brava — ... O gato comeu a sua língua? — Assim, em um pulo, a garota se virava em minha

direção — Eu não acredito que você deixou o seu quarto para seus amigos transarem...

Stella³

Os cabelos bagunçados... Aquele sorriso de canto que me irrita. Esse é o tipo de cara que eu tenho que evitar, ele é bonito..., Mas com certeza é um problema. Bárbara me interrompe bruscamente, gritando:

— VOCÊS NÃO PODEM SE APROXIMAR UM DO OUTRO! STELLA E WILL! — Então, agora, o garoto com nome, Will, responde — Então esse é o seu nome, Stella? — Diria, me olhando com aquela expressão que ao mesmo tempo que me deixa sem jeito, me faz estremecer de raiva. Nesse momento, posso sentir minhas bochechas ficando avermelhadas, então, em um salto, já estava fora da sala, retornando ao meu quarto, meu conforto.

Nesses dias... Eu tenho pensado mais sobre minha vida, como é ter um namorado? Não que eu queira ou tenha alguém em minha mente, mas agora não parece mais tão estranho. Minha mãe se separou do meu pai, minhas amigas estão em Cabo fritando em uma praia com um sol de 40°C e eu estou aqui, enfiada em um hospital. Ok, eu me entupo de chocolate e basicamente tenho um tratamento digno de um rei. Mas... O que é tudo isso quando eu não posso, nunca pude abraçar meu melhor amigo? Poe. Sim, Poe também tem fibrose, inclusive, ele se mudou para um quarto ao lado do

meu a pouco tempo. Vez que outra tenho visto Will, às vezes conversamos, inclusive, ele já fez um desenho meu. Foi uma caricatura, mas de certa forma tem... Uma essência especial, talvez porque tenha vindo... dele. Pontua, fechando o diário. Assim, olhando pela janela, eu posso ver Will de pé sobre o telhado. Já ofegante, eu me levanto, começando a correr pelos corredores, eu nunca corri tanto! Também, nunca senti tanta disposição, subi as escadas tão rápido que me senti... Desfalecer, meu pulmão não aguenta isso, o sibilo do ar ofegante entrando e saindo de meu nariz. Parando um pouco, recupero o fôlego e abro a porta de emergência que estaria presa por uma nota de cinco reais. Devo dizer, o que ele está fazendo é bem errado, mas foi inteligente. Logo, corro até o rapaz, sentindo aquele ar gelado cortar minha pele como navalhas. Não estou muito bem vestida, não me culpe por estar desesperada. eu o abraço, pegando Will por sua jaqueta e o puxando. Eu sei, não é a melhor ideia fazer isso, mas ver ele ali me deixava com muita agonia, e ensandecida, eu falava:

— O QUE VOCÊ ESTAVA FAZENDO?! O QUE ESTAVA PENSANDO EM FAZER?! — Ele me responde um pouco mais sério, isso me deixava desconfortável, eu sinceramente prefiro o Will irônico — Eu estava vivendo... — Em um impulso, eu imediatamente envolvo as mãos em seu pescoço e puxo aquele semblante pálido em minha direção. Não ligando para os cinco passos, mordo seus lábios e por alguns segundos que me faziam transpirar mesmo naquele frio negativo, deixei-me levar, deixei-me viver.

Will⁴

Eu... Não esperava isso, mas... Eu queria, eu queria a muito tempo. A empurrando com cuidado, lhe observo com uma expressão de paixão, mas bem mais de preocupação, assim, digo:

— Stella! Você... — Me interrompendo, ela diria — Eu sei, eu sei, mas eu só quero viver, viver os últimos momentos que eu ainda tenho com você — Naquela altura e o frio, o ar era mais limitado, então eu começo a me sentir tonto, acredito que ela também. Minha visão começa a ficar turva, escurecer, até que eu me sinto... Mais leve? Segundos depois, abro os olhos, com a Barbie, Julie e outros médicos em volta das macas onde estariam eu e Stella. Eu sentia uma dor de cabeça, provavelmente teria batido quando caí no chão. Me sinto

pior do que nunca, é como se toneladas de muco estivessem agora quase explodindo no meu corpo, sinto que ela também sente o mesmo, tão confuso. Mas embora eu estivesse com uma expressão de morte, todos estavam sorrindo como se estivessem fascinados, principalmente Barbara, que estava chorando nos braços de Julie, já sem aquele barrigão. Quando eu finalmente acordo da anestesia, as sutis palavras do doutor me trazem uma luz, diz ele — De alguma forma Will, o que vocês fizeram, a atitude perigosa e inconsequente, o que vocês fizeram Will, os salvou! Testamos o seu sangue, amostras do muco, eu não sei como, mas as bactérias, anticorpos seus e da Stella neutralizaram uns aos outros — Confuso, eu sentia que era algo bom, mas não entendo nada — Por favor... Fala de um jeito que eu entenda — Revirando os olhos, ele diz — Vocês estão curados!

Curados... E agora? O que pode acontecer?

Talvez tomar açaí, talvez poder sair sempre nas férias, talvez, provavelmente ficar juntos... Um fim mais justo.

ROBIN E VICKIE: O PRIMEIRO CONTATO

Giovana Bergenthal Ferreira

Robin:

Eu acabara de sair da longa e monótona aula de ciências do senhor Clarke, estava no corredor indo em direção ao toailete quando o diretor Coleman se direcionou a mim espontaneamente:

— Bom dia, querida. Você está ocupada? — seguiu após minha concordância silenciosa. — Gostaria que ajudasse a nova aluna. Ela chegou na escola hoje pela manhã e está aguardando desde então, se possível, poderia ajudá-la com a inscrição para a banda?

Concordei com a cabeça e disse-o:

— Claro, diretor, estou sempre à disposição. Inclusive, onde posso encontrar a nova aluna? — perguntei enquanto varria os corredores com os olhos em busca da garota misteriosa.

O diretor apontou para a biblioteca e assim despediu-se indo para sua sala. Não pude evitar em sentir a curiosidade instigando-se em cada parte do meu corpo, o mistério por trás da garota me leva a acelerar o passo até a biblioteca para vê-la.

Adentro à biblioteca e ao longe vejo uma moça de cabelos soltos, com mechas levemente loiras, sentada na bancada, aproximo-me e estranhamente observo seu livro: O morro dos ventos uivantes. Uma escolha certamente interessante, isso diz muito, mas ainda pouco sobre você garota linda que não sei o nome. Tomo coragem e a chamo:

— Oi? — Busco alguma afirmação. Ela sorri e responde — Oi, desculpe, quem é você mesmo? — eu sorrio em retribuição e começo a falar.

— Meu nome é Robin, o diretor me enviou para te ajudar com a banda. — Ela recorda e põe-se a introduzir-se:

— Prazer, Vickie. — disse estendendo a mão em minha direção. Eu a cumprimento.

Ela levantou e arrecadou suas coisas, ajudei-a a guardar os livros em seus devidos lugares e comentei: — O morro dos ventos uivantes, uma bela escolha apesar de controverso. Adoro esse livro mesmo com toda a polêmica.

Vickie riu e logo disse: — Quem me dera eu gostasse, estou realmente lendo para um trabalho da escola, um livro que marcou a adolescência da minha mãe. — Fiz expressão de espanto e leve julgamento. — Suspeito, você já chegou na melhor parte? Aposto que ainda não, pois quando chegar vai se apaixonar. — Ri e logo apontei para o relógio indicando o

horário — Meu deus. Faltam 5 minutos para as audições da banda, temos que correr.

Peguei-a pelo braço e corremos intensamente até o auditório. Cansadas e aos suspiros, gargalhamos. — Acho que você não vai perder sua audição, inclusive, boa sorte, vai dar tudo certo.

Ela olhou nos meus olhos e sorriu, falando um “obrigada” silencioso e indo em direção à porta após seu nome ter sido chamado.

Voltei para casa de transporte e tudo que conseguia pensar durante a breve viagem era no olhar dela, e no primeiro dia de nossa história.

A BUSCA POR MAX

Guilherme Parcianello

Capítulo 1

Uma nuvem escura se expande pelo céu de Hawkins, liberando cinzas que caem como neve sobre o entorno. Os que estavam na cabana se reúnem e vão à beira do morro observar a paisagem cinzenta que se forma. O chão da cidade brilha em vermelho e dali surge mais fumaça. Os esporos cinzas que caem sobre a vegetação, e retiram sua força vital, junto com sua cor. Eleven se prepara para um combate futuro contra algum mal, talvez novo, talvez já conhecido. Quebrando o silêncio fala:

— Essa história ainda não acabou.

— Não mesmo, eu ainda o sinto. Os pensamentos dele. Vecna ainda está vivo. Fraco e machucado, mas está se recuperando e ficando mais forte. Precisamos acabar com ele o quanto antes, enquanto ainda está debilitado — Fala Will.

— E quanto à Max? E-ela morreu? — Pergunta Mike.

— Eu não tenho certeza. Não a encontrei quando procurei por ela com meus poderes, mas sinto sua presença — Responde El.

— Mas então como o portal poderia estar aberto? — Mike retoma seu ponto, pessimista.

— Ela pode estar presa dentro da mente de Henry — Will responde.

— Então é isso, precisamos levar a Onze no hospital, reunir o resto do grupo e conseguir reforços de alguma maneira — Fala Nancy, objetiva como sempre.

Hopper liga para seus contatos do governo, informa sobre a situação e pede ajuda. Eles falam que chegarão em breve. Enquanto isso, o grupo se reúne na Kombi de Argyle para ir à cidade vizinha se juntar aos amigos. Logo chegam ao hospital. Eleven pega na mão de Maxine com força, à procura da amiga com seus poderes.

— MAAAX...

— MAAAAAAAAX, CADÊ VOCÊ?

Onze finalmente a encontra, vendo-a no horizonte escuro grita de novo. Desta vez a amiga ouve sua voz e fala espantada:

— Onze?! Onze, é você? Estou presa na mente do Henry, estou segura

aqui. Escondida, por enquanto. Ele está ficando mais forte e procura por vingança. É melhor você ter cuidado. Agora vá antes que ele te perceba aqui, rápido!

— Ok, nós vamos te buscar Max, eu prometo.

Os agentes do governo chegam no hospital logo em seguida para levar onze à base secreta para aprimorar seus poderes. Será uma nova jornada a partir daí.

Será que Eleven alcançará o máximo de seus poderes? O grupo encontrará um plano para acabar de vez com os portais?

Continua...

DOM CASMURRO – UM OLHAR DIFERENTE

Gustavo Padilha

Capítulo 1 – Memórias

Estou me sentindo um pouco ruim nos últimos dias, saí de casa para trabalhar em algo que me identifico, mas não está ocorrendo como deveria. A verdade é que eu devia estar muito feliz fazendo o que gosto. Mas lembrei-me que a última vez na qual senti-me transbordando de felicidade foi quando eu era criança, morando no Rio de Janeiro com meus pais, antes de minha vida tomar um rumo diferente. Por isso, decidi dedicar meu tempo para revisitar essas memórias do passado. Talvez se formem histórias simples, mas ao menos ajudarão a descrever um pouco mais sobre mim e o que vivi. Quem sabe o quão interessante e até mesmo esclarecedora possa ser.

Vamos lá, ao início. Lembro-me de minha infância no Rio de Janeiro, repleta de travessuras como a de qualquer moleque. Imitação era meu ponto forte, mesmo que meu pai aparentasse não gostar, pois toda vez ele me olhava de maneira estranha. Mas acabava passando, tudo estava a fluir muito bem e éramos felizes. Tenho inúmeras lembranças de meus pais contando-me sobre as dificuldades para gerar-me e sobre a inspiração de meu nome, o qual foi escolhido em homenagem a um grande amigo de meu pai, Escobar, pondo então, seu primeiro nome: Ezequiel.

Escobar sempre foi descrito por meu pai como um homem galante. Neste momento compreendo a primeira linha de pensamento descrita por ele há alguns anos, um estopim de tudo quem sabe. Creio que seu raciocínio deduzia como algo mais que estranho um homem bonito visitar sua casa frequentemente, afinal, ele é um advogado, sabe julgar as pessoas e possui um senso crítico muito forte. Contudo, exaltaria sua desconfiança posteriormente, mesmo que sem provas concretas.

Pois bem, o objetivo não era especificamente tocar nesse assunto, mas é inegável que após esse período iniciou-se alguns desvios nas relações familiares. Escobar morreu e meu pai olhava-me cada vez mais distante, dizia que não tínhamos aparência alguma.

Ainda muito jovem, eu estava sem compreender exatamente o que estava acontecendo e continuava buscando uma aproximação, a qual era falha todas as vezes.

Sempre busquei entender qual o fato motivador de tamanha insistência em me distanciar tanto de si. O que eu fiz para estar a me recusar de todas as formas possíveis? Pois bem, pergunta esta que me seria respondida tempos depois de maneira intensa e assumiria uma gravidade a qual ninguém imaginava, motivando ações cegas a um único ponto de vista, próprio, equivocado e crítico.

Capítulo 2 – O declínio

Uma das únicas certezas que eu tinha é de que nada mais seria como antes. Concluí a partir do momento que ouvi meus pais discutindo ferrenhamente pela primeira vez. Foi intenso e logo os sons de choro vindos de Capitu espalharam-se pela casa juntamente com os gritos de Bento.

— TRAIORAAAA... VOCÊ ME TRAIU... TRAIU... GRRR

A mágoa e a discórdia haviam sido implantadas.

Desconfiado sobre a situação, resolvi sair do meu quarto a passos curtos, quando ouvi alguém na sala de estar. Dirigi-me até lá e sentado à mesa estava Bento, meu pai, tremendo como se estivesse muito nervoso ao mesmo tempo em que dissolvia algo em sua xícara de café. Me aproximei exatamente no momento em ele iria ingerir a bebida e disse:

— Pai... O que está fazendo?

Então ele me respondeu, tremendo e olhando fixamente para meus olhos:

— Apenas tomando café... você ainda não tomou café hoje?! Quer uma xícara de café?

Desconfiado de sua maneira de agir resolvi recusar. Foi então que ele me abraçou, de uma maneira um tanto estranha e logo após, com as mãos firmes em meus dois braços disse:

— EU NÃOOOO SOOOOU SEU PAAAAII!!!

Neste exato momento minha mãe, Capitu, uma belíssima mulher, mas que agora apresentava em sua face uma expressão de grande tristeza, com lágrimas escorrendo até seu queixo, entra na

sala para tirar-me daquela situação que tanto mexia comigo e então levando-me ao seu abraço de conforto.

Aquela foi uma cena que ficou marcada na minha mente, simplesmente aterrorizante tal atitude de Bento. Sendo também um dos fatores motivadores para o distanciamento definitivo da família, trazendo à mente de meu pai a ideia de nos levar para a Europa. Assim sendo feito. Nos mudamos. Lá estávamos para um novo ciclo, nova casa, novo lar, novo tudo. Percebia que minha mãe, Capitu, assim como eu, sentia as diferenças do novo lar, porém, ainda demonstrava uma personalidade incrível que me trazia conforto em qualquer situação. Se mostrava forte depois de tudo que havia acontecido.

Eu realmente tinha muito a aprender com ela.

Capítulo 3 – O começo do fim

Iniciamos uma nova etapa das nossas vidas e naquele momento comecei a notar sua personalidade como nunca havia visto antes. Uma mulher forte sem dúvidas. Mas principalmente portadora do carinho e conhecedora do amor. Capitu sabia do que realmente gostava, sabia o que queria e era fiel a suas ideias.

Mesmo depois de tudo o que aconteceu, em momento algum ela falou-me mal sobre Bento, mas sim motivou-me a escrever cartas para meu pai assim como ela, mesmo que nunca recebesse uma resposta.

Foi então que percebi o quão equivocadas eram as afirmações de meu pai. Minha mãe tinha suas próprias peculiaridades em seu olhar e maneira de agir, mas sempre foi comprometida com seu único e grande amor, Bento, ou melhor, Bentinho.

Creio que eles não viveram juntos porque apenas uma parte opinou e tirou conclusões equivocadas. Mas não havia mais tempo, muitos anos se passaram e infelizmente Capitu adoeceu, e mais uma vez como prova de fidelidade, pediu-me para procurar por meu pai, visitá-lo quando possível. Prometi a ela e iria cumprir.

Então... Capitu morrerá.

— Vá em paz minha querida mãe. Obrigado por tudo.

Um momento muito triste em minha vida, mas que tive de

superar e então realizar seu último pedido, visitar Bentinho no Brasil. Assim tratei de fazer e viajei a fim de me aproximar, mostrando também que havia me formado recentemente em arqueologia, uma paixão pessoal.

Ao chegar, notei que meu pai estava residindo em uma bela casa, enorme, porém sozinho. Algo que me intrigou bastante. Como alguém de alta índole social continua a viver só. Pois bem, essa resposta fui ter somente quando falei com ele. Mesmo após muitos anos continuava a se mostrar arrogante comigo, sem demonstrar-se surpreso em me ver, como se não fosse nada. Claramente não me queria ali, deixando escapar um pouquinho de interesse somente quando citei a morte de minha mãe, mesmo tentando disfarçar acabei notando.

Ciente de que ele não me queria ali, resolvi ir embora. Mas antes, disse:

— Você esteve enganado sobre minha mãe todos esses anos... ela te amava.

Sem resposta alguma virei-me de costas e fui em direção a porta, quando vi alguns traçados em seu caderno aberto sobre a mesa, uma das primeiras palavras que identifiquei foi “Capitu”, juntamente com uma pilha de cartas, então perguntei:

— Está pensando em escrever um livro? Pretende utilizar estas cartas como inspiração?

Ele vira-se e diz.

— Não, são apenas rabiscos!

Então nesse momento eu disse a ele que partiria em uma viagem de estudos arqueológicos no Egito. Ainda sem demonstrar interesse, permaneceu de cara fechada e não me deu resposta alguma.

Aquela foi a última vez que o vi.

Por fim, quero concluir antes que seja tarde. Estou me sentindo mal há um tempo e creio que não vou conseguir sair daqui, pois meu estado não é nada bom. Entretanto, desejo que meu caderno seja enviado ao Brasil para meu pai, se ele realmente cogitou escrever um livro espero que ao menos busque acertar nas suas decisões, mesmo que pela escrita. Talvez o ajude a não virar um velho aborrecido daqui alguns anos.

A BELA E A FERA, MAS SEM O FINAL FELIZ

Heloisa Wouters Scherer

Dia 1

Em um dia de inverno muito frio e chuvoso, o pai de Bela precisar ir vender suas mercadorias, a menina implora para que ele espere o tempo acalmar, mas ele nega e lhe faz uma pergunta:

— O que você quer que eu traga para você?

— Já disse pai, espere o tempo acalmar e depois você parte para vender seus cacarecos!

Mas o pai de Bela se vira e vai embora. Bela fica muito irritada e frustrada, com medo de algo acontecer com seu pai.

Um tempo depois...

Estava chovendo muito forte até que o pai de Bela dá de cara com lobos famintos! Ele foge o mais rápido possível com seu cavalo. Os lobos param de segui-lo até ele se deparar com um enorme palácio com um jardim cheio de lindas rosas vermelhas. Ele decide pegar uma para Bela, mas mal sabia ele que uma fera enorme apareceria logo após apanhar uma rosa.

A fera enfurecida diz:

— O que fazes aqui no meu palácio? E principalmente colhendo uma de minhas preciosas rosas?

É para levar para minha filha. - Diz o pai de Bela apavorado com a situação.

A fera prende o homem em seu calabouço.

Dia 2

O cavalo do pai de Bela foge ligeiramente e vai ao encontro de Bela. Ela sem pensar duas vezes monta e vai em busca de seu amado pai. O cavalo leva ela até um maravilhoso palácio, onde ela fica maravilhada com o luxo de tal palácio. Bela entra e começa a procurar seu pai até se deparar com uma criatura enorme, era a fera enfurecida.

— Então você é a Bela, correto? - Diz a fera.

— Sim, sou eu mesma e vim ao encontro de meu pai!

— Não irei liberar seu pai tão fácil quanto você pensa Bela.

Exijo que fique no lugar de seu pai e que se apaixone por mim!

Bela concordou sem pensar. A fera liberou o seu pai que ficou decepcionado com tal decisão de Bela.

A garota pediu um último abraço em seu pai. A fera assentiu com a cabeça, porém, o que fera não sabia, é que Bela estava armada e atirou bem no meio de seu peito, assim a fera não aguentou e morreu ali mesmo.

No caminho de volta para casa, Bela e seu pai se deparam novamente com os lobos que acabam devorando-os.

POR LUGARES INCRÍVEIS

Hemilly de Almeida Dalla Corte

Violet se mostrava uma menina alegre e feliz com sua família, estudava no mesmo colégio de Finch, eram colegas, mas Violet nunca o notou. Finch era chamado de aberração pelos colegas, por ser diferente dos demais. Mas o que eles não sabiam era que Finch havia sofrido grandes perdas em sua vida, no entanto, seus colegas nunca ligaram, só falavam e falavam.

Em uma certa manhã, Finch ficou no parapeito de uma ponte, de braços abertos, ponderando se aquele era um dia perfeito para morrer. Finch não se importava mais com a vida, seus pais o abandonaram e deixaram ele com sua irmã mais velha. Nesse momento, Violet aparece e, assim como Finch, também cogitava se lançar ou, pelo menos, ter a sensação de como seria se o fizesse. A atitude da garota faz com que ele desista.

Violet tem um fascínio pela morte, passa bastante tempo pesquisando sobre diferentes formas de suicídio e, inclusive, já tentou se matar com remédios. O interesse de Violet pela morte é uma obsessão... Violet e Finch desde então nunca mais se desgrudaram. Violet começou a fazer com que Finch visse a vida de outros olhos, sendo otimista e o levando por lugares incríveis.

Certo dia eles brigam, e Violet decide ir em um lago onde por lá passearam semanas atrás, mas ficou com medo da morte e acabou voltando para casa e se reconciliando com Finch.

No final eles acabam ficando juntos, curando os traumas do passado, e passam a enxergar que a morte é apenas uma viagem por lugares incríveis e a vida uma lembrança.

SHREK É REALMENTE APENAS UM OGR0?

Henrique da Rosa Pozzebon

Shrek era um honrável ogro que vivia em um pântano longe da sociedade, pois ao aproximar-se de pessoas comuns, ele era louvado. Era visível seu caráter elevado e em volta de seu corpo emanava uma aura de bondade.

Certo dia, a rotina de Shrek foi interrompida por um cavalo falante, o que não surpreendeu o ogro, pois este vivia em uma Terra mágica, porém ele ficou curioso sobre o motivo da criatura parar ali. Ao conversar com o animal, Shrek descobriu que várias criaturas fantásticas estavam sendo expulsas de suas casas pelas tropas do terrível rei Humpty Dumpty.

Shrek comoveu-se com a história e decidiu ajudar as criaturas a voltar para suas terras natais. Para chegar até o reino de Humpty Dumpty, o ogro e o cavalo teriam que passar por um longo trajeto desafiante.

Após caminharem por horas, os heróis chegaram à uma vila devastada pelo exército do maldoso rei, onde encontraram uma mulher desmaiada e soterrada nos escombros de uma casa, seu nome era Fiona. Shrek utilizou seus poderes telecinéticos para tirar os escombros de cima da mulher e, logo após isso, utilizou seus poderes de cura para tratar das feridas da dama. Após acordar, Fiona ficou encantada com o belo ser de orelhas alongadas que se encontrava em sua frente e decidiu segui-lo para vingar-se do maldoso rei Humpty.

Seguindo em frente, acabaram encontrando uma maldosa dragoa furiosa, pois todo seu ouro havia sido roubado pelo exército de Dumpty. Ao ver Shrek, a dragoa pensou avistar um Deus em sua frente e automaticamente curvou-se diante do herói, em segundos sua raiva foi transformada em esperança.

Com um ser voador no grupo, o deslocamento dos heróis até Dumpty seria muito mais rápido. Durante o trajeto, Fiona começou a perceber a grandiosidade do ogro e acabou apaixonando-se por Shrek.

Após horas de voo na dragoa, o bando chegou ao reino do malvado Humpty. A primeira coisa vista pelos heróis foi o grandioso exército de milhares de homens do rei em frente a um castelo. Ao ver

a poderosa força bélica do reino, o cavalo, a dragoa e Fiona assustaram-se e cogitaram recuar. Ao perceber o desespero de seus companheiros, o ogro pediu que o grupo recuasse, pois ele enfrentaria os milhares de homens sozinho.

Ao notar a grande personalidade de Shrek, os três envergonharam-se e decidiram lutar contra o exército. Ao aterrissar, Shrek tentou realizar um acordo de paz com os soldados, mas recebeu como resposta várias flechas em sua direção. Nenhum dos projéteis conseguiu penetrar a resistente pele do herói, mas não é possível dizer o mesmo de seus companheiros.

Após notar que seus amigos haviam se ferido, o ogro ficou furioso e, com apenas um urro, derrubou todos os soldados do rei. Percebendo o poder do ser que se encontrava a sua frente, o poderoso exército amedrontou-se e decidiu fugir para Tão Tão Distante, uma terra deserta.

Com o exército fugindo, Shrek utilizou novamente seu poder de cura e conseguiu recuperar a saúde de seus amigos por pouco. Ao olharem para o herói, perceberam que ali estava um ser com poder divino, emanando uma energia extremamente poderosa. Shrek decidiu acabar de uma vez por todas com o reinado de Humpty Dumpty, então voou rapidamente até o castelo e, com o próprio corpo, quebrou a parede do mesmo. Com sua visão raio X, o ogro conseguiu localizar o maldoso rei, o qual percebeu que seu exército havia fugido e decidiu esconder-se em um bunker de aço.

Shrek voou até o lugar onde o rei estava, quebrando tudo à sua volta, inclusive as paredes de aço do bunker. Ao ver Shrek em sua frente, o rei implorou por piedade, porém o ogro estava furioso. O herói atirou raios laser pelos olhos, mas ao invés de mirar no rei, mirou diretamente na parede de aço, para descontar um pouco de sua raiva. Shrek decidiu prender o rei em uma ilha deserta, na qual Humpty viveria para todo o sempre sendo atormentado por animais selvagens.

Com a derrota de Humpty Dumpty, os seres fantasiosos puderam voltar às suas casas sãos e salvos. Ao final da jornada, Shrek assumiu o trono e começou a governar o lugar junto de seus companheiros. Após alguns anos, foi possível consertar as terras que o antigo rei havia devastado.

Com o passar do tempo, Shrek percebeu a admiração de Fiona por ele e começou a aproximar-se da mulher. Ao mesmo tempo que isso ocorria, o cavalo falante começou a aproximar-se da dragoa. Anos depois, Shrek e Fiona tiveram dois filhos, enquanto o cavalo falante e a dragoa tiveram três.

O antigo reino de Humpty Dumpty, por ter crescido através de guerras e conquistas de territórios, formou muitos inimigos. No período do governo de Shrek, foram feitos muitos acordos de paz e comércio, como o famoso tratado das cebolas, por exemplo, o qual gerou muitas riquezas para o reino.

Com o crescimento da economia através de tratados, sem a necessidade de guerras, os adoradores de Shrek instauraram oficialmente o Shrekismo, religião de adoração à Shrek. Com o surgimento desta nova religião, os reis de outros territórios começaram a concordar com as ideologias do herói e adotaram as crenças como oficiais em seus reinos. Como os adeptos à religião eram muito comprometidos, o Shrekismo espalhou-se rapidamente pelo mundo, tornando-se a maior religião existente.

CINDERELA: EM BUSCA DOS SEUS SONHOS

Isabele Carvalho Menezes

Capítulo 1

Acordei em um lindo dia de verão, daqueles que dá vontade de pular direto na piscina. Fui descendo as escadas do nosso casarão até encontrar meu pai e minha mãe sentados na mesa da cozinha tomando café, acho que minhas irmãs ainda estão dormindo.

— Bom dia!! Como o dia está maravilhoso, né? Espero que nada estrague-o.

— Bom dia filha, dormiu bem? Meu pai responde.

— Maravilhosamente bem pai.

— Que bom minha filha! Temos uma notícia para dar a você e as meninas hoje ao entardecer, nos encontramos às 18h no jardim de trás de casa.

Eu e sua mãe vamos trabalhar até lá.

— Ok pai, estarei lá!

Minhas irmãs Anastasia e Drizella descem as escadas correndo eufóricas.

— Meu Deus meninas, o que houve?

— Ella, você não vai acreditar!! Os gêmeos da casa ao lado nos convidaram para sair. Grita Anastasia.

— Que ótimo meninas. Respondo.

— Sairemos com eles, mas gostaríamos que fosse também, você e o meio irmão deles, Henry, formariam um lindo casal.

— Irmãs, agradeço o convite, mas no momento não estou nem um pouco interessada em romances.

— Certo, mas me aguarde Cinderela, ou não me chamo Anastasia!

Não entendi muito bem o que Ana queria dizer com isso, mas segui meu dia normalmente. Fui para a piscina e liguei para a minha melhor amiga Christine para contar as mais novas novidades da minha vida.

— Chris, você nem acredita! Decidi qual faculdade irei cursar, vou fazer medicina, tirei uma nota muito boa no vestibular e finalmente vou conseguir correr atrás dos meus sonhos sem depender de ninguém.

— Nossa, que incrível Ella! Tenho certeza que você consegue. Mas por que não pede para o seu pai pagar uma faculdade para você? Afinal, vocês são uma das famílias mais ricas de toda a cidade.

— Ah Chris, você sabe que não gosto de nada que eu não conquiste com 100% do meu esforço, preferi me inscrever no vestibular da Farmerp sem chamar muita atenção do meu pai, se ele descobrir só vai querer cada vez mais que eu assuma a empresa da família.

— Entendi, amiga. Tenho certeza que você consegue.

— Obrigada Chris, você é muito especial para mim.

Depois de ficar mais 15 minutos conversando com Chris, fui para dentro de casa me arrumar, já eram 17h e eu combinei de tomar um chá com meus pais às 18h. Dentro de casa tomei banho e me arrumei toda, o dia me deixou realmente muito animada.

Enquanto me arrumava, fiquei pensando que esse ano minha vida toda está tomando um rumo, fazer a faculdade dos meus sonhos vai ser incrível, depender só de mim mesma, mudar de cidade, ficar longe da minha família vai ser apenas um detalhe do meu futuro.

Capítulo 2

Já no jardim:

— Oi pai, oi mãe, como estão?

— Oi mamãe, oi papai. As meninas dizem.

— Oi filhas, sentem-se.

Sentamos uma ao lado da outra e nossos pais começaram a falar.

— Bom filhas, trouxemos vocês aqui porque temos uma notícia para Cinderella, queríamos que todas vocês descobrissem juntas. Disse mamãe.

— Parabéns Ella, você vai se casar! Exclamou meu pai, forçando um sorriso.

Nesse momento minha cabeça começou a girar, meu dia lindo foi por água abaixo. Olhei para as minhas irmãs e elas estavam com o queixo no chão.

— O que pai??? Eu ouvi direito??? Como assim???

— Isso mesmo que você ouviu.

— Meu Deus, não estou acreditando, com quem????

— Com o filho do nosso vizinho, Henry. Negócios são negócios, filha.

Não aguentei escutar o resto da história e saí correndo para o meu quarto me trancar. Eu tenho apenas 18 anos, acabei de passar na faculdade dos meus sonhos, e se isso arruinar todos os meus planos? Meu pai só pode estar louco, dar a mão da sua filha para fazer uma aliança entre empresas, não tem como isso dar certo.

Depois daquilo eu chorei, chorei com medo de viver só para isso, um marido e uma empresa de família, onde os homens são ego-cêntricos e só pensam em dinheiro. Com medo de ser só mais uma mulher a passar no mundo com o seu destino traçado por alguém que não seja eu mesma. Morrendo de medo de ter que deixar todos os meus sonhos de lado para cumprir com obrigações que eu não desejei. Eu não podia e nem iria me calar.

Capítulo 3

No outro dia decidi que eu iria fugir. Eu tinha uma poupança e tinha acesso a um pouco do dinheiro do meu pai e achei justo pegar para mim, pois foi ele que com suas escolhas, me motivou a fazer isso.

Decidi que seguiria com meu sonho, arrumaria um emprego e faria minha faculdade na Famerp, uma das melhores faculdades de medicina do Brasil, ela fica em São José do Rio Preto, lá eu me viraria.

Arrumei minhas malas e me vesti, peguei tudo o que eu acho que precisaria de imediato, para qualquer imprevisto eu tenho meu dinheiro e caso ele acabe eu dou um jeito de continuar, mas para esta casa eu não pretendo voltar tão cedo. Peguei minha mochila azul, coloquei uma calça jeans, uma camiseta básica azul claro e o mais importante, calcei o meu All Star transparente que até parecia cristal, eu ganhei ele do meu avô, a pessoa que mais me apoiou durante toda a minha infância.

Resolvi fugir de tarde, meus pais não estariam em casa, fui me despedir das minhas irmãs.

— Oi meninas, eu estou indo embora. Não posso me casar só por dinheiro, minha felicidade vale muito mais do que isso, não estou acreditando que o papai aceitou uma coisa dessas, eu sei que vocês

me entendem. Podemos manter contato, desde que não contem ao papai. Vocês vão ser para sempre minhas garotinhas, qualquer coisa me mandem mensagem e tentem contato, mas em sigilo, algum dia voltarei. Amo vocês mais que tudo.

— Também te amamos irmã, entendemos seu lado. Se isso vai ser melhor para você, siga em frente.

Ao chegar no portão, dei de cara com Henry, o filho do vizinho, aquele que estava prometido a mim. Ele é muito mais bonito de perto, só havíamos cruzado olhares algumas vezes, mas de longe.

— Olá Cinderela, vim aqui dizer para você que também não concordo com isso que estão fazendo com a gente, eles só pensam em dinheiro. Vim comunicar você que não precisa casar-se comigo, pois estou indo embora tentar o futuro em outro lugar, passei em uma faculdade em São José do Rio Preto, a faculdade Ibilce, e é lá para onde vou tentar meu sonho.

Quando ele disse isso eu quase caí pra trás, será que nossos destinos não se cruzaram acidentalmente? Será que nós dois realmente podemos ter algo?

— Eu também estou indo para lá, eu jamais me casaria desse jeito, o amor é muito mais importante.

— Vamos juntos, eu estou com as malas prontas, vou no meu carro, em cinco minutos estou aqui! Disse Henry enquanto saía correndo.

Capítulo 4

Enquanto Henry foi buscar suas malas, meus pais apareceram.

— Onde você pensa que vai Cinderela? Volte aqui agora mesmo. Disse a minha mãe.

Minha mãe, que em momento nenhum me defendeu e eu sei que sempre viveu às custas do meu pai, espero muito que um dia ela se livre dessa vida, que ela siga seu sonho de ser uma confeitadeira de sucesso.

— Mamãe, estou indo em busca do meu sonho, eu vou ser médica mãe, vou cuidar de pessoas e salvar vidas, é o que eu sempre quis. Se vocês trabalhassem menos e dessem mais atenção para as suas filhas saberiam disso. Eu passei no vestibular de uma das melhores faculdades de medicina do país, e agora estou indo pra lá. Se em al-

gum momento pensaram que eu me casaria por um contato entre empresas, estavam muito enganados, eu me valorizo e acredito no amor verdadeiro, espero que sejam felizes nessa vida medíocre de vocês, aprendam a dar valor aos momentos, pois o tempo não volta.

Nesse momento Henry chegou e me puxou pela mão, íamos direto para o seu carro. Enquanto descíamos correndo, o pé direito do meu All Star caiu, e ao olhar para trás já não dava mais tempo de voltar para buscar, meu pai já havia mandado seus capangas atrás de nós dois. Ao entrar no carro só consegui ver meu pai com meu tênis nas mãos.

Não desejo o mal para ele, pelo contrário, desejo que eles deem valor à família e não façam do trabalho a coisa mais importante de suas vidas.

De alguma forma agradeço meu pai por ter me motivado rapidamente a sair de casa, ele contribuiu muito no meu amadurecimento como mulher e me mostrou que para alguns, somos apenas um objeto, que podemos ser trocadas por qualquer outra coisa de valor.

E assim começa a segunda etapa da minha vida, longe das asas dos meus pais, precisando passar por perrengues algumas vezes, para que eu me torne, enfim, quem eu sempre sonhei. Ah, e ao lado de Henry tudo está sendo mais fácil, ele me compreende e me ajuda nos momentos difíceis.

É aquilo que eu sempre digo “gentileza é de graça, o amor também”, tenho certeza que serei uma grande médica.

FELICIDADE QUE SE RECUSA A APARECER NO DIA A DIA

Isadora de Carvalho Coelho

Sam nunca pensou que aquele sonho de infância seria possível um dia. Desde pequeno adorava a Antártida, mas seus familiares não apoiavam a ideia por acharem que não seria possível.

Quando estava no segundo semestre do primeiro ano de faculdade na Denton, surgiu uma oportunidade de bolsa que Sam quase não acreditou quando foi convidado. Era visível seu interesse pelo assunto “Pinguins da Antártida” e todos professores e colegas sabiam disso pelo tanto que ele contava sobre.

Foi por esse motivo que quando sua professora de Ciências, Lúcia, recebeu uma bolsa com proposta de pesquisa voltada para pinguins, já sabia quem convidar. Naquela tarde, Sam iria ter aulas até a noite, porém foi chamado para a sala 213 a fim de ter uma conversa com sua professora.

— Sam, desde o primeiro dia em que fui sua professora eu soube do seu futuro brilhante. Eu vi em você um potencial muito grande, entende? — disse Lúcia.

— Mesmo com as tuas dificuldades rotineiras, você é um dos melhores alunos que já tive aqui e me mostra um pouco mais a cada encontro nosso o quão grande é o seu futuro nessa vida. Sabe...

Sam não estava aguentando mais elogios, apesar de no fundo estar muito lisonjeado, e a sua ansiedade falou mais alto.

— Profes... Professora, eu queria saber por que me chamou até aqui. Aliás, obrigado. Também gosto da senhora.

— Sam, eu recebi uma ligação nesta manhã...

Aquilo não era real. Não poderia ser real. Sam se sentiu muito sortudo ao ver que a bolsa era perfeitamente para o seu caso: aluno daquela universidade que quisesse estudar a rotina e habitat de pinguins da espécie Imperador. Ele já sabia uma imensidão de coisas sobre esses animais e seu local típico, entretanto, a possibilidade de vê-los presencialmente era irrecusável.

Após essa reunião com Lúcia, Sam foi imediatamente para casa, estava empolgado para contar aos seus pais a notícia. Como o esperado, eles ficaram surpresos com tamanha oportunidade. Depois disso, logo começaram a procurar saber o que o garoto iria pre-

cisar para sua grandiosa viagem, que aconteceria no próximo mês.

O tempo passou muito rápido e já era o dia em que o início do sonho aconteceria. Foi uma longa despedida em casa e uma outra no aeroporto. Quando o embarque aconteceu, Sam estava muito empolgado, mas também nervoso devido às dificuldades com barulhos e eventos estressantes. Sua recepção ao chegar na Antártida foi muito boa, havia uma equipe de mais 3 bolsistas que chegaram com ele para o projeto. Tudo estava prestes a começar.

A aventura mais esperada pelo viajante.

Nesse dia seria a terceira vez de saída de campo pelo grupo convidado. O entusiasmo e o receio estavam consumindo Sam, pois aquele momento era muito esperado e por isso queria que ocorresse tudo como planejado. Eles iriam até um lugar onde se concentrava a maior quantidade de pinguins Imperador. O objetivo da missão era ficar observando os animais em época de acasalamento e observar os padrões praticados por eles. Já existiam fontes precisas de como tudo acontecia e esses bolsistas não iriam descobrir algo ilustre para a ciência, mas esse era o foco do trabalho: mostrar como tudo ocorria na prática para futuros integrantes da área. Ao fim do dia, quando estavam voltando para o hotel de hospedagem, Sam guardou alguns itens que pegou do local para levar consigo como lembrança. Nesse momento, um dos pinguins se aproximou muito dele. Com tamanha emoção, foi o mais perto possível do pinguim e conseguiu acariciar as suas admiráveis penas. Quando garoto, nunca conseguiu imaginar esse momento, era algo quase inédito para si mesmo.

Sam estava passando pela experiência que mais vislumbrava na vida e iria guardar maravilhosas memórias. Era um momento de superação, e sua família estava extremamente orgulhosa com a coragem que ele teve de tomar ao aceitar a bolsa, mas acima de todos, a pessoa mais orgulhosa era ele mesmo. Não via a hora de contar as suas experiências em seu relatório ao chegar de viagem.

A VIUVINHA

Isadora Milani Reichert

JORGE

Na época em que a cidade do Rio de Janeiro nem sonhava em tomar a forma de uma grande metrópole, meados do século XIX, vivia Jorge. Esse, nascido em berço de ouro, herdou uma estupenda fortuna com a morte do seu pai.

Tão lépido, o moço esbanjava a fortuna como água, satisfazendo-se de todos os desejos que o dinheiro é capaz de comprar. Caía em uma overdose de prazeres mundanos dia após dia.

Suspiro vai, suspiro vem, e logo as alegrias lhe regurgitavam. Seria devido à falta de objetivos e motivações com o futuro que o levaram até a desgraça? Seria necessária a falta de comodidade?

O moço andava cabisbaixo por Copacabana, que naquela época nem nome tinha, quando decidiu dar uma pausa para um café. No mesmo trabalhava Carolina, uma moça singela, tão simples que o transbordou de sentimentos, mesmo que ainda não sólidos.

Jorge passou a gostar de café como nunca antes. Suas idas estavam tão frequentes que os dois já estavam próximos. A moça mal sabia no que tal proximidade resultaria...

O jovem, sem perceber, sofria uma metamorfose com o passar dos dias. Aquele perdulário e frívolo que habitava o seu corpo morria aos poucos devido ao contagiante júbilo e modéstia de Carolina. A cada dia que passava, o encanto pela moça aumentava junto com a certeza de que deveria pedir a sua mão.

O COMEÇO DO FIM

Frequentemente, os dois saíam a caminhar pela atual Ipanema, catando conchas e pulando a maré. Um relacionamento casto, quase impossível na atual sociedade. Jorge, mesmo depois de experimentar de tudo em sua vida, obtinha a felicidade de fontes tão escassas aparentemente, mas que na verdade jorravam de alegria genuína.

Em um dia bem-aventurado, Carolina é pedida em noivado por Jorge. Ela aceitou. A família estava exultante, todos estavam ansiosos para o grande dia, sem saber o que estava reservado para o

futuro da noiva...

A data aproxima-se, todavia, o moral já não é mais o mesmo do princípio. Jorge era portador de um câncer pulmonar terminal. A cada dia que passava, ambos os noivos não sabiam se alegravam-se pela chegada do casamento ou se agonizavam à espera do fatídico dia em que Jorge partiria.

Jorge insistia para que Carolina o abandonasse, deixando-o morrer em paz. Mas como? Carolina o amava e, além do mais, ao simplesmente noivar-se, em tempos antigos, a sua pureza logo era questionada.

Carolina estava com a cabeça zonga, mil e uma vezes lhe atormentavam a mente, parecia que estava no inferno. A família antagonizou sua mente entre duas possibilidades: abandonar ou ser abandonada. A Jovem preferia desfazer-se chorando, pois a ideia de largá-lo trazia imensa repulsão.

CALIGEM

O Tempo foi fugaz com Carolina, entretanto, ela não o abandonou até que o funesto dia chegasse. Ela sabia que aquilo a comprometeria para o restaurante de sua bem-fadada vida, mas não tinha estômago para tamanha atrocidade.

A Viuvinha, antes uma alegre Carolina, não abandonou os tons lóbregos. Olhares a perseguiram, mas ela fugia do maldito cúpi-do. Enquanto as jovens da sua idade sonhavam com o futuro, Carolina devaneava-se com o passado, relembando coisas que nem chegaram a acontecer. Era mais fácil seguir a sua infeliz vida a cometer uma desvirtude: dar-se o prazer de recomeçar, algo impossível para as moças da época.

A CASA DE PRAIA

João Pedro de Mello Mendes

Capítulo I: O melhor verão de todos. (Ironia)

Era julho. As férias estavam por começar. Recebo a notícia que provavelmente arruinaria meu verão, meus pais estavam me obrigando a ir à casa dos meus avós. Não me entenda mal, eu amava ir para lá quando eu era menor. Porém, com as festas de verão e meus amigos aqui, além de Betty, minha namorada, isso não estava nos meus planos. A casa dos meus avós é uma linda casa à beira-mar, localizada em uma pequena cidade, e quando eu digo pequena, eu quero dizer realmente muito pequena. Na infância, eu vivia lá durante o verão, tinha feito diversos amigos. Mas com o tempo, a casa de praia foi perdendo a magia, e eu acabo por ir apenas para visitá-los.

Meu pai geralmente era muito compreensível. Porém, após eu ter roubado seu carro uma noite, ele perdeu a paciência e só quis se livrar de mim o mais rápido possível.

Quando fui comunicado que seria obrigado a ir para lá, minha primeira reação foi ligar para Betty:

— Olá, amor. — Disse James com a voz tremula, em tom abalado.

— Oi, James. Tudo certo, vida? — Betty sentia a melancolia em seu falar.

— Para falar a verdade, não muito. Papai acabou de falar que eles vão me obrigar a ir para a casa de verão durante todo o período de férias.

— Falei tentando disfarçar o desânimo, falhando totalmente.

— Eu não acredito. E você tentou falar com ele?

— Eu até tentei, mas você sabe, quando papai decide algo ninguém tira da sua mente. — Isso era verdade, ano passado fui obrigado a fazer horas de aula de golfe, graças a um amigo do pai que disse que “eu tinha futuro”.

— Eu sinto muito, amor. Mas e aí, a gente podia se ver antes de você ir, certo?

— Por isso te liguei, eu estou fazendo minhas malas e vou pegar o próximo trem. Eu sinto muito, não vai dar para fazer uma grande despedida, mas eu preciso te ver antes de ir. O que acha de nos encontrarmos na estação?

— É sério isso? Eu sei o porquê, mas não precisava ser tão rápido. Não esperava isso do Tio Andrew. — falou Betty em tom de desânimo — Mas claro que sim, estarei lá.

— Eu realmente preciso terminar essas malas, a gente se vê lá. Beijos.

— Beijos.

Capítulo II: Até logo, Betty.

Chegando à estação, desci do carro e fui ao encontro de Betty que já me esperava lá. Como sempre, estava vestindo seu cardigan e o batom preto que já era sua marca registrada. Meu pai foi retirar as bagagens do porta-malas, enquanto a mamãe segurava o choro e quase me dizia para ficar, pois não suportava a ideia de ficar mais de um dia distante de mim.

Quando cheguei em Betty fui recebido com um beijo e ficamos apenas em silêncio abraçados. Eu sei, pode parecer dramático, mas eu e Betty nos conhecemos de repente. Nos apaixonamos rápido, mas ainda de uma forma natural. Fomos um grande suporte para ambos.

O silêncio persistia. De alguma forma parecia que se não fálássemos sobre isso, não aconteceria. Até que Betty quebra-o:

— Então, você realmente vai.

— Queria poder dizer que não. — Falo em tom de culpa.

— Calma, James. São apenas 2 meses, nada vai acontecer.

— São dois meses sem você, eu não estou preparado para isso.

Enquanto falava fui interrompido pela inconfundível buzina do trem.

Parecia que com aquilo a situação tornou-se real. O abraço já apertado, ficou mais forte. As lágrimas começaram a sair e com um beijo nos despedimos após James ser chamado pelo pai. James então, foi em direção a sua mãe, que chorou ao abraçá-lo. Deu o último abraço em seu pai, e então entrou no trem. A última visão que Betty teve foi do trem partindo, entrando no túnel. Enquanto James via Betty secando as lágrimas.

Capítulo III: A casa de praia.

Depois de em média três horas de viagem, finalmente che-

guei. Desci do trem e fiz o desembargo. Vovô já me esperava na frente da estação. Até a casa era outra viagem, já não bastasse a cidade ser pequena, vovô e vovó moravam longe de tudo, em uma casa numa região nobre, onde os ricos compravam casas para férias ou aposentadoria. Chegando à casa, James sentiu-se novamente como a criança de nove anos que costumava correr por aquele grande jardim. Foi recepcionado por sua avó, que o abraçou fortemente. Ele estava com muita saudade, na última vez que haviam se visto era natal e James havia ficado pouco tempo em casa.

James chegou e foi recepcionado por Thomas, seu melhor amigo da infância. Thomas era um garoto bonito, alto e muito educado, além de ser extremamente rico. Seus pais eram donos de toda a cidade basicamente. Seus hereditários há muito tempo atrás haviam fundado a University Of Collordown, que carregava o nome da família e foi um dos marcos para o desenvolvimento da cidade. James sempre se perguntou o porquê de Thomas ainda não ter saído daquela cidade de fim de mundo, mas agora com a faculdade a caminho, Elesabia que Thomas provavelmente só iria entrar para a universidade de sua família e ficar para sempre lá. Thomas gostava de ser tratado como um rei e a cidade tratava-o assim, não tinha motivo para ele não ficar lá.

Thomas recepcionou-o com um abraço. Sempre com aquela energia extremamente extrovertida, o total contrário de James. Porém, de alguma forma eles se davam bem, não é como se eles estivessem no melhor momento da amizade. Quando crianças eram inseparáveis, mas ao longo da adolescência desenvolveram seus próprios ciclos e acabaram por se afastar de vez quando James parou de ir para a casa de verão. Agora Thomas era mais um suporte para James aguentar tudo aquilo e se inserir mais na cidade.

Capítulo IV: A Festa.

Em uma festa dentro de uma mansão, não sabendo o que fazia lá, estava James. James gostava de se definir como uma pessoa sociável, mas não extrovertida, o que não facilitava muito naquele contexto. Enquanto a festa de início de verão que Thomas estava fazendo acontecia, James ficava apoiado em uma varanda com o celular em mãos falando com Betty por mensagem:

— É amor, eu sei que não é o ideal, mas talvez a gente possa fazer uma ligação mais tarde. Odeio o que essa menina faz com você. —

Teclava James enquanto se sentia culpado em não estar lá para Betty.

— James, ignora. Eu não quero mais falar sobre isso, sério. A Inez é só mais uma garota fútil, não tem motivo para eu dar atenção.

— Eu sei. Mas isso ainda te afetou. Eu quero que você possa contar comigo para ser seu suporte agora.

— Sério, está tudo bem. Eu vou dormir, quero que você aproveite essa noite. Até porque é raro conseguir te levar a uma festa. — Betty falava em tom de brincadeira, mas ambos sabiam o fundo de verdade que havia ali.

— Ei! Eu sei que não sou a pessoa mais extrovertida do mundo, mas não é para tanto. Eu vou te deixar dormir, mas a gente ainda vai falar sobre isso, tá bom?

— Tá, lindo. Boa noite.

— Boa noite.

Quando Betty deu tchau, James ficou sem saber o que fazer. Qual seria sua desculpa para evitar aquela festa?

Entrando para ir buscar um copo de bebida se esbarrou com uma garota. O Black Power junto com as roupas de cores chamativas eram inconfundíveis. Aquela era Augustine.

James e Augustine se conheceram há uns três anos, quando ambos tinham apenas quatorze anos de idade, através de Thomas, obviamente. James e Augustine se tornaram inseparáveis rapidamente por terem interesses muito parecidos, ambos amavam filmes clássicos, realitys ruins, livros fantasiosos, true crime e principalmente, eram fascinados por mistério. Foram diversas as vezes em que foram flagrados em lugares proibidos procurando por soluções para mistérios que, no geral, vinham da própria cabeça. A amizade deles ficou conturbada quando Augustine começou a gostar de James e ele não a correspondeu. O grito dado pela garota parecia que alguém acabara de morrer ali mesmo:

— JAMES, VOCÊ ESTÁ NA CIDADE?

— Oi Augustine, sim. Desculpe-me pela batida.

— Ah, isso não importa. Eu quero saber o motivo de você estar aqui e ainda não ter me procurado, e a nossa amizade? — Falava Augustine em tom de piada, dava para sentir em sua voz que gostou de encon-

trar James ali. Por outro lado, James não sabia como agir, já que a última conversa que haviam tido era ela dizendo que não falaria mais com ele para não se machucar.

— Eu juro que pensei em te ligar, mas não sabia se você queria me ver. — Falou de uma maneira educada, porém sem graça.

— É óbvio que sim, bobo. Nós ainda vamos sair e quero que no mínimo você me conte tudo sobre o que rolou nesses anos. — Augustine era o tipo de pessoa que fazia todos na volta felizes e no geral, James realmente queria chamá-la para dar uma volta, como nos velhos tempos.

— Para falar a verdade, eu estava indo embora da festa. Você não quer conversar agora? — James sabia que não iria embora àquela hora, mas precisava livrar-se de toda agitação, barulhos e no geral, pessoas mesmo.

Augustine concordou com a cabeça, pegou na mão de James e o levou até a mesa onde estavam as bebidas. Roubou uma garrafa de vinho, e ainda de mãos dadas, Augustine o arrastou até a costa. Chegando lá, sentaram-se na areia e ficaram vendo as grandes ondas iluminadas pela luz da lua quebrando-se na praia. Augustine então pergunta:

— Eu vi seu Instagram, me fala mais sobre a sortuda dessa Betty. — Brincava com James enquanto abria o Cabernet.

— Ah — Foi a única reação que James conseguiu ter, seguida de uma risada — Não diria que ela é sortuda, diria que eu sou por tê-la.

— Ai, olha ele todo meloso.

— Ué, você entende. Eu também vi seu Instagram e aquela tal de Taylor também é uma sortuda. Me fala mais sobre ela. Quer dizer, eu não sabia que você curtia essas coisas.

— É. A Tay foi algo surpreendente, mas foi de uma forma tão natural, você entende? — disse enquanto baixava a cabeça e uma estranha melancolia surgia no ar — Infelizmente, nem sempre as coisas são como a gente quer, os pais dela nos descobriram e acabaram a mandando para um colégio interno em algum lugar da Inglaterra, eles nunca me deixaram saber nem mesmo a cidade e eu nunca mais tive contato com ela. — Terminava a fala tomando um grande gole de vinho.

— Meu Deus! Eu sinto muito, Tine. Eu não queria te deixar triste. — James travou quando a chamou assim, não sabia se Augustine ainda

se sentia confortável com ele a esse ponto.

— Ei, calma. Está tudo certo, eu não tenho muito o que fazer e agora tive que seguir em frente. — Augustine parecia estar tão abalada falando de Taylor que nem notou, de alguma forma nesses poucos minutos juntos, ambos já estavam sentindo aquele sentimento de conforto e confiança, diria que amizade.

— Eu gostaria de ter essa maturidade. Meus pais me mandaram para cá e estou surtando por ficar dois meses longe da Betty, quem dirá nunca mais a vê-la.

— Essa “maturidade” foi imposta a mim. Mas de qualquer forma, eu não sinto que nunca mais vou vê-la. Sei que nesse momento ela deve estar sofrendo uma cura gay ou algo assim em alguma escola católica desconhecida, eu fico mal por ela, e não por “nós”. Você entende?

James só concorda com a cabeça.

Naquela noite, conversaram sobre diversos assuntos. Se atualizaram dos últimos três anos e acabaram com diversas garrafas. De alguma forma aquilo era exatamente o que James precisava naquele momento.

Capítulo V: Meu Deus...

James acabara de acordar. Escovou seus dentes e desceu a escada de encontro a seus avós que já estavam o esperando com a mesa de café feita. James gostava que enquanto estava na casa de seus avós eles o mimavam como se ainda tivesse nove anos. A mesa contava com uma variedade de pães, bolachas, sucos, além de ovos, bacon e café. Porém, a coisa mais importante naquela mesa era a pilha de panquecas que James sabia que sua avó havia feito só para ele, como já era de costume desde pequeno. James conversava com seus avós sobre os mais variados assuntos, mas no geral, eles gostavam mesmo era de fofocar sobre a vida das pessoas da cidade. Quem ficou com quem? Quem traiu quem? Eram assuntos recorrentes naquela mesa. Contudo, hoje James havia de comer rápido, pois tinha marcado com Augustine para aproveitar a praia.

Desde o dia da festa, muita coisa aconteceu. Augustine e James voltaram a se falar e ela o adotou na cidade enquanto James e Thomas não estavam no melhor momento. Os dois voltaram a ter

aquela amizade inseparável. James até desejava que ela e Betty se conhecessem um dia, pois segundo ele “a energia delas era a mesma”.

James então escuta o toque da campainha e sai correndo para atender. Quando volta à mesa, volta com Augustine. Sua avó a convida para se sentar, porém os dois só queriam dar um mergulho o mais rápido possível. Ela nega gentilmente e os dois vão em direção ao fundo da casa onde ficava a praia. Ao chegar na areia os dois saem correndo para ver quem entrava primeiro no mar, que às 8 horas da manhã estava congelante.

James e Augustine ficaram o dia inteiro na praia, até que por volta das 18 horas foram surpreendidos com uma tempestade repentina. Os dois voltam correndo para a casa, tentando pegar tudo o que levaram à praia. Chegando na porta, a vó de James já esperava por eles com toalhas em mão, ambos se secaram e subiram ao seu quarto. Sua avó não sabia, mas James havia escondido bebida em sua mala e sentiu que aquele era um bom momento para beber com Tine. Eles ficaram por horas jogando papo fora, bebendo e jogando videogame. Augustine chegou até a mandar áudios para Betty, que ficou feliz em saber que James tinha achado uma amiga para se divertir. A hora passou tão rápido que quando viram já eram duas da manhã e eles estavam em êxtase ainda. Apreensiva de estar incomodando, Augustine avisou:

— James, vou chamar o Uber. Seus avós já devem estar malucos comigo aqui.

— Não, fica. Por favor. Você sabe que você é a preferida deles.

— É, eu sei. Mas já está tarde, se eu não voltar agora, eu não volto mais.

— Então fica ué, o que mais tem nessa casa é quarto sobrando, quando você tiver com sono eu te levo lá. Além de que conheço seus pais e eles provavelmente já esperam que você dormirá aqui.

— Sério? Não seria muito incômodo?

— Augustine, você é sempre um incômodo – James falou de forma claramente irônica. Augustine sorriu e respondeu com um palavrão.

Naquela noite, saquearam a geladeira diversas vezes, além de pegarem uma garrafa de Whisky do avô de James. Com o álcool no corpo, sozinhos no quarto e praticamente pelados com o calor que fazia mesmo com a tempestade lá fora, eles foram de encontro ao outro e

acabaram por se beijar. Augustine resistiu, falou que não podiam, que ele namorava. James por outro lado ficou quieto com os olhos fixados na boca da garota e avançou novamente. Dessa vez, ela não resistiu.

Capítulo VI: Augustine.

James sabia que era errado. Sabia que não devia ter feito aquilo. E sabia que não deveria ainda estar fazendo. Já era metade de agosto e eles vinham fazendo isso a semanas. De alguma forma, mesmo sabendo que era errado, o garoto preferia acreditar que por ser de forma sexual e não romântica, ainda não era motivo de Betty saber o que estava acontecendo. Atrás do único Shopping Center da cidade eles se encontravam quase todos os dias, escondidos. Augustine não gostava daquela posição e sabia que também estava errada, mas o medo de perder James de novo com o quanto aquelas saídas significavam para ela, fazia com que aquilo valesse a pena.

E assim eles passaram todo o verão, na costa, nas florestas, atrás do shopping, na casa de praia enquanto seus avós não estavam. Era sempre Augustine indo em sua direção com seu carro e apenas falando: “James, entra aí. Vamos dirigir”. Aqueles dias se tornaram noites à James, que se sentia extremamente culpado por fazer isso pelas costas de Betty.

Augustine sabia que não podia. Por outro lado, sentia que merecia se sentir amada alguma vez. Para ela aquele era um amor de verão. Ela sabia que James era feliz com Betty, mas ela tinha certeza que os dois eram mais felizes juntos. Assim, esse amor de verão foi se nutrindo, se encontrando em lugares românticos, como na praia, nos bosques e até mesmo em lugares públicos como no shopping, o que fazia Augustine ter certeza que James não se importaria se Betty soubesse. Augustine havia reacendido o sentimento que um dia teve por James, mas tudo certo, dessa vez ela tinha certeza que era correspondido.

Certo dia, em mais uma saída na praia, os dois estavam sentados em cadeiras de praia apenas com o pé no mar, já era o fim do dia e o sol estava se pondo, naquela vista os dois se beijaram. O que nenhum deles esperava era Thomas ver isso.

Em estado de desespero, Thomas não sabia o que fazer. Fazer o certo e acabar por trair meus amigos, ou protegê-los e ter

que guardar a culpa de Betty não saber disso por mim? Thomas tomou então a decisão de chamar Betty pelo Instagram, mas ficou com medo de James descobrir que ele havia contado e acabar surtando, então ele procurou na aba “seguindo” de Betty alguma menina que fosse amiga dela. Ele achou então um perfil com o nome de uma menina que já lembrava que James havia comentado, só não lembrava em que situação. Abriu a DM e começou a conversar:

— Oi, tudo certo?

— Sim, quem é?

— Olha, para falar a verdade não importa muito. Eu estou procurando alguma amiga da Betty. Você a conhece?

— É sério isso?

— Desculpe, eu preciso muito falar sobre um negócio, mas o James não pode descobrir o que eu que falei. — Thomas observou que a menina que estava digitando apagou a mensagem e rapidamente respondeu...

— É claro que sou, o que você precisa?

Thomas então contou tudo à amiga de Betty, que parecia bem tranquila em repassar as informações, talvez não fosse a decisão mais inteligente, mas ele sabia que dessa forma James não saberia que foi ele.

Capítulo VII: James

Os dias de Betty eram cada vez mais idênticos ao anterior. Todos os dias ela acordava, se arrumava, ia para a cafeteria e ficava lendo lá. Era um tédio. Toda a escola já sabia que ela passava as férias na cafeteria, então não era difícil de encontrá-la. Naquele dia em específico, tudo que Betty desejou fosse que continuasse rotineiro. Infelizmente, não foi assim que aconteceu.

Enquanto Betty estava lendo um livro, provavelmente sobre algum sistema político ou talvez até sobre alguma utopia, foi interrompida por alguém sentando em sua mesa. Ao subir o olhar, encontrou-se em estado de pânico, era Inez. Betty e Inez eram as melhores amigas durante toda a infância, mas ao longo da adolescência Inez se tornou um estereótipo de garota popular e plástica dos anos 2000, e Betty acabou se afastando. O problema começou quando Inez começou a espalhar rumores

sobre Betty e até mesmo fazer bullying com ela, talvez como uma tentativa de desassociar as imagens, mas deixou Betty muito machucada. Betty não gostava de admitir, mas sentia medo de Inez. Betty sabia que Inez faria de tudo para manter seu status na escola, e isso a deixava aterrorizada. Inez então falou:

— Oi, Betty. Eu preciso falar com você. — Betty recuou e com um tom de voz firme falou:

— Inez, não tem porquê conversarmos, sai daqui.

— Betty, eu sei o que fiz. Mas agora é sério, você acha que eu gostaria de ser vista com você? Se eu estou aqui é porque precisamos conversar.

Betty só concordou com a cabeça, e com uma cara séria ficou disposta a ouvir. Inez então continuou:

— Eu sei que você não vai acreditar no que eu vou te falar, eu nem sei porque não estou usando isso contra você, mas vamos lá. Eu recebi uma mensagem, falando sobre James. — Inez observou o rosto de Betty ficar intrigado — eu sei que ele está na casa dos avós dele, certo?

— Sim, mas por que você está falando sobre James?

— Betty, eu não sei nem como dizer isso, então vou ser direta. Ele está te traindo.

Foi como se o chão se abrisse. Betty estava em completo estado de choque. Ela sabia o que aquelas palavras significavam, ela sabia que pela forma de falar de Inez aquilo era verdade, o que ela não sabia é o que ela iria fazer com aquela informação.

Capítulo VIII: Agosto

Já era o fim do mês. James finalmente voltaria para casa, voltaria para Betty. Faltavam três dias apenas para pegar o trem e foi surpreendido por uma mensagem de Betty:

— James, eu não sei o que fiz de errado. Eu juro que tentei te segurar, te ter para mim, mas eu não consegui. Eu quero que aproveite seus momentos com Augustine, ela parece ser legal, eu peço que não me procure mais, já não tem o que ser feito.

Betty<3 bloqueou você

Foi devastador. Tudo que James sabia fazer era chorar. Ele

não sabia como tinha sido capaz de fazê-la se sentir de tal jeito. Ela estava se sentindo culpada, James sabia que Betty tinha problemas com isso, já tendo passado pelo mesmo sentimento de culpa até mesmo no divórcio de seus pais. James queria fazer de tudo para voltar no tempo e apagar todo o mal feito por ele, mas não podia.

Augustine foi se despedir, pois também voltaria a sua cidade. Tocou a campainha e se deu com a avó de James, que disse para ela subir, pois ele estava no quarto. No momento em que abriu a porta encontrou James aos prantos e não sabia o que fazer. Ela estava sentindo o mesmo por perdê-lo, esperava que pelo menos James fosse feliz com Betty quando voltasse. De alguma forma isso a confortava, saber que mesmo sem ela, ele não estaria sozinho.

Chegou então o esperado dia de voltar. James já não aguentava mais, ele precisava voltar a sua cidade. Ele não ia procurar por Betty, ela foi bem clara quando disse para que ele não a procurasse, mas queria que tivessem a chance de talvez se esbarrar em um corredor ou algo assim com a volta das aulas. Durante a viagem, James pensou em tudo que acontecera em seu verão e em como a vida teria sido mais fácil se nunca tivesse pegado o carro do seu pai sem pedir.

O fim de agosto ainda traz uma brisa boa, mas a marcação do início de setembro sempre traz um fundo melancólico. Nesse contexto, suas aulas começaram, James recebera uma mensagem de Augustine minutos antes do seu primeiro dia de aula. Nessa mensagem, Tine falava sobre como amava James, que esperava que ele fosse feliz mesmo que longe e que se ele ainda estivesse solteiro no próximo verão ela ficaria honrada de encontrar ele na mesma praia. James leu e não soube responder, apenas desligou o celular e foi em direção à escola.

Nessa semana de volta às aulas, James descobriu que Betty havia trocado todas as aulas que eles tinham juntos, além de nem olhar no rosto do rapaz. De qualquer jeito, James a conhecia bem demais, e sentia a profunda solidão vinda da garota.

Capítulo IX: Betty

Era o dia do baile de outono. A escola estava inteira decorada e James se recusava a ir até descobrir que Betty estaria lá. Ele pensou que essa poderia ser a chance de eles pelo menos se resolverem,

então trajou um terno velho guardado a anos no guarda-roupas de seu pai e foi.

Chegando lá, o baile estava lotado. James se encontrou com Josh, um amigo dele. Josh era um rapaz muito introvertido, mais que James inclusive. Ele chegou até a ficar surpreso por Josh estar no baile. Eles beberam um pouco de ponche e dançaram. Conversaram muito, James contou sobre todo seu verão até que foi interrompido pela visão de Betty dançando a sua música preferida do outro lado da quadra com um dos jogadores do time da escola.

Aquela cena foi quase como um tiro para James, que não aguentou continuar lá e foi para casa. Chegando em casa ele compôs uma música à Betty, sabendo que ela daria um After Party em sua casa. Com a letra em mãos e o pensamento organizado, James decidia se iria para a festa de Betty ou se só atrapalharia estando lá. O garoto pensava em tudo: como ela mudou de sala, como ele passava pela casa dela de skate e era quase como se ele não conseguisse respirar, como ela escutou esses rumores pela Inez e que em qualquer outro momento não acreditaria em nenhuma palavra dela. Mas dessa vez era verdade, ele sabia que a pior coisa que já tinha feito foi o que ele fez a ela. Ao mesmo tempo se perguntava: e se ele aparecesse naquela festa, ele seria recebido? Ela iria querer ele ali? Ou ela só iria mandar ele se ***** e deixá-lo no jardim? Ela confiaria quando ele dissesse que foi só uma coisa de verão? Afinal, James só tinha 17 anos, a única coisa que sabia era que sentia falta dela.

Enquanto esse turbilhão de pensamentos passava em sua cabeça, James mal percebeu que havia caminhado até a frente da casa de Betty. Realizou então que essa era a última vez que ele poderia pensar no que aconteceria quando ela visse o rosto dele novamente. Bateu na porta e começou a se perguntar. Você vai me aceitar? Você vai me querer? Você vai me beijar na varanda na frente de todos seus amigos estúpidos? Se você me beijar vai ser como eu estou sonhando? Isso vai consertar suas asas quebradas? Eu só tenho 17 anos e não sei de nada, só sei que sinto sua falta. Parada no seu cardigan, beijando no meu carro novamente. Eu não sei o que vai ser de nós, mas eu sinto sua falta.

Betty então abre a porta e...

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO

João Pedro de Mello Padoin

Soluço era um rapaz magrelo que morava na ilha de Berk. Era filho de Estoico, O Grande, que era líder dessa ilha (o que já botava um peso nas costas de Soluço), mas tinha uma coisa interessante na ilha de Berk, dragões! É! Isso mesmo! Dragões! E eles todas as noites atacavam a ilha em busca de alimentos. Existiam dos mais variados tipos de dragões, desde aqueles que se incendiavam, até dragões com duas cabeças.

Soluço tinha amigos durões que combatiam os dragões, mas como ele era magrelo, não conseguia lutar contra eles, apenas ajudava na ferraria com o amigo de seu pai, o Bocão.

Certo dia, Soluço tomou coragem e foi para a rua durante um ataque, ficou aterrorizado, mas dessa vez nada poderia impedi-lo. Chegou na catapulta e esperou um dragão passar, até que ouviu o barulho estridente do mais temido dos dragões e último de sua espécie, o Fúria da Noite. Com sua cabeça cobiçada em Berk, era o dragão mais procurado para o abate e ninguém que o enfrentara havia sobrevivido. Num ato de desespero, Soluço atira no que acha ter sido o vazio, mas subitamente ouviu o barulho estridente parar e um barulho de queda ressurgir ao fundo. Pensou para si mesmo: “Eu o capturei! Capturei o Fúria da Noite!”, mas quando olha para trás, um dragão flamejante estava prestes a devorá-lo vivo, mas seu pai surge a tempo para salvá-lo e o manda para dentro da ferraria. Soluço aos prantos grita ao seu pai que tinha capturado o Fúria da Noite, mas seu pai, conhecendo o seu histórico, não acredita nele.

A noite passa, o dia nasce, Soluço ainda está brigando com seu pai por conta do Fúria da Noite, mas seu pai, furioso por ele ter saído durante o ataque, não o dá ouvidos. Soluço dá um jeito de fugir para a floresta onde supostamente o Fúria da Noite havia caído. Após um tempo procurando, não achou nada, mas no momento que ele iria voltar, Soluço acha traços de destruição no seu caminho e pensa: “Não pode ser!”. Andando mais um pouco, Soluço acha o Fúria da Noite preso em cordas e pedras da catapulta. Com medo, ele pensa em ir embora, mas lembrou-se que havia prometido a si mesmo que deixaria de ser covarde e seria um viking de verdade.

Soluço se aproxima da fera com a sua adaga, com receio, ele pensa em soltá-lo após olhar nos seus olhos e sentir pena da fera, mas recordou de todos os problemas que já havia causado e tomou um ato de coragem. Pegou sua adaga e friamente degolou a fera, que ficou apenas com a cabeça, deixando o corpo para trás. Chegando na cidade com a cabeça da fera, todos ficaram desacreditados que um garoto magrelo conseguiria derrotar o maior inimigo de Berk. O boato espalhou-se rapidamente pela ilha até chegar a Estoico, que ficou desacreditado até ver a verdade com seus próprios olhos: seu filho que nunca tinha feito nada, aparecer com a cabeça mais cobiçada da ilha em suas mãos.

Estoico, num ato de puro orgulho e alegria, anuncia uma festa na mesma noite, e Soluço agora com seu ego elevado, acha que consegue matar dragões e começa a se exibir para os outros que adorem seu discurso falacioso.

A noite cai e a festa começa. O jantar está delicioso, e Estoico anuncia um brinde ao seu filho:

“Nunca um pai ficara tão orgulhoso de seu filho como hoje, um feito que nenhum outro viking nessa ilha tenha feito, matou o Fúria da Noite! Vida longa à Soluço!”

Mas mal eles sabiam que durante a festa o caos estava se instaurando na ilha, o maior ataque de dragões já ocorrido, algo sem precedentes e jamais visto na história de Berk. Os cidadãos invadiram a festa implorando por ajuda para os guerreiros. Agora todos os guerreiros estão unidos lutando pela sobrevivência de Berk, inclusive Soluço. Os dragões, muito maiores em números, acabam dominando os guerreiros, sobrando apenas Soluço, que num ato heróico grita e parte pra cima dos dragões, apenas para ser dilacerado brutalmente. E assim foi um por um na ilha de Berk. Os dragões conquistaram tudo e nem uma vida foi deixada para trás, todas ceifadas pelos dragões.

No outro dia, Berk acorda em chamas, totalmente destruída, sem vida alguma, e pensar que no dia anterior ela estava inteira, em paz e euforia.

1917 E SEU ACONTECIMENTO

João Victor Martins

Willian fica debaixo da árvore por 10 minutos, pensando em tudo aquilo que acontecera com ele durante sua missão. Após perder-se em seus pensamentos, Willian acaba lembrando que Blake o aguardava no refeitório. Ao chegar lá, Willian se depara com Blake sozinho sentado sobre a mesa com os olhos profundos e cheios de lágrimas. Ao ver aquela cena, Willian se move lentamente até a mesa sentando-se ao seu lado e o consola falando que Cook, seu irmão e amigo, fora um grande soldado.

Segundos depois o sargento Guthrie chega ao refeitório a procura de Willian para avisá-lo que o coronel Mackenzie o procura urgentemente. Após Willian ficar sabendo que coronel Mackenzie estava o procurando, se desloca até o primeiro acampamento, onde vai até a cabana do coronel. Lá estava ele, com um olhar de esperança e frieza sanguínea.

A chegada de Willian causou uma pequena euforia no coronel Mackenzie, que o agradece e lhe entrega um requerimento para que Willian volte à linha de frente. Logo após receber o requerimento, Willian agradece o coronel Mackenzie, mas acaba recusando, pois já estava determinado a outra missão pessoal: voltar ao território inimigo para o resgate de sua amada que se encontrava em Paris numa casa no centro da cidade. Coronel Mackenzie, ao ver a determinação de Willian como recompensa de sua missão completa, mobiliza um pelotão liderado por Blake para ajudar no resgate de sua amada. Willian ficou feliz e logo começou a discutir estratégias com Blake e seu pelotão para a entrada no território inimigo. No dia seguinte, um pouco antes da saída do pelotão juntamente com Willian, coronel Mackenzie os deseja sorte. Blake e seu pelotão, que minutos depois mobilizam-se a um ponto estratégico na porta de Paris em frente de uma igreja, começam a invasão no território inimigo em busca da amada de Willian. O pelotão não encontrou dificuldades para a entrada, muito menos para encontrar a amada de Willian.

Após encontrá-la, Willian fica muito feliz, pois estava com sua amada, mas Blake vê a situação que ocorria no campo de batalha

e avista que reforços inimigos estavam chegando e que eles tinham que sair dali.

Após a saída do pelotão a 5km da cidade de Paris, viram que não estavam sozinhos, pois tropas inimigas os seguiram. Blake pede que Willian e sua amada continuem a andar, pois juntamente com o pelotão, iriam ganhar tempo para que eles pudessem fugir. Um hora se passou. Longe do local onde estava Blake e seu pelotão, Willian e sua amada ouvem uma explosão vinda daquela direção. Logo Willian olha para o céu e chora, pois sabia que Blake e seu pelotão se sacrificaram para que eles fugissem e voltassem para casa.

Após a volta para casa, Willian escreve uma carta para a mãe de Blake e Cook, comunicando a morte de seus amigos e seus feitos heroicos, assim cumprindo a promessa que fez a seu amigo Cook

CORTE DE CHAMAS PRATEADAS: E SE ELA NÃO ESTIVESSE MORTA?

Júlia Zanon Vestena

Quando voltaram do Pântano de Oorid, tudo que viram e enfrentaram lá os deixavam com náuseas. Nestha e Cassian após o jantar foram dormir. Azriel decidiu fazer o mesmo, depois daquele dia, só precisava descansar.

Azriel estava ferido, por sorte conseguiu encontrar uma caverna longe o suficiente para que não o encontrassem. Tudo começou a girar, sua visão estava embaçada, a dor latejava pelo corpo inteiro, não conseguiria se curar sozinho. Respirou fundo uma, duas, três vezes, no entanto, não foram suficientes.

Acordou com a impressão de que não estava sozinho. Uma feérica já adulta estava ao seu lado cuidando de seus ferimentos. Ela conversava com ele e dizia que tudo ficaria bem e que ele precisava ficar calmo para agilizar o processo.

Já estava lúcido o suficiente para escutá-la falar, porém não conseguia prestar atenção em nada que dizia, somente em um colar escuro pendurado no pescoço da mulher.

— Azriel! Precisamos ir logo. — disse Cassian.

Az conseguia ouvir Cass o chamando, mas não o encontrava em lugar nenhum. Cassian chamava-o diversas vezes, dava para perceber o quanto estava preocupado com o irmão.

Foi então que nos últimos segundos Az encarou a menina adulta. Acordou em seguida:

— A irmã de Rhys... — Disse Az para Cass.

Aquilo foi o suficiente para Cass entender o que se passava no sonho do irmão e o porquê de sua cara de preocupação e confusão que também o estava deixando atormentado.

No entanto, não comentaram mais sobre o ocorrido.

Mesmo não comentando com mais ninguém do sonho estranho que teve, alguma coisa dentro dele indicava à Azriel que deveria ir pesquisar sobre o colar que a menina estava usando em seu sonho.

Atrás de mais informações para ajudar na busca pelos outros tesouros, em um livro muito antigo encontraram um relato sobre o

Colar e que este provavelmente estaria perdido. Até então, ninguém sabia da existência de um quarto tesouro: O Colar. O mesmo havia sido criado pelo Caldeirão muito tempo antes e acabou se perdendo. Aquele que o encontrasse poderia ser curado se estivesse à beira da morte, além de garantir total sigilo e subsistência ao seu portador e ainda garantir que seus poderes se tornassem muito mais fortes.

Tentaram usar a arte da adivinhação de Nestha para tentar encontrá-lo caso este realmente existisse. A adivinhação com ossos e pedras mostraram no mapa um espaço vazio, não havia informações sobre nenhuma área perto de onde foi indicado, mas mesmo assim não custava nada viajar até lá para ter certeza, eles não podiam perder a oportunidade.

Logo ao amanhecer, Rhys, Az, Nestha e Cass voaram até o lugar indicado no mapa. Para sua surpresa havia uma estreita faixa de terra no local, parecia inabitável, porém se aproximaram mais para tentar encontrar alguma pista.

A faixa de terra era protegida com feitiços e magia, foi muito difícil entrar. Mesmo exaustos, pousaram em terra firme. Cass, como ótimo chefe do exército que era, percebeu que estavam sendo vigiados e avisou aos outros para ficarem atentos.

A imagem de uma figura feminina começou a se formar mais ao longe de onde estavam. Ela parecia estar em forma como se treinasse todos os dias, altura mediana, cabelos azul-pretos como a noite, olhos violeta, marcas de antigas asas que haviam sido cortadas... Ai meu deus! Aquela mulher não era qualquer uma, aquela mulher era a irmã de Rhys.

Rhys foi correndo encontrá-la, sem nem pensar se ela o reconheceria. Por sorte ela o reconheceu, mas tudo estava muito confuso. Um turbilhão de perguntas começou a se formar na cabeça de todos. Como ela estava viva? Quando chegou até lá? Por que ela estava no mesmo local onde fora indicado que o quarto tesouro nefasto estaria? Como havia sobrevivido? Como chegou até lá? Desde quando estaria lá? Entretanto era preciso resolver uma coisa de cada vez. Após um tempo, ela pegou algumas de suas coisas e todos voltaram para a Corte, pois a cada hora que se passava aquele lugar poderia ficar mais estranho e perigoso para aqueles que não o conheciam.

Ela contou que após quase morrer e suas asas terem sido cortadas, conseguiu se esconder em uma caverna e produzir com folhas e algumas flores alguns antídotos para atrasar sua morte. Infelizmente, não conseguiu levar sua mãe junto, porque ambas estavam fracas demais. Enquanto buscava recursos, teve de se submeter a inóspitas condições e acabou encontrando o Colar. Quando o achou, não sabia que tinha de fato alguma utilidade, mas acabou aderindo-o por gostar dele e lembrá-la de sua família por causa da pedra de tom azulado tão escuro que parecia preto.

Com o tempo, percebeu que o Colar estava ajudando-a, ela conseguiu se curar de graves ferimentos e então se refugiou até aquelas terras, criou proteções e garantiu que ninguém a encontrasse, nem mesmo o próprio irmão.

Az estava tão chocado quanto todos. Como aquilo era possível? Que tipo de poder aquele colar tinha para fazer tanto pela garota, inclusive salvá-la da morte certa? Por que justo agora encontraram-na? E o sonho? Por que ELE tinha sonhado com ela? Tudo começou a se interligar e Az ficava cada vez mais confuso.

HOW I MET YOUR MOTHER

Juliana Rohde Neves

PARTE UM

— A fachada lustrosa e histórica foi descrita pela visão arquitetônica como “Classicismo moderno”. — Explica Ted.

— Sim, consigo perceber! — Diz Penny — Filha de Ted — concentrada observando os detalhes do prédio.

— Alguma pergunta do grupo? — Ted pergunta ironicamente, com um sorriso no rosto, já que finalmente tinha alguém que se interessasse por suas mil e uma curiosidades sobre a arquitetura e Penny era a sua única companhia no momento.

Robin, sua ex namorada, melhor amiga e a mulher que sempre amou desde o primeiro encontro (literalmente), que não via há tempos pelo seu trabalho que a mantinha ocupada viajando, aparece. E comenta:

— Eu tenho uma.

Ted percebe sua presença e fica surpreso.

— O que houve com o prédio que ficava aqui? Era melhor — completou, ironizando, já que realmente foi uma luta para conseguirem a liberação da destruição do prédio antigo para a construção do novo.

— Robin! Meu Deus.

Ted rapidamente abraça sua antiga companheira.

— O que faz aqui? Achei que estava em...

— Moscou, Grécia, Marrocos? É, o jornal me mantém ocupada. — Diz Robin dando uma risada.

Ted completa: — E bem famosa. Você está por todo lado!

— Não estou por todo lado — Robin rebate mesmo sabendo que era verdade.

Ironicamente aparece um ônibus estampado com a cara de Robin.

— Está bem, estou em alguns lugares. — Volta a dar um curto riso.

Robin então resolve conversar com Penny, comentando que fazia muito tempo que não a via.

— Gosto de você, moça do ônibus — Penny fala dando uma risada boba.

— Eu também gosto de você, mas nunca mais me chame assim! — Robin responde.

PARTE DOIS

No mesmo dia, Ted e Robin foram almoçar juntos.

— Então você foi atropelada por um touro?! — Ted pergunta espantado mesmo já sabendo da notícia.

— Eu fui atropelada por um touro! — disse ela.

Ted mantém seus olhos arregalados ainda incrédulo, esperando que a moça em sua frente esclarecesse a história, e assim foi:

— Eu estava na Espanha e estávamos filmando uma cena na tourada. Meu produtor achou que seria ótimo se alguém entrasse no ringue e tentasse. Spoilers: eu fui atropelada por um touro. Então depois disso, eu decidi que iria fazer apenas o trabalho de ancoragem no estúdio.

— Eu até adotei 5 novos cachorros — completa Robin.

— Cinco? Por que são sempre cinco cachorros? — Ted pergunta.

— Um só é para os fracos — Robin responde soltando uma pequena gargalhada.

— Então... Agora que você está na cidade em tempo integral, veremos mais você? — Ted perguntou esperançoso.

— Ahm, é. — A resposta de Robin não demonstrava muita felicidade, mas Ted não deixou se abalar, apenas continuou a conversar com sua amiga:

— Bom! Porque as coisas estão...passando tão rápido.

— Eu sei! Eu penso sobre isso o tempo todo. — Robin complementa a fala de Ted, agora já um pouco mais animada.

— Eu penso sobre todas as memórias, todas as noites no McLaren's... Quero dizer, como chegamos aqui, sabe?

Robin dá uma pausa pensando sobre como se identificava com aquilo que Ted havia dito, mas logo em seguida retomou a conversa:

— Eu estou feliz que tenha dito isso. Eu me sinto assim também. Quero dizer, eu estou feliz com a minha vida... Minha cara no ônibus. Mas alguém chega nessa idade e não se pergunta o que poderia ter sido diferente?

Ted se ajeita melhor na cadeira, prestando atenção no que a mais atual famosa jornalista estava falando, e percebendo que talvez ela não tivesse entendido o que queria dizer. Continuou quieto.

— Lembra que tivemos aquele acordo? — Pergunta esperando que Ted lembrasse, e logo explicando. — Se nós dois estivéssemos solteiros aos 40 anos, deveríamos nos casar um com o outro. Acho que eu poderia ter feito esse acordo com outra pessoa, mas não fiz. Você é o meu melhor

amigo, Ted. Você é mais do que isso. E eu sinto sua falta. Estou me sentindo louca por pensar nisso, mas saber que você se sente assim também faz eu não me sentir mais louca.

Ted ainda quieto mas com uma expressão evidente de espanto comenta em um tom baixo com medo da reação dela:

— Bom, eu quis dizer sobre como chegamos nesse restaurante, ao invés do McLaren's — Diz olhando para baixo envergonhado.

Robin, como o esperado, dá uma pausa e faz uma cara de espanto tentando raciocinar o que falar. — Uau, me desculpe. — Ri nasalmente envergonhada.

— Não, não, está tudo bem, isso... — Diz Ted tentando melhorar a situação.

— Você está realmente feliz, não é? — Robin interrompe Ted.

— Sim.

— Quero dizer, não me entenda mal. Eu ainda sou a pessoa que pensa demais, mas eu não fico mais pensando no "E se?" e eu acho que isso é felicidade, estou satisfeito com minha vida, eu finalmente tenho o que eu sempre quis. Não estou tentando te dizer o que é felicidade, estou dizendo o que é pra mim... — Ted tenta arrumar algo que pudesse ser distorcido.

Robin interrompe novamente a fala de Ted, tentando também arrumar suas falas: — Eu estou feliz também, eu sou feliz.

— Isso é muito bom, Robin. Eu estou muito feliz que esteja feliz.

Ted, para tentar fugir daquela situação, olha o horário em seu relógio de pulso e percebe que estava na hora de pegar seus filhos na escola.

— Me desculpe, mas eu preciso buscar as crianças agora.

— Ah, claro. — Robin assente.

— Isso ficou muito estranho? — Ted pergunta um pouco preocupado com o clima da conversa.

— Não, não, vá em frente, eu vou cuidar disso — fala se referindo a comida. — Foi muito bom te ver.

— Certo, certo. Foi bom te ver também.

Ted vai embora, e Robin, como dito, permanece lá, terminando de almoçar.

MINHA VIDA FORA DE SÉRIE 4: CARTA FINAL DA JULIE

Larissa Pujol Vizzotto

Pov da Julie:

15h45min

Faz duas horas que estamos sentados vendo o espetáculo, mas até agora o Rô não deu sequer uma palavra. Ele só abriu a boca para saber se eu queria beber alguma coisa, logo após eu ter recusado, não comentou mais nada. Poxa. Eu sei que a apresentação está incrível, mas eu tinha imaginado nós dois comentando cada pirueta e agudo na voz dos personagens, entretanto, parece que a Broadway não é um lugar de “conversinhas”. Estou sentindo que tem alguma coisa o incomodando, mas ele não quer falar...

16h30min

Recém voltei do banheiro, já estava me preparando para encontrá-lo e voltarmos para o hotel, quando eu chego no local combinado, o Rodrigo simplesmente desapareceu. Fiquei no mínimo uns 10 minutos o procurando no meio daquela multidão até encontrar míseras informações do seu paradeiro. Quando finalmente o encontro, uns 15 minutos depois, algo faz meu coração parar por um segundo. Ela. Ele está sozinho com ela em um camarim. Você deve estar se perguntando como eu sei com tanta certeza que é aquela mulher ... Bom, o olhar estampado na cara dele diz muito sobre tudo, mas não só isso, tem uma placa gigantesca com detalhes em dourado pendurada na porta daquela sirigaita com os dizeres “Vulcano, Priscila” ...

Carta final da Julie

23h (Às horas corridas foram marcadas por muita discussão, briga e corações partidos, mas para destacar e marcar com concisão os próximos acontecimentos, a autora optou pela exclusão de uma faixa temporal)

As últimas horas foram bem mais estressantes do que eu pensava. Eu ainda estou sem acreditar em tudo que aconteceu. Depois de tudo o que nós dois passamos, como ele pôde falar tudo aqui para mim? (A conversa referida é a dialogada no último capítulo do

livro). Meu coração dói porque eu ainda o amo. Acho que sempre o amarei. Mas não posso viver um amor com mentiras. Terminar com ele pode ser a coisa mais difícil que eu já fiz, contudo, eu não mereço estar do lado de alguém que está preso ao passado. Que está preso a um alguém do passado. Por mais que admitir isto seja quase uma automutilação, o Rodrigo não pode esconder o que sente, ou quem é verdadeiramente, apenas para mascarar um relacionamento fadado ao erro. Isso me destrói. Faz eu lembrar, contra a minha vontade, dos últimos momentos alegres que curtimos juntos. Faz eu repensar se a minha decisão foi a melhor a ser tomada. O pior de tudo, é que sim, foi a melhor decisão.

Depois de tudo que aconteceu comigo nos últimos anos, eu sinceramente não sei como irei aguentar outra perda. Afinal, é muito mais que o fim de um namoro, eu entreguei uma parte de mim a ele, eu confiei nele, mas agora parece que tudo foi um escape da realidade para o Rô. O que mais me dói, é que lá no fundo eu sabia que tinha alguma coisa incerta, confusa e escondida. Mas eu me entreguei às suas palavras e deixei a emoção sobrepôr a razão. De qualquer forma, eu sou grata por tudo que dividimos juntos nesses últimos anos. Apesar das discussões, sempre fomos muito ligados um ao outro e nunca deixamos as adversidades e opiniões alheias atrapalharem o nosso relacionamento (até agora...). As diversas aventuras e viagens que compartilhamos estarão sempre marcadas em alguma parte melancólica da minha memória. Se um dia ele ler isso, só queria que soubesse que eu o amei mais do que qualquer pessoa, às vezes mais do que a mim própria, e foi por isso tão difícil terminar, tão necessário terminar...

O término nem sempre é o fim, às vezes é só uma queda que vai fortalecer o continuar da caminhada. O final é incerto, e espero que nós dois possamos aproveitar o incerto vivendo felizes, mesmo que separados...

DANTE DESCOBRE OS SEGREDOS DO UNIVERSO

Laura carvalho

Dante sabia, desde o início dessa história toda, o que sentia por seu melhor amigo. Claro, obviamente não é fácil para qualquer um aceitar que gosta de pessoas do mesmo gênero, mas para ele essa não foi a parte mais difícil. E sim, o fato de que em seus pensamentos, Ari jamais o olharia da mesma forma. Por mais que também fosse solitário igual o amigo, ele nunca teve problemas em manifestar suas emoções, o completo oposto daquele por quem se apaixonou. Contudo, foi por esse motivo que não teve dificuldade alguma em mostrar que queria ensinar ele a nadar no dia em que se conheceram, mostrando-se completamente disposto a ser o seu melhor amigo dali em diante.

Concordamos que essa foi a melhor escolha que já fez em toda a sua vida. Foi desde então que começaram a compartilhar livros, momentos, risadas, abraços rápidos e até mesmo os acontecimentos mais tristes e inacreditáveis que poderiam acontecer. Ao falar disso, Dante se recorda do dia exato no qual assumiu para si mesmo que estava amando pela primeira vez alguém que não fossem seus pais. Até porque, quem seria atropelado para proteger alguém? Apenas Aristóteles Mendoza seria capaz de algo assim por um amigo, mas para Dante, foi algo muito além disso. Tanto que, não teve um pingão de vergonha ao dizer que as coisas que mais amava eram nadar e Ari.

Talvez fizesse perguntas demais, mas nunca estaria cansado de ouvir a voz de Ari contando sobre suas novas e antigas experiências. E, mesmo que não fossem muitas, tudo e qualquer coisa que o envolvesse seria importante para ele. E muitas vezes era doloroso ouvi-lo falar, porque queria que ele percebesse a pessoa incrível e interessante que ele é, independente se o achassem estranho ou não.

Com toda a certeza não foi fácil para ninguém da família Quintana ter se mudado provisoriamente para Chicago, mas Dante prometeu e deixou claro que quando voltasse a amizade dos dois jamais mudaria. Estava tão determinado em cumprir sua promessa que o mandava cartas sempre que podia e não se importava em não

ser respondido sempre, apenas queria deixar claro que ele nunca deixaria de ser sua prioridade.

Foi nesse período em que ficou fora que se descobriu cada vez mais, desfrutando da adolescência e conhecendo pessoas novas. Claro, não foi nada fácil dizer para Ari que se relacionou com outras pessoas, incluindo meninos. Foi uma tentativa de o “preparar” para quando se encontrassem novamente, o que deu completamente certo. Em meio a tantas coisas novas que ocorreram em suas vidas durante esse tempo distantes um do outro, os sentimentos de Dante evoluíram cada vez mais, e ele sabia muito bem que seus pais já estavam percebendo tudo o que se passava.

Mas quem ele queria que percebesse, não percebeu tão rápido. Não que aquilo o decepcionasse, era claro que muitas coisas boas aconteceram antes disso. Ari até aceitou o beijar! A pior parte veio quando o mesmo lhe disse que não sentiu nada, e Dante se viu obrigado a tentar seguir em frente sem expectativa alguma. Ele sabia que passaria por poucas e boas, e de fato passou. Doeu ser espancado por ser visto beijando um menino na rua? Doeu. Mas ver Ari ali, do seu lado o defendendo, ainda mantinha um fio de esperança que ele não conseguia soltar. E de fato, ele sabia que seu amigo havia ficado estranho durante todo o ocorrido, mas jamais imaginaria que ele estava passando por conflitos que ele mesmo teve há anos atrás. Sua sorte foi nunca ter desistido daquele que o conquistou sem precisar de esforço.

Sempre soube que seriam os dois, não importando se fossem apenas como amigos, mas não foi por acaso que Ari pediu para que ele o beijasse novamente. Os dois sabiam que a partir dali não haveria mais volta e nem mesmo queriam isso. Contudo, não tiveram medo de amar e serem a felicidade um do outro em tempos tão difíceis. Se tornando um só, sendo apenas Aridante.

O FANTASMA DA ÓPERA: O TRIÂNGULO AMOROSO

Laura Zanon Pansard

Embaixo de uma antiga casa de ópera em Paris no século 19, vivia um homem mascarado conhecido pelo nome de “Fantasma da Ópera”. Todos no teatro o temiam, já que era conhecido por causar “acidentes” no local caso não lhe pagassem um salário. Sua identidade não era conhecida, tudo que sabiam sobre o misterioso homem era que usava uma característica máscara que cobria-lhe metade do rosto.

Nos aposentos do edifício, vivia uma jovem chamada Christine Daae. Ela cresceu estudando ballet, e ao descobrir o dom da voz, se torna a primadonna, ou seja, a principal cantora do teatro. Além de artista, também era uma mulher gananciosa e interesseira, extremamente manipuladora, visando sempre seu ganho máximo sobre tudo e todos. Ela era apaixonada por Raoul, um aristocrata, amigo de infância da jovem, que fazia parte de um grupo de investidores que pretendia comprar a famosa casa de ópera. Ao se reencontrarem em uma apresentação da artista, Christine tenta conquistar o rapaz, enquanto Raoul não demonstra tanto interesse por ela. Ela logo começa a imaginar um futuro promissor com ele, uma família perfeita com tudo que o dinheiro de um homem rico pode proporcionar, pois se determinou a fazer dele seu esposo.

O Fantasma, como assim era chamado por Christine, era o professor secreto da jovem. Ele a havia ensinado tudo sobre música, embora nunca tivessem se visto em pessoa, pois sempre havia uma parede que os separava durante as aulas. Por serem muito próximos, a artista fala de seu plano para conquistar Raoul e pede ajuda a seu professor, para que a auxilie a convencer o herdeiro a aceitá-la como esposa. O Fantasma concorda em ajudá-la, pois tinha muito carinho pela garota e apenas queria vê-la feliz.

Ao tentar fazer uma armadilha para que Raoul acabasse se ferindo e necessitando dos cuidados de Christine para sempre, o professor mascarado acaba por se apaixonar à primeira vista pelo aristocrata, fazendo-o desistir de machucar seu amado. Ao contrário do planejado, o fantasma tenta se aproximar de Raoul, levando-o para seu lar no subterrâneo do teatro e mostrando-lhe suas criações

artísticas e musicais, feitas com muito carinho especialmente para ele. Raoul acaba por se apaixonar também pelo Fantasma, mesmo sabendo ser um amor proibido, já que ambos eram homens vivendo na sociedade homofóbica do século 19. Além disso havia Christine, que provavelmente iria difamá-los, pois sentir-se-ia traída pelo próprio professor.

Ao final da visita, embora com muito receio, o Fantasma resolve retirar a máscara e revelar sua deformação facial sempre escondida por ela à Raoul, esperando que, após vê-la, ele fosse abandoná-la. Porém ao invés do que ele esperava, seu amado não apenas não o deixou, como prometeu amá-lo para sempre, embora dissesse que não podiam ficar juntos, pois sabia que seu amor era um crime.

Raoul se casou com Christine dentro de alguns meses. Poucos anos depois foi à falência, já que a cantora não sabia administrar o dinheiro e em pouco tempo deixou-os na miséria. Decepcionado em todos os aspectos com o casamento, Raoul vai ao encontro de seu amor verdadeiro. Volta ao teatro e vai ao seu subterrâneo, onde encontra o Fantasma, que de braços o recebeu e passaram a viver ali juntos, até o final de suas vidas.

INSCRIÇÃO PARA JURASSIC WORLD

Leonardo Cassol Rodrigues

João estava se preparando para a sua aula, pois havia recebido o e-mail de que sua vaga na faculdade de Oxford havia sido aceita. Feliz com a novidade, ele prepara um café especial para o grande feito de sua vida: panquecas com amoras e creme de leite. Enquanto tomava café, ele saca seu celular para ver as notícias da manhã e se surpreende com a seguinte notícia: “estão abertas as inscrições do sorteio para uma viagem à Jurassic World durante uma semana e com direitos vips”. Vendo isso, João decide se inscrever e torcer para ganhar o sorteio.

João havia chegado na faculdade onde estava estudando sobre genética para se tornar geneticista de alguma empresa e conseguir ajudar sua família financeiramente. João passou um longo dia na faculdade e decidiu descansar um pouco, mas seu cansaço desaparece quando ele vê uma notificação no seu celular. Ele foi aceito no Jurassic World. João comemora com alegria e começa a arrumar as suas coisas.

BREAKING BAD: ANTES DE TUDO DAR ERRADO

Lorenzo Frizon Auler

Walter e Skyler estão a caminho da festa de aniversário de Elliott, um antigo amigo e dono de uma empresa que Walter ajudou a formar, a Gray Matter. Ao chegarem na festa, eles avistam Elliott conversando perto da piscina e então Walter o chama:

— Elliott!

Elliott feliz em ver o antigo amigo responde:

— Walt! Você veio.

Ambos se cumprimentam e Walter o deseja um feliz aniversário. Então Elliott também cumprimenta Skyler e a parabeniza pelo bebê que está por vir.

Mais tarde, ao caminhar pela casa onde estava sendo feita a festa, Walter fica deslumbrado pela imensidão e o luxo ao seu redor. Dentro da vastidão de seus pensamentos ele reflete se deveria ter continuado a trabalhar com Elliott ao invés de se tornar um professor. Walt continua observando a casa até que é interrompido por um ataque de tosse bem forte:

— Elas estão ficando cada vez mais frequentes. — Pensou ele. Era o câncer o dominando.

Ao sair da casa para o quintal novamente, Walter se depara com Elliott, que trocam boas risadas ao se lembrarem de momentos no passado quando trabalhavam juntos, até que praticamente cortando o assunto, Elliott convida Walter para ir trabalhar com ele na Gray Matter. Walter fica surpreso e ao mesmo tempo confuso sobre o que pensar e falar.

— Olha, Elliot... a oferta é realmente muito tentadora, muito tentadora mesmo, mas estou passando por momentos difíceis no momento e não posso aceitá-la.

Mas Elliott não desiste tão fácil e continua insistindo:

— Podemos ajudar você, o nosso plano de saúde é excelente e poderíamos pagar pelos tratamentos de sua doença.

É neste momento que Walter percebe o que estava acontecendo, Elliott não queria que ele fosse lá para apenas trabalhar, ele estava oferecendo pagar os tratamentos. Walter não sabia o que pensar, chegou até a ficar insultado pela proposta: “eu não preciso de

caridade" pensou ele. Mas também sabia que a situação não era nem um pouco favorável, ele não tinha condições de pagar o tratamento e a primeira venda de metanfetamina com Jesse tinha dado completamente errado: "duas pessoas morreram por minha causa". Ficou imerso em meio a seus pensamentos, o seu ego era grande demais para aceitar uma "caridade"? Valeria a pena continuar a produzir metanfetamina com Jesse e se arriscar mais ainda?

Contrariando o seu enorme orgulho e pensando no que seria melhor para a sua família, bastante relutante, Walter decide aceitar a proposta.

— Está bem Elliot, você venceu... Eu aceito a proposta.

Na manhã seguinte, Walter se encontra com Jesse na casa de sua tia para falar a ele sobre a sua mudança de planos:

— Desculpa Jesse... Eu não sei o que estava pensando quando decidi me juntar a você para fazer isso, eu sou apenas um professor de química, não sirvo para o crime.

Então Jesse retruca em um tom forte:

— Nós não podemos parar agora, não tem como mudar o que já foi feito... nós matamos dois traficantes, o que acha que vai acontecer com nós dois agora?

— É por isso que tem que acabar, pessoas morreram por nossa causa, não consigo continuar... Além disso, eu aceitei uma proposta de emprego, talvez eu consiga me curar do câncer. Antes era diferente, eu fazia isso porque não tinha o que perder e eu precisava de dinheiro, mas agora isso mudou.

Dito isso, Walter se retira da casa, enquanto Jesse continua lá completamente parado e pensando no que iria fazer agora.

E assim, Walter White começa a trabalhar na Grey Matter e nunca virá a se tornar o infame "Heisenberg", responsável pela produção de toneladas de metanfetamina e dezenas de mortes.

O HOBBIT: UM FIM DESAFORTUNADO

Lucas Jose Brun

Estavam Bilbo Bolseiro e Gandalf em uma montanha acampando ao pé do castelo em ruínas, que se emendava à caverna onde sabiam que estava o dragão Smaug. O silêncio reinava enquanto comiam desanimados o pão que sobrou. Bilbo era um covarde, não mais um herói que luta pelos amigos. Falhou em salvá-los, usando o anel para o que lhe fosse conveniente. Nada mais se espera de um ladino perverso que ganha um anel de invisibilidade. Gandalf fitava a fogueira recém acendida, porque não conseguia encarar os olhos do hobbit. Ele sabia que também havia falhado.

“E como é que vai ser agora?”, perguntou Bilbo.

“Agora você vai entrar lá e buscar o ouro que conseguir. Veremos quanto ao dragão”, respondeu Gandalf, impassível.

“Já fizemos isso e vimos o resultado.”

“E temos outra opção? Resta entrar lá e pegar o ouro. Você bem sabe que não podemos voltar de mãos vazias. Vamos, não perca tempo.”

A moral dos dois tinha se esvaído depois do grande desastre. Pensaram que lutariam com honra, que ninguém sairia machucado, e agora restavam apenas eles. Mais abaixo na montanha, dentre as árvores chamuscadas do vale, jaziam os corpos dos anões. Tudo devido a um ato de ganância e cobiça do hobbit, que atraiu o dragão para fora da caverna, a fim de ter o ouro somente para si e se livrar de seus companheiros. Bilbo de fato livrou-se da maioria de seus amigos, mas não teve tempo de roubar nada do dragão Smaug e também não pensou que Gandalf poderia de algum modo sobreviver ao ataque do dragão.

Bilbo, ainda tomado pela ganância, assentiu engolindo em seco e não confrontou a ordem absurda do feiticeiro. Se colocou a escalar as rochas que levavam até uma pequena fenda e lá se enfiou. Passou por um corredor muito escuro, quente e estreito, por onde se podia ouvir a respiração do dragão e sentir seu bafo na pele, coisa que fazia Bilbo Bolseiro transpirar de forma quase que febril. Colocou o anel no dedo indicador e quase não teve a coragem necessária para atravessar o corredor, mas o fez, já que pensava apenas no ouro que

conseguiria. Então desceu com pressa uma ou duas escadarias que se seguiram e espantou-se: lá estava uma porta, ou o que era antes uma porta. Era uma entrada a quatro ou cinco metros do chão, que levaria a uma queda dolorosa.

Bilbo se via agora no interior da montanha, no famoso salão subterrâneo onde dormia o dragão de imensos e amarelados olhos semi abertos, em cima de um grande monte de ouro reluzente. Seria impossível descrever todas as riquezas brilhantes que se viam ali. Bilbo respirou fundo. Calculava se a altura a qual estava do chão realmente seria perigosa e procurava um lugar onde fosse seguro cair. Sabia que tinha de agir rápido, mas o dragão estava ali de tal modo, que parecia detectar cada mosca que ali pousasse. De um lado, sabia que suas chances eram baixas e que não podia naquele momento confiar totalmente em Gandalf. Por outro lado, não conseguia se ver no futuro vivendo sem aquele ouro. Tomou sua decisão. Saltou com muito medo e sentiu seus ossos doerem e estalarem assim que atingiu o chão. O desespero tomou conta de todo o seu corpo conforme olhava fixamente o dragão. Sabia a partir daquele momento que não teria uma fração de segundos para arrepender-se. O dragão em um clique, como faria uma cobra, esticou seu longo pescoço e mordeu com força o pescoço do hobbit, erguendo-o do solo. Bilbo fechou os olhos, ficou imóvel e parou de respirar.

Lá fora, sem nenhuma esperança de ver seu companheiro Bilbo novamente, Gandalf montava em seu cavalo e ia embora com uma certa culpa em seu semblante. Levava consigo tudo que lhe era importante. Se aproximou sem esperanças das árvores negras, queimadas, onde morreram os anões até que ouviu gemidos de dor. Surpreendeu-se ao descobrir que de trás de um tronco estava escondido o anão Thorin Escudo de Carvalho, líder do grupo de anões que teve parte em toda a jornada. Pensava que nenhum deles havia sobrevivido.

“Você está bem?”, perguntou Gandalf de maneira um tanto preocupada, apontando para uma ferida do anão.

“É só um arranhão, não vai me matar”, respondeu Thorin forçando um bom humor.

“Onde está Bilbo?”, perguntou Thorin após um tempo.

“Agora deve estar no salão de Smaug. Mandei-o buscar o ouro que conseguisse e espero que nunca mais volte.”

“Essa eu não esperava do senhor, Gandalf, mas por pior que seja dizer isto, você fez bem. Mas ousou afirmar também que eu tinha orgulho daquele baixinho.”

“De quem você não tem orgulho, hein? Eu sei que fiz o certo. Vão me agradecer quando souberem o que Bilbo fez.”

Os dois não estavam realmente tão certos do que fizeram, mas fingiram que estavam. Voltaram exaustos ao lar dos hobbits, passando por todos os vales percorridos, se perguntando se deveriam mesmo ter deixado Bilbo Bolseiro.

O MILAGRE DA CELA 7: UM NOVO DESFECHO

Manuela de Abreu Machado

Era um dia de sol, onde todos do batalhão haviam saído para um churrasco ao ar livre. Os filhos do comandante e seus amigos saíram para correr nos campos próximos, onde haviam morros de pedras ao redor de um riacho, os quais eram altos e perigosos de se andar.

Memo também tinha saído para buscar suas ovelhas que haviam se distanciado de casa, que por um acaso do destino, foram parar próximas de onde as crianças estavam brincando. Inclusive a filha do comandante...

Por coincidência, a filha do comandante estava com um laço que a filha de Memo havia visto em uma vitrine de loja, mas que não tinha ganhado pela falta de condições de seu pai. Quando Memo viu o laço, chamou a garotinha:

— Ei, você aí! Você mesma! O laço da Oba... Esse que você está!

A menina assustada com Memo, saiu correndo em direção as pedras próximas ao riacho, onde se desequilibrou e acabou escorregando.

Seu irmão correu em sua direção gritando seu nome:

— Anaaaa!!

Memo se assustou muito com a situação também e correu para tentar ajudar a menina. Com toda a confusão e gritaria, o comandante e seus soldados vieram para procurar as crianças. Quando chegaram, se depararam com a menina caída nos braços de Memo.

O comandante já chegou alterado, gritando as seguintes palavras:

— O QUE VOCÊ FEZ COM MINHA FILHA!?

E Memo começou a tentar se explicar:

— Ela caiu, caiu sem querer... Eu não tive culpa, ela correu e escorregou!

Obviamente o homem ficou desconfiado de início, mas por saber a condição de Memo, foi se acalmando e pegando a menina para procurar socorro. Memo foi atrás, pois sua preocupação era grande também.

— Ela irá ficar bem? — perguntou Memo.

— Estamos torcendo para que sim. — respondeu o comandante.

Memo ficou o tempo inteiro acompanhando Ana para certificar-se que tudo ficaria bem.

No fim, o comandante entendeu que Memo não teve culpa do incidente e que estava só passando próximo às crianças.

GWENDY BOIA NO MAR

Maria Lorenzoni Dressler

Castle Rock, uma pequena cidade dos EUA, 1974. Nela há uma estranha escadaria, que segue a costa litorânea de um penhasco relativamente alto, levando a um mirante e uma pracinha. O nome que lhe foi dado é “Escadaria Suicida”, o motivo desse apelido foi porque um homem se jogou de lá em 1934, 35 anos depois, uma mulher repetiu o ato pela sua primeira e última vez.

Gwendy, a observava longinquamente enquanto se dirigia para casa ao sair da escola. Tem esse menino, Frankie Stone, que começou a chamá-la de goodyear, como o dirigível. Ultimamente tem sofrido bullying pelo seu peso. Ela afirma não se importar e diz que venceria ele com o corpo que tinha no momento. Não conseguia enxergar a ponta dos pés ao olhar para baixo. Ao chegar na frente de casa, está sozinha, a tarde está terminando, mas ainda é visível os raios de sol refletindo um tom alaranjado ao tocar o chão, seus pais ainda não voltaram do trabalho.

Gwendy decide subir a Escadaria Suicida sem pressa, quer apreciar a vista do mar lá do alto. Alcançando o final da escada, percebe um homem vestido com paletó preto, sapatos sociais polidos e um chapéu coco, segurando uma linda caixa de madeira. Aparenta ter uns trinta e oito anos, perto da idade de seu pai. Ele não é feio. Está conversando com um garoto suado que deve ter aproximadamente a mesma idade de Gwendy, mostrando-lhe uma caixa enquanto estão sentados em um banco.

Do mirante ela consegue ouvir uns burburinhos da conversa em meio aos sons das ondas quebrando na costa “...caixa... porque... você é especial!”. Acha meio estranho, mas não presta atenção, só espera que o homem não seja um daqueles que gostam de criancinhas como os quais fora alarmada.

É verão de 1979 em Castle Rock. Gwendy agora tem 17 anos.

Desde seus 12 anos ela sofre Bullying. Antes eram só apelidos maldosos, mas foi piorando gradativamente ao ponto de ameaçá-la com seus dedos da mão em meio a uma tesoura. Tiveram coragem de fechar a tesoura o suficiente para quase cortar um dedo, deixando

uma cicatriz feia em seu dedo mínimo, isso aconteceu durante os 14 anos.

Gwendy adquiriu uma série de traumas, bulimia e depressão. Quando perguntam, só diz estar com preguiça e sem apetite. Começou aos 15, deixou de lanchar, e então de tomar café da manhã, almoço, jantar... Quando se deu conta já não comia há uma semana, e quando comia, se escondia no banheiro e vomitava em seguida. Com 16 tinha pouco menos de 48 kg e 1,71 metros de altura, mesmo assim, não estava satisfeita. Ao se olhar no espelho, via uma pessoa extremamente acima do peso, larga, um “monstro”.

Nunca foi o suficiente.

Seus pais diziam que era bobagem, “bem coisa de adolescente, achando defeito em tudo e que qualquer coisa é o fim do mundo” afirmavam com desdém.

Agora Gwendy está no segundo ano do ensino médio, a única coisa que mudou é que agora, além de continuarem colocando defeitos no seu corpo, começaram a abusá-la.

A manhã estava quente. Existia o sentimento de estar dentro de um forno abafado e a sensação de que nem a pele nua era o suficiente para se refrescar, como se tirar o próprio couro aliviasse. Gwendy andava em direção à escola, usava casaco e calça comprida até mesmo no calor, detestava ver a própria silhueta, que a fez sofrer tanto.

Ao final da aula, depois de piadinhas sem graça, empurrões e afins. Gwendy se dirige para casa. Ao passar pela frente de um estacionamento localizado em um beco, vê Frankie sair de trás de um carro com 3 amigos.

— Olha só quem veio se juntar a festa, a mascote da Michelin! — satiriza Frankie aos colegas com um sorriso malicioso.

Eles riem em meio a afirmações. Vão se aproximando cada vez mais de Gwendy, que está paralisada.

— Você me ouviu porca gorda? — continua, agora a um passo de Gwendy.

Ela decide reagir.

Mira um soco rápido no rosto de Frankie, ele desviou, mas ela conseguiu acertar na região da laringe, o deixando sem ar por instantes.

— SEGUREM-NA! — grita Frankie para seus comparsas em meio a tos-

ses, tentando recuperar o ar.

Eles a seguraram pelos braços, ela tenta se desvencilhar, mas falha miseravelmente. A atiraram de costas no capô do carro mais ao fundo do beco. Ela acaba caindo de barriga e ferindo os quadris e costelas, que mais tarde ficariam com hematomas.

— Vai ter que pagar de alguma forma, rolha de canhão. Nem que seja com o próprio corpo — Frankie abaixa a calça de Gwendy e abre o zíper da própria apressado. Abusa dela junto com seus companheiros até deixá-la inconsciente. Eles fogem deixando-a ali mesmo, seminua, com as roupas rasgadas e desmaiada.

Acorda atirada em frente ao carro, é de manhã cedo, o Sol está nascendo tímido sonolentemente. Deseja que tudo tenha sido um pesadelo horrível, fruto de muitos dias sem absorver nenhum nutriente, mas percebe onde acordou e que o estado em que se encontra é deplorável.

Com o ritmo de um zumbi, ela se desloca na direção de casa, sem nem tentar ajeitar sua aparência, não se importa. Se aproximando, consegue enxergar esmaecida, a Escadaria Suicida em seu penhasco. Decide que quer pegar o primeiro raio de Sol em cima do mirante. Lá não tinha parapeito.

Sobe de forma arrastada e lúgubre, esperando encontrar a esperança no topo da escada. Já diante do mirante, a brisa salgada e escaldante da praia acariciam seu rosto.

Alí do lado não tinha parapeito.

Sente os primeiros feixes de sol alcançarem seu rosto. Abre os braços para desfrutar da sensação de liberdade que o momento lhe proporciona. Sente o que seria mais próximo do conceito de paz, de estar no paraíso. Por um momento não há bullying, a fome martelando suas costelas deixa de existir, não existe mais problemas. Mas ela sabe que no momento em que abrir os olhos tudo ressurgirá.

Lá em cima não tinha parapeito.

Dez anos depois da última morte na Escadaria do Suicídio.

Seu corpo está indo e vindo levemente, junto das fracas ondas do mar momentaneamente tingido de vermelho, ancorado na beira da praia. Onde semanas se passarão, será o alimento para muitos peixes até que fique desfigurado e seja encontrado por crianças que ali brincavam.

E SE “ROMEU E JULIETA” REALMENTE FOSSE UMA HISTÓRIA DE AMOR?

Marina Maurer Serafini

Amélia andava pelas ruas apreensiva, sem um objetivo específico, precisava se acalmar e acreditava que o ar frio poderia a ajudar. Afinal, esse clima denso era comum por ali em seu aparentemente novo lar.

Ela chegou até uma praça desconhecida e parou, ficando por ali.

Não sabia ao certo o que pensar, diversos pensamentos e memórias lhe envolviam a mente repentinamente. Era compreensivo, já que acabara de presenciar mais uma das comuns discussões em sua família. Aqueles eram anos exaustivos e abruptos.

— Você gosta do Vidoeiro Real?

Uma pessoa parada há supostamente um tempo ali, lhe direciona a palavra. Assim, a retirando de seu repentino transe.

— O que você disse? — Pergunta Amélia, confusa com a espontânea situação e a sua persistente dificuldade de entender o novo idioma.

— A árvore em sua frente, se chama Vidoeiro Real, você está a encarando faz um tempo. — Responde a sua pergunta de forma sucinta.

Amélia nem se quer havia percebido a presença da pessoa ali e muito menos daquela árvore. Mas responde por educação.

— Ah sim, não sabia, é muito bonita.

— Então você não deve ser daqui. Essa é uma planta típica aqui na Noruega. — A pessoa comenta em resposta.

— Entendo. Sim, realmente me mudei há pouco tempo. Me desculpe, mas qual o seu nome? Pergunta agora a encarando.

— Claro, é Ella, desculpa a inexplicada interrupção. Gosto de conversar com pessoas novas. E esse dia me parecia solitário.

— Tudo bem, também estou por aqui como forma de aliviar os ares um pouco. Aliás, me chamo Amélia. — Agora conseguiu se sentir mais descontraída.

Mais tarde, depois de conhecer alguém diferente após dias agitados, Amélia voltou para casa.

Quando chegou, a casa se fazia em silêncio novamente, sua mãe e pai cansados, seus irmãos quietos.

O clima pesava na alma como um dia de luto, mas para eles

realmente era, luto por seu lar que havia deixado para trás.

Amélia e sua família eram refugiados, haviam fugido de seu país em guerra. Acreditavam que podiam construir uma nova vida em um país novo. Porém era difícil deixar todo um passado para trás. Era dolorido.

No outro dia, Amélia saiu cedo para caminhar novamente. Não queria ficar em casa já que as coisas estavam muito complexas, e muitas vezes, as discussões acabavam sendo descontadas em cima dela.

As coisas estavam difíceis, faziam algumas poucas semanas que haviam se mudado por segurança, sua cidade natal estava em alerta vermelho. Mas queria aproveitar por enquanto, já que ali poderia conhecer novos lugares ou pessoas antes de voltar ao seu país.

Repentinamente, quando estava andando, notou que na mesma praça que havia descoberto, estava Ella, a menina do outro dia.

Resolveu tentar puxar assunto. Afinal, seria legal conseguir uma amiga. As duas tinham a mesma faixa de idade, então poderiam se dar bem.

— Oi Amélia, bom dia! — Ella cumprimenta empolgada após notar a presença da mais nova amiga.

— Oi, bom dia! — Diz Amélia se sentando ao lado dela — Como você está?

E assim se vão as tardes, as manhãs, os dias e as noites até que se encontrar virasse rotina. Ao decorrer do tempo, Amélia descobria cada vez mais sobre sua amiga.

Assim, soube que Ella era uma nativa norueguesa e que toda sua família tinha sua origem ali. Era uma família tradicional e limitada aos próprios costumes. Descobriu que eles a obrigavam a seguir esses costumes, por isso as vezes, eles causavam desconforto a Ella. E ela não gostava disso, já que sua maior prioridade era sua liberdade.

Na verdade, Ella ficou muito feliz ao conhecer Amélia, pois nunca havia tido contato com uma imigrante. Foi desde então que ela começou a desconstruir os preconceitos que sua família semeava.

— Sim, você nem imaginaria as atrocidades que eles poderiam falar.

— Cita Ella sobre sua família, tensa em admitir tal insensibilidade deles.

— Entendo. Sinto muito que eles tenham um pensamento limitado em relação as diferenças. Já passamos por isso muitas vezes, sei como é ruim ser julgado por sua cultura.

— Sim, tenho esperança que um dia as diferenças sociais deixem de ser motivo para discriminação.

Mais tarde, após longas conversas, Amélia voltou para casa refletindo sobre o assunto que tivera com a amiga.

Se perguntava o que aconteceria se comentasse com seus pais sobre sua nova amiga. Será que entenderiam? Ou será que pediriam que se afastasse por medo do preconceito?

Amélia e Ella possuíam contextos sociais e culturais distantes. Entretanto, em meio a tanta diferença e a discriminação consequente disso, conseguiram florescer um afeto genuíno entre elas. Como uma forma de refúgio para ambas turbulências que se encontravam suas casas.

Tudo isso fez com que Amélia refletisse se o contato entre duas histórias diferentes poderia ser assim tão errado.

— Oi mãe, como a senhora está? Precisa de ajuda? — Ela cumprimenta após chegar em casa naquela tarde.

— Amélia! Resolveu dar as caras? Por onde você andava? Seu pai e eu estávamos preocupados. — Dona Jamile, sua mãe, questiona e afirma furiosa.

— Eu estava com uma amiga, desculpe não ter avisado.

— Uma nova amiga? E ela é nativa? Minha filha você sabe como é, por favor tome cuidado, o preconceito mora onde menos esperamos...

— Sim mãe, eu cuidarei.

Ao amanhecer, Amélia foi encontrar Ella como de costume. Porém dessa vez marcaram de se encontrar em uma cafeteria.

— Oi Amélia, bom dia! Achei que não acharia o caminho. — Fala Ella divertida ao ver a conhecida chegar na cafeteira.

— Quase que não acho! Como você achou esse lugar tão distante?

— Na verdade é aqui perto da minha casa, a praça central onde vamos que é longe para mim. Venho aqui sempre que preciso de um bom café.

— Que legal! Sua casa deve ser chique se você costuma vir aqui.

— Bom acredito que sim. — Responde Ella refletindo. — Enfim, vamos pedir o café?

— Vamos! — Diz Amélia empolgada ao observar o cardápio.

Após receberem seus pedidos e dividirem um bom momento na companhia uma da outra, elas continuam conversando.

— Seu cabelo é muito bonito. — Comenta Amélia após um tempo ad-

mirando a naturalidade do ruivo de Ella.

— Muito obrigada! Tenho certeza que o seu deve ser muito lindo também!

— Ah obrigada, mas não sei muito ao certo. Não acho meu cabelo tão bonito quanto o seu, gosto mais quando estou com meu hijab.

— Acho ele muito bonito. Desculpa, se não for pessoal, você pode me explicar mais da cultura do hijab? Sempre quis saber.

— Claro. Nem todas as pessoas que usam são pela mesma razão, podem ter diferentes motivos e sentidos pra quem usa hijab. Mas em geral é uma expressão religiosa. Além de ser uma forma de resistência a oposição da cultura europeia que vai contra o uso do hijab.

— Nossa, que intrigante, é um significado muito forte. Admiro sua cultura.

— É, para mim o hijab é muito importante.

Ao finalizarem a comida e pagarem a conta, elas vão embora do local. Saindo afora, são surpreendidas.

— Ella? O que está fazendo aqui? — Pergunta uma senhora.

— Mãe? Oi! Ah estávamos tomando um café. — Responde Ella.

— Com ela? Você sabe que não é bom andar com esse tipo de pessoa... eles são perigosos. — A senhora Hanna responde a filha Ella.

— Mãe... por favor, estamos em público, estão nos ouvindo, não fale esse tipo de coisa.

— Não me responda. Estou tentando cuidar de você, não ande com esse tipo de gente! — diz Hanna puxando a filha para ir embora.

— Me solte! Você não sabe do que está falando, nem ao menos conhece Amélia! — Ella enfatiza irritada.

— Ella! Não me desobedeça, você sabe as consequências. — Hanna diz olhando com ameaça para a filha.

Ella entende apenas pelo olhar da mãe que não havia o que fazer. Assente em silêncio e encara Amélia com os olhos cheios de culpa.

— Não, tudo bem, Ella, estou acostumada a lidar com ofensas desnecessárias. Pode ir.

Nesse momento Ella sussurra baixinho um pedido de desculpas e vai embora com a mãe.

Apesar de ir contra seus princípios, Ella sabia que sua mãe faria muito pior se ela apenas não aceitasse. Hanna sempre foi uma mulher

muito controladora, manipularia sua filha como fosse preciso para adequá-la aos seus princípios.

Após a situação repulsiva, Amélia volta para casa decepcionada. Compreendia a situação, mas não conseguia não sentir indignação por ser privada de ter contato com Ella.

Quando chega em casa, ela encontra seus pais. Eles percebem sua mudança de humor repentina e perguntam o que aconteceu.

— Filha, por que você está tão para baixo? — Pergunta seu pai Omar.

— Eu acabei passando por uma situação desconfortável... Me disseram coisas ofensivas.

— Como assim? Foi aquela menina? Eu falei que não poderia ser boa coisa! — Já exalta sua mãe furiosa. — Esses europeus são mesmo sempre a mesma coisa!

— Não mãe. Não foi culpa dela, a família dela que é conservadora. — Diz Amélia desejando compreensão da mãe.

— Mas ela é influenciada por eles. Não quero você andando com ela, não vou deixar desrespeitarem minha filha!

— Sim, mas eu gosto muito dela, é a única pessoa nesse país com quem eu consigo ser eu mesma, por favor... — Amélia iria finalizar a frase quando Jamile a interrompe.

— Não tem mas. Você não andar com ela. Não se preocupe filha, logo sairemos desse país, vamos voltar para casa e você nem sentirá falta dela.

Ao perceber a fala convicta de sua mãe, prefere não retrucar. Mesmo com raiva, vai para o quarto e se deita.

Após umas horas, Omar seu pai, bate na porta dela e entra.

— Podemos conversar? — pergunta ele se sentando na cama de Amélia.

— Você não entende pai, eu sei do que estou falando. Ela é diferente. — Amélia já responde prevendo o assunto da conversa.

— Eu entendo filha..., mas você sabe que sua mãe está certa, é o melhor para vocês duas evitarem contato. Infelizmente o preconceito existe e não há nada que possamos fazer contra isso.

Amélia permanece em silêncio por um tempo e depois questiona:

— Ela estava falando sério? Sobre voltarmos para casa?

— Ah filha, você sabe que isso é o que desejamos. Assim que for possí-

vel iremos voltar para casa de sua avó, aqui é apenas uma estadia temporária.

— Entendo.

Seu pai sai do seu quarto e vai se deitar. Amélia se vira na cama para dormir, mas não consegue relaxar.

Não consegue aceitar a injustiça da situação. Ella havia se tornado uma pessoa importante para ela e não queria perdê-la, ainda mais por motivos tão cruéis.

Negando o decorrer da situação, Amélia resolve ir atrás de Ella, nem que seja uma última vez. Assim, foge sem que sua família perceba de madrugada.

Então parte em busca do local aonde Ella poderia estar. E sai em direção da primeira praça onde se conheceram. Não tinha como adivinhar, mas partia do princípio de que ela estaria lá, já que o local servia como refúgio para ambas.

E como previsto, não deu outra, Ella estava onde ela esperava. Amélia chega na praça. Enxerga de longe Ella sentada em frente a árvore em que se falaram da primeira vez.

— Ella, você está bem? — Pergunta Amélia se aproximando do local. Ela nota os olhos de Ella úmidos. — Você estava chorando?

Amélia se assusta ao notar o emocional de Ella, a conhecia muito bem durante todas essas semanas e meses em que conversavam, sabia muito sobre ela. Mas nunca a tinha visto com um pesar tão grande no olhar.

— Amélia? — Responde Ella surpresa. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim ver você, fiquei preocupada depois do que aconteceu. — Consta em resposta sentando-se agora ao lado da amiga.

— Não Amélia, você nem deveria estar aqui. Eu fui péssima com você. Deixei você escutar aquelas atrocidades de minha mãe e nem ao menos fui forte o suficiente para te defender. Sinto muito mesmo, mas entendo se você não quiser me perdoar. — Afirma Ella com um solene tom de culpa na voz. Estava decepcionada consigo mesma.

- Ella, não, por favor me escute. Não estou aqui por estar chateada com você, claro, toda a situação machuca, mas eu sei que não é sua culpa. Tanto eu como você somos vítimas do ódio persistente que existe entre nossas famílias e na sociedade em geral. Eu sei como a família pode ser cruel com a gente. Às vezes, o melhor que podemos fazer é engolir cer-

tas situações, pois se não será pior.

Amélia diz oferecendo um abraço singelo a Ella, que aceita de bom grado. Essa que sem demorar muito enche os olhos de lágrimas e desabafa no abraço.

— Mas de qualquer forma, me desculpe, eu sinto muito mesmo. Você jamais mereceria ouvir nenhum tipo de atrocidade. Você é uma pessoa incrível Amélia, a mais incrível que já conheci. Eu amo você. — Diz Ella se afastando do abraço e agora a encarando nos olhos.

— Eu também te amo Ella. — Afirma Amélia com comoção pela repentina afirmação.

Elas se encaram após um silêncio que se estabelece, mas não como algo desconfortável, e sim genuíno. Era a primeira vez que ambas viviam um sentimento tão puro.

Com o olhar elas percebem o que está sendo dito sem ao menos pronunciar uma palavra. Era amor. E não qualquer tipo de amor, era lírico.

Entretanto, no ar também se explicitava que era um amor impossível, um amor proibido.

Amélia sorri para Ella, com uma expressão confusa e sem jeito para lidar com os novos sentimentos percebidos. Assim, faz com que Ella sorria para ela sem jeito também.

— Eu... — Se pronuncia Amélia sem saber por onde começar.

— Calma, está tudo bem. Eu entendo exatamente o que você está sentindo..., mas infelizmente o ódio não deixa espaço para liberdade. — Ella cita ao interromper a fala da outra.

Amélia a encara com mais dor no olhar após ter uma súbita consciência da realidade novamente. Ella tinha razão, o ódio nunca permitiria que o amor coexistisse. Sempre haveria essa brusca diferença entre aquilo que desejamos e o que nos é possível.

Havia uma grande insuficiência no ar, já que não se tinha como impedir. Se insistissem seria doloroso demais para ambas. E ali, observando o seu amor dolorido por tanto preconceito, Amélia se negava a constituir seu amor em ódio.

Elas se amavam e, portanto, desejavam o melhor uma para a outra. Mesmo que o melhor fosse se afastar, já que não haveria como viverem esse amor plenamente com tanta repulsão de suas famílias e

contextos.

Não havia também como deixarem suas famílias para trás, apesar de complexas e sofridas, ainda eram tudo o que elas tinham.

— Eu sei, vai ser difícil, mas eu me agarro a esperança por você Ella. Se eu tive a chance de poder conhecer você, consigo acreditar que as pessoas podem e vão mudar. Você me faz acreditar que é possível um futuro melhor. — Amélia afirma após compreender as palavras não ditas que pairavam sobre ambas.

Ella enche os olhos novamente, era fraca demais para emoções. Chorava por amar tanto, tanto que nem ao menos conseguia sentir raiva pelo injusto contexto. Apenas admirava cada detalhe que conhecia da essência de Amélia.

— Jamais me esquecerei de você, Amélia. E mesmo se esta for a última vez que eu a ver, saiba que sempre lembrarei do meu amor por você. — Cita Ella com veemência.

— Nos encontraremos novamente. Acredito nisso. Quando o tempo passar, o mundo mudará e assim que tivermos mais independência de nossas famílias, eu vou encontrar você. Mas por enquanto quero apenas que você se cuide. — Responde Amélia oferecendo um possível último abraço a Ella.

— Sim, procurarei você também, sei que nos encontraremos. — Ella fala aceitando o abraço.

Permanecem em um abraço intenso e ao mesmo tempo sincero. Se afastam e encaram uma a outra novamente, os olhos marejados.

Em um movimento genuíno Amélia encosta sua testa na de Ella, como forma de um afeto proibido. Sabia que não poderia fazer nada além disso, era tudo muito delicado.

— Tchau Amélia, eu amo você. Nunca se esqueça que você será um símbolo de força para mim. — Diz Ella finalmente encerrando o abraço.

— Também amo você, Ella. Muito obrigada por cada segundo. Até mais.

Ambas se afastam e vão para lados opostos. Era tudo muito doloroso. Apesar disso, sabiam que era a melhor escolha.

O amor um dia persistirá sobre o ódio e até lá elas se encontrarão novamente.

PROXIMIDADE E DISTÂNCIA

Martina Förster Xavier

Após ter gasto inúmeros dracmas de ouro buscando entrar em contato com Percy via mensagem de Íris, o principal meio de comunicação entre semideuses, Annabeth cessou suas tentativas. Só restava a filha de Atena aguardar a chegada do garoto. Enquanto isso, a garota sentava-se à sombra do pinheiro de Thalia, localizado na Colina Meio-Sangue, brincando com seu boné dos Yankees e ruminando pensamentos sobre o porquê de seu melhor amigo ter se afastado bruscamente dela.

Desde que Annabeth Chase começou a passar mais e mais tempo com Rachel Elizabeth Dare, a mortal que conheceu durante a travessia pelo Labirinto de Dédalo, Percy distanciava-se cada vez mais do grupo. Quando as duas garotas o convidavam para saírem juntos, ele recusava o convite, como se sentisse incomodado com algo. No entanto, o filho de Poseidon não comentava sobre o que sentia, e todas as tentativas de Annabeth para esclarecer o assunto foram falhas. O resultado dessa falta de diálogo entre os dois foi uma irritação mútua, a qual propiciou espaço para que descontassem raiva um no outro.

Essa circunstância desgastava Annabeth de um jeito monstruoso. Não conseguia encontrar a razão do incômodo e do comportamento do amigo, mas percebeu que Percy sentia-se enciumado da proximidade que as duas meninas desenvolveram tão rapidamente, o que acabou interferindo na relação entre os três. Embora percebesse que sim, ela realmente estava negligenciando um pouco a amizade de Percy já havia certo tempo e que deveria voltar a abrir mais espaço para tal, a garota não poderia simplesmente desfazer o coleguismo que havia construído com Rachel até ali. Afinal, ela não deixaria de ser amiga dele apenas por estar conhecendo pessoas novas, até porque Annabeth adorava a cumplicidade que ambos dividiam e já havia deixado isso bem claro ao semideus. Apesar disso, o garoto continuava agindo com infantilidade.

Começou a irritar-se consigo mesma e com Percy, e sua ira refletia em seus olhos cor de tempestade. Tinha noção de que a situação havia se tornado uma bola de neve. Como havia deixado isso persistir? Por que havia permitido que essa distância se estendesse? Estava alimentando tanto a raiva por si própria que nem percebeu que seu amigo se aproximava da colina e, no exato momento em que o viu, um nó gi-

gantesco formou-se em sua garganta. O cabelo escuro do garoto estava grudado na testa por conta do suor. Ele estava tenso; balançava a caneta Contracorrente inquietamente entre seus dedos e sua face expressava nervosismo.

Afinal, Percy sentia-se arrependido. Muito arrependido. Tinha certeza que afastar-se da pessoa que mais admirava foi, sem dúvida, uma das piores decisões que havia tomado em muito tempo. Isso o fez perceber que estava sendo injusto com ela: não queria sentir-se abandonado, então permitiu que suas inseguranças controlassem suas atitudes, distanciando-se. Deveria comunicar-se e mudar seu comportamento; caso contrário, a amizade entre ambos poderia deteriorar ainda mais. E aquela era a hora. No entanto, tinha noção de que tal diálogo poderia não terminar nada bem.

Annabeth levantou-se, caminhando ao encontro do menino. Cumprimentaram-se de uma maneira desajeitada e fizeram comentários sobre o clima, na tentativa de ignorar a seriedade da conversa que estava por vir. Tal atitude resultou em um desconfortável mar de silêncio por um período de tempo significativo. A luz do crepúsculo iluminava as figuras da dupla, intensificando a quietude do momento: tanto o cabelo dourado de Annabeth quanto os olhos verdes de Percy brilhavam devido ao sol daquele fim de tarde de verão. Nenhum dos dois sabia como ir direto ao assunto, o que não ajudava muito, já que ampliava o constrangimento de ambos.

Estavam apenas a um passo um do outro, encarando-se profundamente. Fisicamente próximos, emocionalmente distantes.

Apesar de toda aquela tensão, Percy conseguiu tomar a iniciativa do diálogo. Pediu desculpas, e Annabeth também. Individualmente, recapitularam os próprios erros e chegaram à conclusão que não deixariam aquilo acontecer novamente. Nunca mais. Eram completos e, por isso, poderiam seguir suas vidas sozinhos tranquilamente. No entanto, a companhia de um tornava os momentos do outro mais únicos. E depois de tanta angústia, a dupla finalmente voltou a andar na mesma página.

Assim, Percy e Annabeth fortaleceram seus laços. Ao longo do tempo, o garoto permitiu-se conhecer Rachel de verdade, notando que ela era dona de uma personalidade muito autêntica, além de ser uma amiga dedicada. E, dessa forma, os três passaram a criar novas histórias, agora, juntos.

TREZE PORTAS

Mônica Stuker Spitzmacher

Capítulo 1

Era uma típica terça-feira de outono quando Coraline Jones se mudou para o Palácio Cor-de-Rosa. Seus pais estavam esperando muito por esse dia, mas como em qualquer outro, não demonstravam isso. Os únicos sentimentos que se percebiam ao olhar para seus rostos eram as mais puras e singelas expressões de desinteresse e tédio, o que para Coraline não era muita novidade. Estava acostumada com a reação apática dos pais mesmo nas situações consideradas mais emocionantes.

Estavam planejando a mudança há muito tempo. Vários planos já estavam sendo feitos. Criar um jardim com belas flores, e seu pai, que era inegavelmente melhor na cozinha que sua mãe, começar a preparar as refeições eram alguns deles. Coraline estava contando esperançosa todas as expectativas da nova casa para a mãe, que ouvia sem prestar muita atenção e de tempos em tempos concordava com a cabeça. A longa viagem de três horas que incluiu a família se perdendo da rota algumas vezes foi narrada a cada segundo por Coraline, que incessantemente falava e brincava sozinha como forma de passar o tempo.

Chegando no Palácio se depararam com uma grande casa de madeira pintada de rosa que parecia muito antiga. A conservação deixava um pouco a desejar, porém pelo preço que foi pago não se podia reclamar muito. Estacionaram o carro ao lado da casa e logo que saíram viram um homem muito alto, de pernas e braços finos e com uma grande barriga vestindo vestes extravagantes se aproximando.

— Vocês devem ser a família Jones, muitíssimo prazer em conhecê-los! Me chamo Bobinsky, sou o melhor treinador de ratos da região! Ah, e também sou proprietário desse lindíssimo palácio.

Ele aponta com um olhar emotivo para o Palácio Cor-de-Rosa e então se vira para apertar a mão de Coraline.

— Bom dia, senhor, me chamo Coraline... Coraline Jones!

Ela aperta com muita animação a mão do mais velho, que retribui na mesma intensidade. Sr. Bobinsky cumprimenta com um pouco mais de formalidade os pais da menina, que o encaram com uma expressão de estranheza. A mãe de Coraline pergunta:

— Muito prazer em conhecer o senhor, mas espero que meus ouvidos tenham me enganado... Você falou que é treinador de ratos?

— Sim! Foi isso mesmo. Trabalho treinando ratos para apresentações circenses. Algum dia a menina Caroline pode ir assistir se quiser. Mas não ainda, não estão prontos... — ele para por alguns segundos, reflexivo, então continua com o tom de voz animado novamente. — Vocês não querem ver a CASA?

Capítulo 2

Coraline vai na frente, curiosa para ver como é a casa. Quando Sr. Bobinsky abre as portas ela vê que é uma casa antiga, grande e meio empoeirada. Não consegue esconder a expressão de tédio que a consome. Enquanto isso, seus pais parecem levemente animados sobre a casa.

Enquanto as malas eram descarregadas, Coraline descobriu que outras duas senhoras muito gentis moravam no Palácio, senhoritas Forcible e Spink. Elas perceberam a movimentação incomum na casa e foram ver o que estava acontecendo, e Coraline, que não conseguia se manter parada, logo foi se apresentar para o casal de idosas.

Srtas. Forcible e Spink, muito gentis, convidaram Coraline para tomar chá e conhecer seus cachorros. Coraline adorou ouvir histórias sobre os milhares de cachorros e o jeito que morreram. Achou cômico como as duas brigavam por coisas bobas, sua barriga doeu de tanto rir quando aconteceu de se desentenderem por conta de uma bala. Pelo o que percebeu Coraline, as duas viviam brigando, mas continuavam juntas. O amor é algo bem estranho, pensou a menina.

Quando já tinham se estabelecido na casa, seus pais já haviam se posto na frente dos computadores a trabalhar. Coraline, entediada e por sugestão de seu pai, se colocou a contar quantas por-

tas e janelas haviam na casa. Constatou que o apartamento continha vinte e duas janelas e treze portas.

Não achou nada de diferente. Todas eram exatamente iguais.

Quando se deu por vencida de que não encontraria nada que a levasse para uma aventura emocionante, se dirigiu para fora do Palácio, onde encontrou um garoto de mais ou menos sua idade com uma máscara esquisita segurando com um apanhador de massa com uma lesma. Coraline andou até ele imponente e perguntou:

— Ei, o que você está fazendo aqui? Por que usa essa máscara?

O garoto virou meio assustado com a interrupção, tirou a máscara e disse:

— Meu nome é Wybie e eu estou caçando lesmas. Olha essa aqui que nojenta.

Ele aproxima abruptamente a lesma que está segurando do rosto de Coraline, que faz uma careta de nojo. Wybie logo afasta a lesma do rosto da garota e a joga alguns metros a frente na grama, então solta um riso fraco. A expressão de nojo no rosto de Coraline logo se desfaz e ela começa a rir também. E os dois caem na gargalhada sem motivo algum.

E assim Coraline passou a maioria de seus dias, caçando lesmas e rindo na companhia de Wybie e seu gato preto esquisito. Nos seus dias que passava conversando e brincando, seus pais construíram um belo jardim que deu vida ao Palácio Cor-de-Rosa. Ao menos era isso que o Sr. Bobinsky vivia dizendo quando saía de seu apartamento para buscar queijo para seus roedores.

SHERLOCK HOLMES: EM BUSCA DO ESTRIPADOR

Nícolas Brasil Brum

Após eu e meu caro amigo Sherlock desvendarmos o caso do “Sinal dos Quatro”, caso do qual fiquei impressionado com Sherlock, pois mesmo já sabendo da sua grande capacidade de dedução, nunca pensará que ele estaria com pensamento tão à frente de mim e dos detetives da polícia, voltamos para o nosso pequeno apartamento na Baker Street. Lá estávamos eu e Sherlock, descansando após longo tempo de trabalho, todavia havia algo que estava incomodando Sherlock há algum tempo. A polícia estava há algum tempo a procura do assassino que se denominava Jack, o estripador. Ele estava lançando terror nas ruas de Londres. Enquanto fumava meu cachimbo, Sherlock comentava:

— Será que demorará muito até o inspetor Lestrade aparecer aqui?

— Meu caro amigo, pelo seu comentário imagino que você já esteja à espera da visita do Inspetor Lestrade, correto? — Perguntei curioso.

— Correto, meu caro Watson, deduzo que até já esteja na escadaria, esse barulho do impacto de passos na escadaria é característico dele.

Foi exatamente o que aconteceu, Lestrade bateu na porta e logo saiu entrando, era visível em seu rosto o cansaço, rosto de quem não dormia a algumas noites:

— Desculpem-me pela forma que entrei cavalheiros, contudo necessito com muita urgência de vossa ajuda, então sentem-se para que ouvirem atentos o que eu tenho a dizer. — Disse Lestrade, com uma voz cansada e respiração acelerada.

— Já imagino qual assunto o senhor tem a nos trazer, mas gostaria de ouvir de sua boca todos os detalhes que você e seus homens já conseguiram. — Respondeu Sherlock. — Então pode dispensar as cortêsias e conte-nos logo sobre o tal assassino que amedronta a cidade de Londres.

— Mas como já sabes do tal assassino se não tive a oportunidade de trocar uma sequer palavra com vossa senhoria? — Perguntou o inspetor.

— É simples, apenas deduzi.

— Bom, não sei porque ainda me espanto com sua tamanha capacidade de dedução, mas indo direto ao ponto, o tal assassino se au-

tointitula Jack, o estripador. Então, deduzimos que seja um homem, algo bastante curioso é que o sujeito ataca com um certo padrão. Ele ataca suas vítimas à noite ou perto do amanhecer, e as estripa como se fossem animais. Não sabemos tais motivações para esses crimes, contudo, se não pegarmos tal sujeito, tenho certeza de que ele continuará, de modo sádico e sagaz, matando mais pessoas. — Disse Lestrade.

— Bom, acredito que essas informações ainda sejam insuficientes, mas são melhores do que nada, então espere na sala enquanto eu e Watson nos preparamos para ir a alguma cena do crime, para analisá-la.

— Vejo que mal saímos de um caso e já vamos para outro. — Respondo. — Bom, mas eu não seria nenhum louco de recusar ajudar meu caro amigo Sherlock em mais um caso.

— E não será qualquer caso Watson, mas provavelmente o maior caso que vamos investigar. — Retrucou Sherlock.

Então, após quarenta e cinco minutos, entramos na carruagem da polícia para acompanhar Lestrade. Quando chegamos até a cena do crime, deparei-me com uma grande quantia de sangue no chão, também era possível ver alguns pedaços de tripas. Seria mentira se dissesse que meu estômago não sentiu nada na hora, porém eu estava tão curioso para investigar mais que acabei deixando o desconforto de lado.

Pude ver que a cena do crime era um beco bastante escuro, não poderia afirmar com certeza, mas o beco parecia ter cerca de vinte e cinco metros de comprimento e uns 12 metros de largura. Então após eu e Sherlock esperarmos alguns minutos, Lestrade chamou-nos:

— Vocês têm uma hora para analisar a cena do crime, não posso oferecer mais do que isso.

— Não será preciso mais do que isso meu caro inspetor. — Respondeu Sherlock.

Quando chegamos ao local conseguimos ver um corpo, era uma moça chamada Mary Ann Nichols, tinha 43 anos, olhos castanhos, cabelos grisalhos e cerca de 1,57 metros de altura. Quando cheguei perto para analisá-la fiquei chocada com tamanha brutalidade do assassino, havia dois cortes profundos no pescoço da vítima, e a

parte posterior do abdômen foi parcialmente arrancada por um golpe intenso e bastante irregular, além de ter diversas incisões no lado direito de seu abdômen.

Sherlock não precisou de muito tempo para analisa-la e logo fomos até Lestrade, lá Sherlock pediu para o inspetor para analisar os outros quatro corpos, que são, respectivamente de Annie Chapman, Elizabeth Stride, Catherine Eddowes e Mary Jane Kelly. Inicialmente havia rumores em Londres de que o assassino era Henry Howard Holmes, famoso assassino estadunidense que abusava e matava mulheres e após estes terríveis crimes ele vendia seus ossos e carnes para uma faculdade de Chicago. Todavia Sherlock logo descartou está ideia, pois o que um assassino estadunidense faria em Londres? Ele começaria em Chicago, viria matar em Londres e voltaria de novo para Chicago? Não faria o menor sentido, tive que concordar com Sherlock.

Então já satisfeitos com as pistas coletadas, Sherlock e eu decidimos voltar ao nosso apartamento, para descansar e refletir sobre o caso. Já em casa resolvi tomar um banho, Sherlock sentou-se em sua poltrona em frente a lareira, enquanto fumava um cachimbo. Quando sai de meu reconfortante banho, Sherlock logo me chamou: — Elementar meu caro Watson! Existe um ponto em comum entre todas essas mulheres.

— E qual seria meu caro Sherlock? — Perguntei.

— Todas elas são damas da noite, ou em outras palavras, prostitutas!

— Respondeu Sherlock — Então nosso próximo passo será ligar os locais de suas mortes e fazer a ligação de um possível suspeito.

Após analisarmos cautelosamente todo o mapa de Londres, chegamos à conclusão de que o possível assassino era alguém que se deslocasse constantemente, um chofer ou até mesmo um marinheiro. Então fomos até a delegacia analisar alguns procurados por assassinato que estivessem ligados a estes trabalhos. Quando falamos isso a Lestrade ele logo respondeu:

— Graças à informação que vocês me deram eu já tenho a ideia de quem pode ser o assassino.

— Então fale. — Respondi.

— Ele provavelmente é Carl Feigenbaum, um marinheiro

— Interessante, mas o que o leva a acreditar que este homem é o tal

assassino? — Perguntou Sherlock.

— Este homem é acusado de matar uma prostituta chamada Laura Whittlesay a machadadas.

— Apenas isso inspetor? — Perguntei.

— Não, este é o mais curioso senhor Watson, foram várias mulheres, de prostitutas até esposas de outros homens, é como alega o advogado de Carl.

— Belo trabalho inspetor, todavia ainda não estou convicto que seja este o homem que estamos procurando. — Retrucou Sherlock.

— COMO NÃO SENHOR HOLMES! Todas as provas apontam para ele, é um dos únicos capaz de conseguir se deslocar rapidamente entre locais e suas outras vítimas aparentam ter sido mortas de maneira parecida a das moças mortas aqui em Londres. — Disse Lestrade

— Realmente inspetor, mas existe um detalhe que o senhor não percebeu.

— E qual seria?

— Não pude deixar de analisar os locais que as vítimas frequentaram, e consegui analisar nos arquivos que todas elas tinham um hábito bem comum de visitar o necrotério para prestar homenagens aos que lá estão enterrados.

— MAS QUAL A RELEVÂNCIA DESTA INFORMAÇÃO SENHOR HOLMES? — Perguntou indignado o inspetor.

— É realmente triste que o senhor realmente não perceba, então irei fazer-te uma pergunta, quem é o homem que cuida do necrotério?

— É Robert Mann, um antigo investigado de homicídio, mas nada se pode provar.

— Então pense como o assassino saberia que todas as vítimas eram prostitutas? Onde o assassino arranjaria instrumentos de corte tão afiados? E o principal, e se o assassino perseguisse suas vítimas após saírem do local onde ele também estava? — Deduziu Sherlock — Então posso lhe dizer, o assassino é Robert Mann, e não é apenas porque acho, e sim pelos fatos que apresentei, e além disso, o senhor mesmo disse, ele já era suspeito de cometer outros crimes, todavia nada se pode comprovar.

— Meu caro Sherlock, sou um homem que normalmente não muda de opinião facilmente, todavia sua conclusão me leva a crer que Robert Mann é realmente o assassino. — Respondeu o inspetor.

— Sabia que concordaria comigo, bom, agora eu e Watson vamos nos retirar, mande-me uma carta quando prender Robert Mann.

Então lá fomos eu e Sherlock de volta para o nosso aconchegante apartamento, logo que chegamos fomos nos sentar para beber um Whisky, para comemorar mais uma vitória, mas algo inesperado aconteceu. Uma pedra atingiu o vidro de nosso apartamento e nela estava presa um pedaço de papel, então peguei a pedra e retirei o papel preso. Nele estava escrito:

“Olá senhor Sherlock, talvez nunca tenhamos nos vistos antes, e provavelmente nunca nos veremos, mas senti a necessidade de mandar esta carta para você, para que soubesse que o assassino não é Robert Mann. Não afirmo que as antigas acusações sejam falsas, pelo contrário, acredito que ele realmente tenha matado aquelas mulheres, mas sinto-me decepcionado que nunca tenha suspeitado de mim, é até um alívio saber que não conseguirão prender-me.

Mas agora deve estar perguntando-se, se não foi Robert Mann, então quem matou aquelas mulheres? Quem é Jack, o estripador? Senhor Holmes, em sua cabeça nunca se passou que Jack talvez não fosse Jack? Mas possivelmente Jill, a estripadora? Por que um homem e não uma mulher?

A você irei revelar meu nome e por que decidi lhe contar isso. Meu nome é Mary Pearcey e resolvi contar-te isso pois fui eu quem matei essas mulheres. Por que? É fácil, odeio essas prostitutas, destruidoras de famílias, não merecem sequer serem consideradas seres humanos, devem morrer lentamente e cruelmente, lembro-me de ter matado a primeira lastimável criatura, que não pode ser chamada de mulher, ela estava relacionando-se com meu marido, o homem que tanto amei, não pude controlar minha fúria, então matei-a, ela e o bebê que estava esperando. Não se engane detetive, não sinto remorso algum e faria de novo, como fiz com mais cinco prostitutas.

Então é isso senhor Sherlock, agora quero que fique sabendo que a primeira pessoa que venceu a sua incrível dedução fui eu. Mary Pearcey.”

Após ler a carta eu a entreguei a Sherlock para que ele também pudesse a ler e analisá-la com bastante calma. Após trinta minutos tive de perguntar a Sherlock:

— Você realmente acha que foi enganado?

— Sim meu caro Watson, fui ingênuo de acreditar que uma mulher não poderia ser autora de tal brutalidade e me prendi em detalhes insignificantes. — Respondeu ele.

— Mas Sherlock, tenho certeza que vi este nome em um jornal uma vez, uma mulher que seria executada por assassinar a amante do marido, mas isso foi a algum tempo, então como ela poderia escrever está carta?

— Realmente Watson, bem pensado, mas acho que você não deve ter escutado na época, existiu um rumor que ela seduziu o executor que colocou um corpo morto na guilhotina ao invés de coloca-la, então após uma semana o executor foi encontrado morto, todavia nunca se achou assassino, então algumas pessoas começaram a dizer que na verdade ela nunca tinha morrido, mas sim escapado e voltado para matar o executor.

— Meu caro amigo, então pelo que pude entender você também concorda que ela nunca morreu. — Complementei.

— Exatamente, e além disso, ela voltou para se vingar das prostitutas, pois foi uma delas que seduziu seu marido e o levou para cama.

— É realmente incrível Sherlock, nunca pensaria que algo assim aconteceria. Todavia o que vamos falar para polícia?

— Nada meu caro, não posso aceitar que Lestrade deboche de minha cara por ter errado em minha dedução, vamos deixar que ela vá para algum outro país, e que as autoridades de lá prendam-na caso cometa outro crime.

E por assim ficou, mesmo não concordando com Sherlock não pude contraia-lo, pois como mostra em meu escrito, quase não tive participação nesse caso. Mas sinto-me honrado, pois sou um dos primeiros a saber quem foi o terrível assassino, ou melhor dizendo, assassina que aterrorizou a cidade de Londres e trouxe ao meu bom amigo Sherlock, a sua primeira derrota. Tenho certeza que futuramente essa história poderá ser contada e as pessoas ficarão aterrorizadas com tamanha sagacidade que um ser humano poderia ter, isso é claro, se meus escritos conseguirem chegar até elas, assim espero.

ADMIRÁVEL MUNDO COTIDIANO

Otávio Maziero dos Santos

Finalmente, finalizara-se a Cerimônia da Solidariedade. Dirigia-se ao mastodôntico edifício residencial dos Alfas, onde morava Morgana Luxemburg. Dedicado a experimentá-la, levar-lhe-ia ao inédito Cabaré da Abadia de Westminster, no qual os famosos sexofonistas da música sintética mais recente tocariam àquela noite.

Obviamente estava radiantemente feliz. Não apenas, como também permanecia eufórico. O Soma não tão somente era uma pí-lula: ele era a felicidade. O Soma, o sexo, os grupos de solidariedade, o trabalho, o golfe eletromagnético, o Cinema Sensível, as terapias hipnédicas, a cidade, tudo era felicidade.

Subiu em seu dispositivo. A Rádio-Horário apontava que, no exílio, os pés do Selvagem já pendiam a três palmos do chão, seu pescoço amarrado. Naquele momento, Johnny Engels asseverou-se que sua vida, igual a dos outros duzentos milhões de Alfas, era a melhor. De chofre, a rádio musicou o ambiente, os prédios começaram a voar horizontalmente, letreiros de neônio indicando os prostíbulos dos Deltas, as Vilas do Trabalho Digno dos Épsilons, o Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central, o edifício de Propaganda e Redação. Neste Johnny operava: era redator principal de um jornal para as castas inferiores. Divisou o lema do Estado Mundial, “comunidade, identidade, estabilidade”, em todas as construções.

“Cada um pertence a todos”, repetia ao enterrar o carro no heliporto- estacionário do edifício de Alfas. Morgana, moça pneumática de peito bruto, alta e de pernas condensadas em bela carne, já o aguardava. “Atrasado”, reiterou. “E ávido para experimentar-te”, foi contestada.

Decerto não se aviltaria. Era um Alfa, por natureza altivo e poderoso. “Por Ford que não nasci um daqueles Gamas que mexem em máquinas. Ou pior, poderia ter nascido um Épsilon...” Quando tinha esses pensamentos, tomava um ou dois gramas de Soma. Tal como para tudo: trabalhar, jogar Golfe Magnético, Cerimônias para Sua Fordeza, experimentar mulheres.

Morgana entrou no dispositivo e logo Johnny deu partida. A noite era perfeitamente fria. Após um amável dia ensinando como infundir éter aos pseudossangues das castas baixas, claro que a noite

seria perfeita também, pensou a mulher.

Rapidamente chegaram ao Cabaré. Era um luminoso e sensual recinto. Sentaram-se a uma mesa, uma das mais próximas dos sexofonistas. Não se entreolharam durante a apresentação, focados. Os sexofones gemiam bravamente em diferentes tons, e a cantora sintética estava despida enquanto gemia. Era tudo completamente maravilhoso: impossível que não estivesse.

Mas um dos sexofones errou. Provavelmente a nota incorreta foi ressoada, ou o aparelho estava sujo. Neste momento, Johnny saiu do transe. Observou a cantora nua. “De que casta seria? Que corpo bruto, robótico...” Não conseguia voltar ao estado anterior. Começou a refletir sobre as castas inferiores, as quais enganava com falsas notícias no jornaleco que escrevia para o governo. Retornou à cantora. Veio-lhe uma máxima à mente. “À medida que diminui a liberdade política, a liberdade sexual tende a aumentar como compensação.” Ouviu-a de algum grande homem de seu tempo.

Sr. Mustafá Mond o daria respostas. O que é liberdade? Por que o selvagem cometera tais ações? Voltou-se à Morgana, demasiado excitada devido aos gemidos sexofonistas. Perguntou-lhe se já poderiam ir embora, e ela renuiu. “Ainda nem me experimentou, amor, e já quer desistir de mim?” Ele começou a pensar no ato de experimentar. Quantas moças já havia experimentado só para não cometer o pecado de permanecer só? Quantas vezes teve de preencher-se de Soma para que as solitárias noites não parecessem tão taciturnas?

Morgana oferecera-o uma bebida de morango com Soma. Recusara. Ofereceu-o para que pulassem para a etapa final do encontro. Não obteve resposta. “Mas cada um pertence a todos! Reclamo meu direito de pertencer a ti! Não tem o direito de não me possuir!”

“Nunca pensou sobre a pobreza corporal das castas inferiores? Tão franzinas, feias. Essa cantora, veja, tão pequena, cabelos mal tingidos...”

“Mas excita bem. Ela parece estar feliz, Johnny. Está, por certo, bem melhor do que você está. Para que faz esses questionamentos?”

“Porque eu minto para gente como essa moça. Escrevo, com uma linguagem pobre, coisas nada grandiosas. Fatos alienados direcionados a este povo.”

“Pare de pensar nessas bobagens! Sua Fordeza desenhou o

mundo assim, duvida da capacidade dele de construir um mundo perfeito? O mundo em que nós vivemos?”

“Acho que sim.”

Morgana inflou-se de raiva e desapontamento. Pegou sua bolsa e saiu do cabaré. Johnny suspirou. A mulher nua continuava seus gemidos. Que corpo horrível. Que vocais apáticos, que gemidos de mau gosto. Tinha vontade de desmentir tudo que já escrevera para o tipo dessa moça. Queria saber o que é liberdade.

Mal nascera o Sol e já estava no prédio de Propaganda e Redação do Estado Mundial. Não redigiria nada naquele dia. Ligaria ao Sr. Mustafa Mond. Queria respostas. Não tomou Soma, não queria alienar-se.

Talvez nunca tivesse visto uma mulher de castas inferiores nua. Talvez nunca tivesse pessoalmente visto uma mulher de castas inferiores vestida. Aquela chocou-o. Um rombo no sistema de conformidade do Estado Mundial rompeu as veias de pseudossangue que banham os órgãos e tecidos perfeitamente funcionais daquela sociedade sexual e drogada.

Leonard Marx bateu à porta do escritório de Johnny. “Entre!”, ouviu. “Recebemos um relatório, Sr. Engels. O senhor não escreveu sobre o sucesso da reserva dos selvagens no leste asiático e no sul africano.”

“Que sucesso? O Estado Mundial desmantelou o sistema de reserva dos Selvagens após o ocorrido com o shakespeariano. Parece-me que as pessoas começam a mimetizar as ações do Selvagem porque acharam-nas cômicas.”

“Pois bem, Sr. Engels, esta gente para quem o Sr. escreve não entende nem precisa compreender um fio de toda a cabeleira que ocorre nos tempos hodiernos. Ainda que, tudo está perfeitamente perfeito. Não está bem, Sr. Engels? Acabou seu Soma? Tenho algo novo aqui.” — e posicionou uma caixinha em cima da mesa de Johnny — “Só o pessoal do Estado Maior usa. Consegui com...”

“Chega! Não quero mais sentir-me tão vazio! Pela primeira vez vejo o vácuo que existe em mim, Leonard. É terrível, mas é perfeitamente bom. Tão perfeito quanto sua vida, a vida de Morgana Luxemburg, a vida do Sr. Mustafa Mond...”

“Apenas requisito a redação sobre o sucesso das reservas. Tenha um bom dia, Sr. Engels, pela sua Fordeza.”

Bateu a porta. Johnny fitou a caixinha deixada, abriu-a e analisou o

conteúdo. Pílulas vermelhas, diferentes das do Soma, que eram azuis. Guardou a caixa no bolso e ligou para sua secretária, uma Beta. “Sra. Le-nine, marque uma reunião com Sr. Mustafa Mond. Preferencialmente para hoje. Quero respostas”.

Sr. Mond não tardou em aparecer no escritório. Era alto e bigodudo, feições bem delineadas. Percorreu com os olhos, da cabeça aos pés, Sr. Engels. Vociferou em bom tom. “Sou um homem ocupado. Mas com as disfunções da estabilidade de nosso povo sou rápido. Diga-me, Sr. Engels, que lhe acossa?”

“A insatisfação. Enquanto não souber o que é liberdade não quero mais exercer este meu imundo cargo. Sou um mentiroso profissional. Redijo as mentiras que me contam, as de que tenho consciência de suas inveracidades, e envio-as àquela gente. Aquelas pessoas de corpos selvagens, funções deploráveis. Um exército de homens cuja maior arma, ferramenta, foice e martelo são o Soma. O senhor um dia proliferou algo sobre liberdade sexual e política. Quero entendê-las”

“À sua disposição, Sr. Engels. Primeiro, vamos às verdades naturais e imutáveis da humanidade. Não existe estabilidade sem essas pessoas. Ou gostaria de mexer em óleos de máquinas, prostituição e operação de máquinas de alto risco? Há aqueles afortunados por sua Fordeza, aqueles que no pseudossangue corre o genuíno sangue de Sr. Ford. Por outro lado, há os que infelizmente têm de lidar com o infortúnio de operar os alicerces materiais de nossa sociedade. Mas pense, Sr. Engels, essas são pessoas genuinamente felizes! Pelas terapias hipnopédicas, não têm nem noção do que é infelicidade. Conhecem apenas a felicidade.” Fitou bem o cartaz acima do assento de Johnny. O lema do Estado Mundial estava impresso nele.

“Veja, Sr. Engels, democracia é um ramo muito complicado. Apenas destrói a capacidade das pessoas de serem felizes, unidas e estáveis. Para que querer entender liberdade, sendo que já a possui? Experimenta todos que quer, consome tudo que deseja, vive tudo que pode. Não compreendo por que tanta gente reclama o direito de ser infeliz. A infelicidade é uma subversão à estabilidade. Caso queira ser infeliz...” — não terminara a sentença.

Engels permaneceu calado. Mirava os olhos de Sr. Mond com avidez e dúvida. Este, por sua vez, aproximou-se da estante de anais que Johnny possuía, cheios de instruções sobre a linguagem “analfa-

bética” que utilizava ao escrever. “Deve compreender muito sobre Linguística, certo Sr. Engels?”

“O que seria isto?”

“Uma ciência subversiva que havia no passado democrático. Fazia com que as pessoas duvidassem da própria maneira de comunicarem-se. Absurdos como esse sufocamos com o abafamento da liberdade política. Estabilidade, é apenas isso que queremos.”

“Mas sinto-me tão vazio, Sr. Mond! Ver essas pessoas mais vazias que eu deixa-me tão... Eu preciso duvidar!”

“Por Ford, Sr. Engels! Vou encaminhá-lo a uma checagem de seu pseudossangue. Deve haver algum defeito. Não gostaria de perdê-lo para a loucura da liberdade e da depressão.”

Saiu da sala cerrando a porta violentamente. Johnny chorava. Queria ainda saber o que é liberdade. Nenhum tratado de Linguística haveria sobrevivido caso o que soubesse sobre História fosse certo. Quem era Shakespeare? O Selvagem que se suicidou gostava muito deste homem, de acordo com os rumores. Talvez em alguma reserva de Selvagens que o Estado ainda não tenha destruído ainda houvesse alguma reminiscência dele.

Ligou o rádio. A estação assegurava que Sr. Mustafa Mond havia saído há pouco de uma palestra com cientistas Alfa Mais da América do Sul. Johnny ouvia-a com espanto. Sua mente esmiuçou tal contradição. Mas no fim, pensou que, como disse Sr. Mond, seu pseudossangue estava com algum defeito. Estava enlouquecendo. Provavelmente eram os pseudo-hormônios. Para parar de preocupar-se, abriu a caixinha que recebeu de Sr. Marx e tomou uma pílula.

Enquanto punha uma meia, no vestiário das incubadoras des Betas Mais, Lenina Bakunin vociferou que uma notícia rumorosa chegara aos seus ouvidos. “Conheciam o famoso Johnny Engels? Pois então, venho a dizer que foi encontrado morto em seu próprio escritório. Acharam umas pilulazinhas vermelhas jogadas no chão ao lado do féretro. Morreu feliz, penso eu.”

Morgana Luxemburg, ouvinte da novidade, abriu um sorriso amarelo.

Tudo estava estável.

DESEJO ARDENTE

Pedro Henrique Ribeiro

Capítulo 1

— É um ótimo jornalista!

— Como? — O rapaz exclamou, surpreso. Gerard o desequequilibrava de maneira inigualável.

— Um ótimo jornalista — Piqué repetiu sem perder o sorriso entusiástico. — Você é um ótimo jornalista.

Bechler se encolheu, uma vermelhidão surgiu em seu rosto. Quase não pôde crer nas palavras que estivera ouvindo.

— Agradeço o elogio... eu acho — Um silêncio pairou no ambiente.

— É um grande jogador, aliás... embora eu já tenha dito isso e...

— Está disponível? — Gerard ergueu o tom de voz. Bechler recuou, as emoções chacoalhando.

— Disponível? De que maneira? — Engoliu em seco.

— Bebe? — Gerard o intimidou outra vez. O jogador sentia-se inexplicavelmente atraído pelo tímido e nervoso jornalista. — Você bebe?

Bechler não conseguiu conter um sorriso envergonhado. Piqué era capaz de desmontá-lo com um simples olhar prolongado. Sua garganta parecia travar, uma inoportuna reação ao silêncio constrangedor que se prolongara por entre ambos.

— Entendo. Você está em horário de trabalho... perdoe-me, não quis parecer indiscreto.

— Não! — Exclamou repentinamente o jornalista — Quero dizer... sim! Eu bebo, sim.

Piqué sorriu satisfeito. Sentia-se culpado, mas precisava vê-lo sob efeito alcoólico para acabar com sua timidez.

— Isso é bom! — Disse enquanto repousava a mão sobre o ombro de Bechler. Pôde sentir a tensão muscular do rapaz. — Que tal uma rodada? Por minha conta. Conheço um lugar perfeito. Sem tumulto, paparazzi e bem discreto.

— Eu... eu aceito — Disse, trêmulo.

— Aqui — Anunciou Gerard, oferecendo o casaco do corpo. — Essa garoa logo mais irá engrossar.

— Valeu. Não imaginei que fosse sair pela cidade e então deixei toda

minha bagagem no hotel. Não está com frio? Agradeço a atitude, mas se estiver mesmo precisando pode...

— Não estou com frio — Cortou o jogador abruptamente. — Não costume sentir frio. Não nessas horas.

Marcelo se retraiu e nada respondeu. Aquele homem o intimidava como nenhum outro. Tentava decifrar, afinal, a real intenção do já consagrado jogador ao convidá-lo para uma bebedeira.

Caminhavam pela calçada como dois anônimos, uma dupla masculina completamente desconhecida aos olhos do mundo. Bechler temia a reação da população diante do escândalo envolvendo um famoso jogador e um desconhecido jornalista. Congelava embora protegido do frio noturno, a garoa cada vez mais violenta. Piqué o aconselhou a apertar o passo.

Gerard permaneceu inquieto, a visão sem foco, o andar desajeitado. Conhecera Marcelo há poucas horas e nada mais o parecia satisfazer senão constantemente tocá-lo ou analisar seus lábios. Nem as gotas de chuva pareciam capazes de resfriar seu calor interno. O silêncio o perturbava. O jogador precisava de uma nova estratégia, um novo passo de improviso em seu caminho sem rumo...

— É aqui — Disse ao quebrar a quietude entre ele e o jornalista.

Bechler franziu a testa, o coração acelerado. Estava perante um beco escuro, certamente sem saída. O que tudo aquilo significava? O convite, os diálogos, o casaco... Gerard. Nunca estivera tão confuso em toda sua vida. Estava sendo uma peça do que, afinal?

— Eu não entendo... — Ele chiou hesitante. Fitou Piqué em busca de esclarecimento, sem sucesso.

— Venha — Gerard convidou o jornalista com a mão estendida. O desejo que sentia era como o mais mortal pecado que já estudara cometer.

Marcelo sentiu sua respiração curta, acelerada. O que se sucederia a partir daquilo? Pensou em correr, mas suas pernas já não mais se moviam. A única coisa que fora capaz de fazer foi tocar a mão de Piqué e deixá-lo que o levasse para escuridão adentro.

— Achei que fôssemos beber... — As palavras do jornalista saíram fracas. Estava quente, e o casaco parecia apenas piorar a situação. Queria logo atirá-lo para longe, mas estava sob eterno domínio dos olhos

do jogador, uma total submissão a seus interesses ocultos naquela faminta escuridão.

— Eu menti — Disse Piqué sorrindo, enquanto empurrava com seu corpo o jornalista contra a parede. Sentiu de perto o cheiro do perfume. E beijou-o como nunca beijara ninguém. O proibido o instigava. Era seu beijo dos sonhos. Uma briga de espadas como jamais vista. Quente, frio, indescritível.

ADORÁVEIS MULHERES: JO MARCH E SEU LIVRO PUBLICADO

Rinália Oliveira Figueiredo

“Confesso que cada dia parece mais difícil conseguir publicar meu livro em pleno período de pós Guerra de Sucessão, a cidade está um caos e com tanta insatisfação do que escrevo, acabei queimando o que restava.”

Quem você acaba de ler sobre é Jo, uma das quatro irmãs que está tentando se encontrar em um objetivo para a vida. Enquanto todas estão preocupadas com seus casamentos que estão por vir, Jo não para de pensar em apenas conseguir publicar seu livro. Sua família está uma loucura com o casamento de Amy, ou seja, Jo perde momentos magníficos de paz e sossego para escrever, adiando ainda mais sua publicação.

Jo tem cabelos loiros vibrantes e ondulados, rosto delicado, mas que não transbordava esse sentimento. Na maior parte do tempo ela se encontrava tentando terminar o que começou: SEU LIVRO. Nunca, nunca mesmo alguém já leu o que ela escrevia, além de Beth, a irmã mais dócil e também tão frágil ao mesmo tempo. Beth era a irmã da qual Jo mais confiava entre as três, não sei se era por conta das circunstâncias, visto que Amy estava interessada apenas em seu casamento e Meg em viagens a procura de um noivo, que Beth e Jo estavam na maior parte do tempo juntas. Beth sempre dizia a ela:

Jo você deveria começar a publicar, isso que estou lendo é incrível!

Jo apenas respondia que não estava pronta para que mais pessoas lessem suas obras.

Com o passar dos meses Jo ainda se encontrava em um canto do quarto com apenas um pequeno pedaço de lápis e ela mesma. Todos daquela humilde família sempre se perguntavam o que Jo tanto escrevia e o porquê de tanta demora para algo que ela falava que estava no fim. Nem mesmo Beth sabia o que ela tinha escrito nos últimos meses.

No fim do inverno, com uma onda grave de uma doença terrível que devastava a cidade, Jo acaba ficando muito doente e falecendo, e deixando todos em terrível melancolia. Ela sendo uma menina sempre muito cativante e intrigante entre sua família, abala todos com sua partida. Antes de sua morte ela havia terminado o que muitos se perguntavam, seu livro. Jo ainda não havia publicado pois precisava de ajustes, segundo ela, mas com o trágico ocorrido, a família resol-

veu publicá-lo em sua homenagem. Algo que ninguém esperava é que a história não era algo ficcional e sim uma história verdadeira e comovente de quatro irmãs que apesar de personalidades totalmente opostas, eram completamente dependentes do amor de cada uma. Com a morte de Jo, as irmãs Amy, Meg e Beth se uniram ainda mais com o legado da irmã:

— Sempre se lembrem da nossa união, com amor e carinho.

Jo March

O LEÃO COVARDE

Sofia dos Santos Alves Leal

Onde Oz mora, deve ser um belo local.

— É um belo local onde Oz “se esconde”!. — Afirma Dorothy, mesmo sem nem o conhecer ainda.

Seguiam andando por uma sinuosa estrada de pedras, com grandes e variados arbustos, desde os mais belos e raros até os mais estranhos e de certa forma duvidosos. Mas estavam dispostos a seguir a longa jornada divertida e também perigosa até a Cidade das Esmeraldas, pensando poder contar com a CORAGEM do leão; estavam enganados. Ou não!?

— Bastante perigoso esse caminho, não é mesmo? — Diz Dorothy.

— Sim, estou começando a cogitar as próximas brigas que travaremos e como as resolveremos daqui pra frente. — disse o Leão.

Como sabemos, o Leão é o covarde, eles não podem depender apenas do então “rei da selva” para salvar o grupo, eles teriam que agir dali em diante. Não muito tempo depois, surgiu uma nova encrenca...

— Oh céus! Como iremos destruir essa fera a qual deixou esta parte da floresta escura e fria? — Disse Dorothy

O Leão, pacientemente responde da seguinte maneira:

— Dorothy querida, não iremos o destruir.

Dorothy, nem um pouco feliz com a resposta do Leão o retruca:

— Como não Leão? Deixaremos-o nos atormentar diante dos nossos medos, fazendo com que ele nos impeçam de seguir nosso caminho?

Mais uma vez o Leão retoma sua fala ao grupo:

— Não Dorothy, também não! Teremos que nos acalmar, alinhar nossos pensamentos e desconsiderar, pelo menos por agora, todos nossos medos e inseguranças, visto que ele está usando isso contra nós, essa é a arma dele!

O grupo surpreso com a resposta do Leão, indaga-o:

— Como você percebeu isso, Leão?

— Da maneira mais simples, que por vezes parece ser difícil. Desacelerar. — Disse o Leão.

(Pausa entre a fala...)

— Nesse ritmo frenético em que nos encontramos, visando somente chegar até a Cidade das Esmeraldas e encontrar o Mágico de Oz, jamais conseguiremos perceber a beleza do caminho, até mesmo essa noite que vocês a apelidaram de sombria! Devemos apreciar o processo... — Complementou o Leão.

Com isso, deixando o grupo completamente sem reação, eles seguiram seu caminho, agora sem medo, mas com o pensamento em comum de que sem usar a força, o Leão foi sim corajoso, pois encorajou seus amigos e falou o que talvez ninguém ali teria a CORAGEM.

JOGOS VORAZES: A VIDA DE UMA VENCEDORA

Tayná Pereira da Silveira

Pov's Katniss

Eram assim todas manhãs e finais de tarde, sempre brincando, Willow, a mais velha, já tinha consciência sobre os jogos, Rye ainda era inocente, com seus cabelos loiros e olhos acinzentados que lembravam muito os de Peeta, já Willow era mais parecida comigo, cabelos escuros e olhos extremamente verdes, até mais do que os meus.

— Mamãe, mamãe - Chamou Willow.

— O que foi, querida? - perguntei preocupada.

— Rye caiu, seu joelho está sangrando!

— Ok, vá se arrumar para a escola que eu cuido dele.

Então lá foi ela, Willow já tinha 6 anos, Rye apenas 3, fui cuidar dele, mas não foi nada demais, nada que qualquer criança já não tenha feito no joelho.

Ao entrar me deparei com Peeta fazendo o almoço e Willow o ajudando-o, era uma cena muito fofa realmente. Depois de almoçarmos tratei de levar Willow para a escola e Peeta ficou cuidando de Rye que já estava correndo e pulando feliz por aí como se não tivesse machucado o joelho.

— Pronto filha, vai para a aula que no final da tarde eu ou o papai vamos vir te pegar. - falei beijando sua bochecha.

— Te amo.

— Também te amo mamãe - falou já entrando na escola.

A tarde em si foi tranquila, Rye passou dormindo por consequência de acordar muito cedo, Peeta foi trabalhar na padaria e eu, bom, fiquei arrumando a casa e o sótão, tinham umas poeiras e caixas espalhadas então resolvi dar um jeito naquilo. Quando reparei, já estava na hora de procurar Willow na escola, então me arrumei e lá fui eu. Quando cheguei, ela estava sentada no banco na frente da escola me esperando.

— Cheguei filha!

— Oi mamãe. — disse abraçando-me.

Quando chegamos em casa, Peeta já estava lá brincando com Rye, estavam tão lindos - sim sou uma mãe um pouco melosa -. Eu avisei que faria o jantar já que Peeta tinha feito o almoço. Estava sem ideia do que fazer, mas logo alguma viria na minha mente. Eu estava quase terminando a janta quando Willow apareceu com uma camisa branca e uma saia azul. Isso me

lembrava tanto a Prim, mas Willow me tirou de meus pensamentos quando começou a falar:

— Olha mamãe, eu achei no sótão, estava numa caixa velha! - falou ela toda sorridente.

— Oh, querida. - falei segurando as lágrimas e lembrando-me que essa era exatamente a roupa de Prim. - Acho que está na hora de eu contar uma história para você, patinho! - disse a arrumando a parte traseira da saia junta a camisa.

~FlashBack On~

Um aero deslizador marcado com o selo da Capital se materializa diretamente sobre as crianças barricadas, dezenas de paraquedas de prata caem sobre elas. Mesmo nesse caos, as crianças sabem o que os paraquedas de prata contêm: Alimentos, Remédios e Presentes. Elas ansiosamente os pegam, os dedos congelados lutando com as cordas. O aero deslizador desaparece, cinco segundos passam e, em seguida, cerca de vinte paraquedas simultaneamente explodem.

— PRIM! - Gritei quando avistei minha irmã na barricada na frente da mansão de Snow.

— Katniss! - Ela falou depois que explodiu tudo. A partir daí só lembro de ter caído no chão e acordado no hospital do distrito 13.

~FlashBack Off~

— Bom, Willow, eu tinha uma irmã, sua tia no caso, ela se chamava Primrose ou como nós a chamava-nos, Prim, ela era doce e meiga, mas muito forte e inteligente, ela teve que amadurecer muito rápido para sua idade... contei tudo para Willow, desde a parte da colheita até o dia de sua morte... Ela realmente foi uma guerreira - disse já com os olhos cheios de lágrimas. Willow não disse nada, apenas correu até mim e meu deu um grande abraço, foi aí que eu desabei, mas quando Willow olhou para mim, entendi que ela iria falar algo.

— Ela deveria ser muito legal. - falou inocentemente.

— Você parecia amar muito ela.

— Com certeza ela era, e realmente eu a amava e ainda a amo apesar de tudo.

Depois de tudo, pedi para Willow ajudar-me a colocar os pratos e talheres na mesa enquanto terminava o jantar.

— Filha chama seu pai e seu irmão para jantarmos!

— Já vou. - disse ela saindo porta afora para chamar os dois.

Logo eles voltaram e nos sentamos à mesa e nos servimos. Peeta logo começou a falar:

— Então, como foi o dia de vocês hoje? - perguntou Peeta.

Hoje eu cantei a música Campina! - disse com um sorriso vencedor nos lábios. - A professora perguntou quem sabia cantá-la, então eu disse:

— Que ótimo querida - Eu e o Peeta falamos juntos.

— E você Katniss, o que fez hoje? - perguntou Peeta para mim.

— Como Rye ficou dormindo a tarde inteira, aproveitei para arrumar a casa. - disse com um pequeno sorriso no canto.

— Bom, eu vendi 3 bolos na padaria hoje! - falou.

— O resto foi normal. - disse ele terminando de comer.

Depois de lavarmos a louça e arrumarmos a cozinha, convenci de levar os dois para a cama, e Peeta a arrumar nosso quarto. Quando Rye e Willow já estavam deitados, pediram para que eu cantasse uma música, o que eu particularmente achei muito estranho, pois normalmente eles pedem uma história.

— Mamãe, canta uma música para nós? - disse Rye meio enrolado devido a idade.

— Tudo bem, mas deixe-me pensar em uma. - disse já com a ideia de cantar a música da campina, mas depois me lembrei de outra. – Ok, já estão prontos? - perguntei referindo-me a se eles estavam de pijamas e bem agasalhados, pois sempre tinha um vento gélido à noite. Eles apenas assentiram com a cabeça.

Você, você vem para a árvore

Onde enforcaram um homem que dizem que matou três

Coisas estranhas aconteceram aqui

Não mais estranho seria

A gente se encontrar à meia-noite na árvore-força

Você, você vem para a árvore

Onde o homem morto clamou para o seu amor fugir

Coisas estranhas aconteceram aqui

Não mais estranho seria

A gente se encontrar à meia-noite na árvore-força

Você, você vem para a árvore

Onde mandei você fugir para nós ficarmos livres
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
A gente se encontrar à meia-noite na árvore-força
Você, você vem para a árvore
Usar um colar de esperança e ao meu lado ficar
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
A gente se encontrar à meia-noite na árvore-força
Você, você vem para a árvore
Onde mandei você fugir para nós ficarmos livres
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
A gente se encontrava à meia-noite na árvore-força.

Cantei cada estrofe me lembrando de cada parte da guerra dos rebeldes contra o Presidente Snow, lembrando que a Árvore-Força tinha virado um símbolo que ficava logo ao lado, encontrando Peeta já deitado para a rebelião. Mas quando terminei, percebi que os dois já tinham dormido, então fui para meu quarto.

— Dormiram? - ele perguntou.

— Uhum. - Respondi cansada.

— Vamos dormir então, até amanhã. - disse ele desligando o abajur ao seu lado.

— Lembre-se, eu te amo.

— Também te amo, boa noite. - disse, desligando o outro abajur.

Por mais que tentasse dormir o sono não estava vindo e eu só conseguia pensar no que tinha acontecido a mais ou menos 15 anos atrás, tudo, a morte de Prim, Finnick, a guerra, os destroços dos distritos, Peeta recuperando a memória aos poucos, Gale que tinha ido morar no distrito 2 e minha mãe no 4, para ajudar nos hospitais de lá junto de Annie, que cuidava de seu filho sozinha. Algumas horas depois peguei no sono e acordei no outro dia com o sol batendo na janela do quarto e Peeta ao meu lado, então eu lembrei da última pergunta que Peeta tinha me feito quando recuperava a memória:

“— Você me ama, verdadeiro ou falso?

— Verdadeiro.”

O PURGO JEDI

Theo Zanoello Lüdtke

Há muito tempo, numa galáxia muito, muito distante...

Durante as Guerras Clônicas, A Ordem Jedi, e especialmente Mace Windu, um dos mais poderosos Mestres Jedi, desconfiava que o chanceler Palpatine poderia ter más intenções e estar trabalhando secretamente com os Sith. Por isso, Anakin Skywalker, um jovem Cavaleiro Jedi, foi enviado por Windu para descobrir mais informações a respeito dessa possível traição.

Ao conversar com Palpatine, Anakin conta para ele sobre os terríveis presságios que está tendo sobre a morte de Padmé, sua esposa, onde ela morre quando dá à luz a seus filhos. Anakin diz que faria de tudo para salvá-la, então o chanceler fala que ele nunca conseguiria isso com os poderes do lado luminoso da força, e precisaria se aliar aos Sith para conseguir o que desejava. Dessa forma, Anakin acaba descobrindo que ele é na verdade Darth Sidious, o grande lorde Sith, e ao ir embora, conta isso para Windu.

Ao ficar ciente da verdade por trás de Palpatine, Mace Windu e os Mestres Jedi Kit Fisto, Agen Kolar e Saesee Tiin vão até o chanceler para prendê-lo, e, se fosse necessário, matá-lo. Ao chegar em seu escritório, o chanceler mata os três acompanhantes de Windu, sobrando apenas os dois para um duelo final. Windu consegue vencer a batalha e desarmar Palpatine, porém, antes que pudesse derrotá-lo de vez, Anakin aparece na sala, e Palpatine diz para ele ajudá-lo naquele momento ou nunca conseguiria salvar Padmé. Anakin lembra-se das visões que tivera e, tomado pela emoção ao ver sua única esperança de salvar sua amada indo embora, toma a egoísta decisão de intervir na luta. Assim Darth Sidious consegue matar Mace Windu.

Após o ataque, Palpatine se comunica com todos os comandantes clones, e sob o pretexto de uma suposta traição Jedi, diz:

— Executar Ordem 66.

Com isso, chips inibidores nos cérebros dos soldados clones são ativados, e todos eles perdem suas memórias e sentimentos, passando a viver com um único propósito: Derrotar os Jedi. Nesse momento eles se voltam contra os Cavaleiros Jedi, seus antigos mestres, atacando-os desprevenidos, ocasionando uma destruição em massa

da Ordem Jedi por toda a galáxia.

Ao mesmo tempo, no planeta Utapau, Obi-Wan Kenobi estava batalhando contra general Grievous, um androide matador de Jedi com quatro braços, que usava como armas os sabres de luz de suas vítimas. Durante o árduo conflito, Obi-Wan consegue cortar um dos braços de Grievous, porém nesse momento os clones executam a Ordem 66 e disparam contra o mestre Jedi. Após ser atingido nas costas, Obi-Wan cai e derruba seu sabre, criando uma brecha para Grievous, que o apunhala fatalmente.

Anos depois a galáxia ainda era dominada pelo Império, porém Mestre Yoda ainda sobrevivia escondido em um planeta distante. Ele sabia não ser mais capaz de derrotar os Sith sozinho, pois já estava muito velho. Entretanto, sabia exatamente quem poderia fazê-lo, esse alguém era Luke Skywalker, filho de Anakin. Luke vivia uma vida tranquila no planeta deserto de Tatooine, sem saber sobre a história de seu pai, até que um dia seu androide captou uma mensagem secreta vinda de outro planeta endereçada a Luke. Nessa mensagem, Yoda contava a verdade sobre o passado de Luke, dizia que ele era a última esperança da Galáxia e precisava derrotar o Império. Porém no final da transmissão, Yoda é atacado pelos Sith e a mensagem se encerra abruptamente.

Ao saber disso, Luke fica com muito medo, mas sabe que é seu dever treinar para salvar a galáxia e reconstruir a República. A mensagem enviada por Yoda tinha as escrituras sagradas dos Jedi, que ajudaram muito Luke em seus desafios. Depois de muitos anos de árduo treinamento, ele finalmente consegue dominar a força e se tornar o primeiro Jedi autodidata.

Mesmo que a morte de Obi-Wan Kenobi tenha deixado Luke sem ter um mestre, ele consegue derrotar Darth Sidious e Vader, seu pai, e o lado luminoso da força encontrou um caminho para fazer o universo voltar a brilhar.

A BELA ADORMECIDA, MAS SEM O PRÍNCIPE ENCANTADO

Valeria Seerig Balem

Era uma vez, em um belo reino, uma princesa chamada Elsa. Esta princesa nasceu com um poder, podia produzir gelo com as próprias mãos, porém, em muitas vezes, não era capaz de controlá-lo; ao enfurecer-se lançava raios de gelo, era automático. Tentava esconder e controlar seus poderes, mas nem sempre conseguia.

Certo dia, um velho homem, que veio de outro reino, chegou ao palácio à procura de Elsa decidido a levá-la ao seu reino para que a princesa se casasse com o filho mais velho dele. A jovem negou sem explicar, apenas mandou o senhor embora. Ele insistiu e recusou-se a ir, alegando que só voltaria se acompanhado daquela que queria como nora. Elsa embrabeceu-se, lançou gelo sobre o homem. O ato foi quase fatal. Ela mandou levarem-no para casa.

Em poucos dias, a notícia espalhou-se pelo reino e logo passou a ser odiada pelos moradores. Questionavam sua negação e pediam justiça por seu ato.

A princesa sentia-se pressionada, não era capaz de viver dessa forma. Cansada de manter-se em um lar onde não era bem-vinda, fugiu. Correu para longe e chegou ao alto de uma colina. Já cansada decidiu parar. Sentia-se livre, finalmente. Não tinha mais medo, agora seu poder seria seu aliado. Construiu seu palácio com suas próprias mãos, um belo castelo de gelo o qual seria seu novo lar.

Ao amanhecer, no dia seguinte, Elsa saiu em busca de comida. Andava pela floresta até que avistou um castelo. Não havia movimentação nem ruídos. Estranhou e decidiu entrar em procura de alimento. Caminhava pelos corredores. Tudo parecia calmo demais, até que ela abre uma porta e ao entrar, depara-se com uma bela jovem a dormir. Era uma mulher de beleza inexplicável, Elsa nunca tinha visto ninguém igual. Sentia-se apaixonada, como se fosse um amor à primeira vista. Tentou acordá-la, mas a jovem nem se mexia. Logo passou a acreditar que estava morta, beijou-a na testa com tristeza e iniciou seu caminho para fora do quarto.

A bela adormecida acordou. Elsa assustou-se e, ao olharem-se, foi como se já se conhecessem. Elsa fica sem reação e apenas afirma que a encontrou em sono profundo e imaginou que estaria

morta. A adormecida diz seu nome, Aurora, e tenta recordar do que havia acontecido antes de cair no sono.

Porém lembra apenas que fincou seu dedo em uma roca de fiar e da briga que tivera com seu príncipe, então recorda-se que havia terminado com ele.

Aurora não lembrava de sua própria história, nem sequer podia imaginar que, na verdade, seu príncipe havia mandado uma feiticeira amaldiçoar a roca para que a princesa caísse em sono profundo e acordasse apenas com um beijo de amor verdadeiro, pois ele acreditava que ninguém a amaria como ele.

Ambas tinham muitas perguntas, mas mal podiam falar. Estavam perdidas nos olhos uma da outra. Elsa explicou que estava em busca de comida e Aurora ofereceu-se para ajudá-la. Passaram o dia juntas, conheceram-se melhor e ao final do dia, ao escurecer, Elsa ficou para passar a noite, pois o caminho para casa podia ser perigoso. No entanto, esta noite estendeu-se para dias. As jovens estavam apaixonadas, porém ainda não eram capazes de admitir.

Dias depois, Elsa tomou coragem para mostrar seu poder. Esperava julgamento e medo, porém, para sua surpresa, Aurora ficou tão admirada que assumiu estar apaixonada. Aproximou-se de Elsa e beijou-a. O sentimento era recíproco e o amor entre as princesas era incondicional.

A princesa de gelo levou sua princesa para conhecer seu palácio e para a surpresa das jovens, Aurora não sentiu o frio congelante. Acreditam que o amor delas faz com que Aurora fosse capaz de sobreviver ao frio da mesma forma que Elsa. Dessa forma, passaram a viver no castelo de gelo. E foram felizes para sempre.

JANTAR SECRETO NO RU

Victor Couto Alves

No interior do Paraná viviam 4 amigos que decidiram qual caminho iriam seguir na faculdade. Dante decide escolher química, Miguel decidiu que iria fazer gastronomia, Hugo diz que vai fazer direito e por fim, Rafael escolhe seguir na área da farmácia.

Durante a viagem de ida para o centro do Rio Grande do Sul, em Santa Maria, ficaram bem apreensivos pois não sabiam o que esperar dessa nova cidade. Chegando em torno das 23 horas em uma quinta-feira, tiveram uma grande surpresa, pois logo no início da cidade a rua estava lotada de universitários em um bar chamado Locadora Bar.

Após 6 meses morando em um belo apartamento em Cambóbi, eles acabam não conseguindo pagar todo aluguel por não terem um emprego. Logo ficaram desesperados e Hugo diz:

— “Bah, e agora? Como vamos pagar esse aluguel?”.

— “Não tenho a mínima ideia, temos que dar um jeito logo, porque semana que vem começam as provas” disse Dante.

Enquanto estavam discutindo o que iriam fazer, Miguel estava na cozinha fazendo um brigadeiro e de repente surge uma ideia.

— “Gurizada, já sei o que vamos fazer para sair dessa situação, por que a gente não se organiza e começa a vender brigadeiro no RU?”.

— “Até que não é uma má ideia” responde Dante.

Logo Hugo foi ao Banrisul pegar um empréstimo para comprar os ingredientes do brigadeiro no atacado, e na noite seguinte já começaram a preparar os diversos doces que iriam vender na próxima quinta na saída do RU e de noite na Locadora.

E assim seguiram a madrugada toda, embalando os doces. No dia seguinte na hora do almoço, estavam Dante e o Miguel vendendo doces na saída do RU. Após algumas horas, tinham vendido mais da metade dos doces e tiveram um grande lucro, os colegas de Miguel haviam amado os docinhos.

Durante meses conseguiram juntar o dinheiro necessário para pagar o aluguel e seguir vendendo os doces. Um certo dia, Dante resolve fazer um projeto de pesquisa de Bioquímica, e pela louça estar toda suja, ele escolhe a panela em que os doces eram feitos.

Após misturar algumas substâncias químicas e certos fungos, acaba criando um fungo extremamente tóxico capaz de tomar o controle da mente de quem ingeri-lo.

Após perceber o que havia acabado de criar, Dante acaba ficando desesperado e joga tudo no lixo, lava a panela e a guarda no armário. No dia seguinte, Miguel começa a preparar os doces na mesma panela em que Dante havia usado. Após alguns meses, estudantes e santa marienses começam a apresentar certos sintomas como falta de ar, fortes dores de cabeça, insônia e cansaço.

Daniel percebe o erro que havia cometido, mas decide não contar para seus amigos por medo do que poderia acontecer com ele. Na manhã do dia 19 de outubro é confirmada a primeira morte pelo vírus e logo a notícia acaba chegando ao Jornal do Almoço e posteriormente no Jornal Nacional.

— “Um aluno do curso de Direito da UFSM no Rio Grande do Sul, morre de maneira misteriosa. Autoridades investigam o caso e cientistas da UFSM junto com outras universidades do país começam uma pesquisa com foco nessa nova doença”. Disse Renata no Jornal Nacional.

Com o passar do tempo as mortes passam da marca de mais de 50.000 e outros casos do vírus são confirmados em outros países da América do Sul.

Aulas remotas, distanciamento social, quarentena, máscaras e o máximo de cuidado torna-se o mínimo, o HUSM estava lotado e os corpos eram empilhados nos fundos do hospital, o caos tinha tomado conta do Brasil, juntamente com a enorme crise humanitária pela falta de cuidado e desorganização do presidente.

Dante repleto de culpa depois de meses guardando aquele segredo só para ele, resolve contar para os seus amigos.

— “É sério isso?” disse Miguel desacreditado.

Os demais estavam perplexos com a situação que Dante havia criado.

— “O que a gente faz agora? Ligamos para a polícia?”

Hugo, com um olhar vazio sai da sala sem falar uma palavra, os demais ficam discutindo sobre o que fazer. Após alguns meses, Miguel é diagnosticado com o vírus do fungo e depois de 7 dias acaba falecendo.

Com o coração partido, Hugo e Rafael não conseguem mais viver naquela situação e acabam ligando para a polícia para denunciar Dante. Após 2 meses deste acontecido, Hugo e Rafael acabam também falecendo por causa do vírus.

Dante, na cadeia, recebe a triste notícia que seus amigos haviam falecido. Com uma enorme culpa, Dante começa a passar mal e cai no chão desacordado, quando de repente escuta uma voz familiar chamando-o para acordar, era Miguel dizendo:

— “Dante, acorda ai Dante! Acorda que acabamos de chegar em Santa Maria depois de longas 12 horas de viagem, não acredito que você tem tudo isso de sono.”

Dante acorda assustado e percebe que tudo o que aconteceu não passava de um sonho, ou melhor, um pesadelo. Depois de 4 anos, ele e seus amigos acabam se formando e cada um decide seguir um caminho diferente pelo Brasil.

LUA VELHA

Vitória Bittencourt da Silva

Até hoje eu me lembro vividamente do momento que o vi pela primeira vez.

Era um dia nublado de julho, o clima estava úmido e as folhas das gramíneas ainda molhadas pela chuva do dia anterior. Eu estava com outros lobisomens de minha matilha em uma zona deserta de Brasília, aguardando o novo clã de sanguessugas aparecer.

Desde que eles haviam adentrado nossa cidade e entrado em contato com nosso líder, pedindo asilo e alegando inocência por não se alimentar de sangue humano, grande parte da minha paz havia se esvaído.

A tensão era um sentimento coletivo que a matilha compartilhava com muita intensidade naquele tempo e, especialmente naquele dia, ela beirava o insuportável. Cada um temia mais do que nunca pelo desenrolar da noite, questionava se a reunião acabaria em aliança e promessas de paz ou em uma chacina generalizada.

Eu não entendia esse sentimento: para mim era óbvio como essa reunião iria e deveria acabar – com todos os cadáveres ambulantes mortos. Era mais que claro que eles haviam mentido sobre sua alimentação – como iriam eles, seres irracionais, contrariar seus instintos primitivos? Era fato que todos eram pragas. E como tais, deveriam ser controlados, e era minha tarefa garantir isso.

Dessa forma, quando eles surgiram em suas roupas caras e com falsos sorrisos, eu já sabia o que fazer. Eu manteria uma posição de confronto o tempo inteiro e estaria atento de tal forma que, no momento que escorregassem minimamente e revelassem sua natureza fria e sanguinária, eu seria o primeiro a me transformar e a rasgá-los com minhas presas.

Tudo teria acontecido exatamente como imaginei, se não fosse ele. Luiz Inácio Lula da Silva, como viria a descobrir mais tarde, que, ao aparecer, usou de seus poderes diabólicos para me encantar e lubridiar.

Em um momento estava focado, e em outro, só via ele. Ele e sua pele imaculada, seu traje vermelho que parecia feito sob medida, seus cabelos que, mesmo grisalhos, harmonizavam muito bem com o restante de seus traços.

Seu feitiço sobre mim só cessou quando a reunião acabou. E meu estado catatônico logo foi substituído por uma raiva ardente – por ele, pelo clã Petista, por ter sido (e o meu bando inteiro, que se resignou a dividir a cidade com tal espécie) feito de trouxas. E o pior, o que mais me enfurecia, só eu parecia perceber isso. Simplesmente meus companheiros desconsideraram a minha preocupação, me chamaram indiretamente de louco, disseram que o poder de Lula era limitado a leituras de mentes, que minha acusação era infundada.

Coube a mim o papel de errado, e não a ele. E isso me perseguiu por anos.

Esse sentimento me perseguiu de tal forma que me incentivou a rondar a casa e o território dos Petistas em busca de informações comprometedoras, mesmo sabendo que isso feria o já fraco acordo de paz entre nossas espécies. Nenhum lobisomem devia frequentar o lado da cidade de um vampiro, e vice versa. Eu havia sido avisado sobre isso mais de uma vez – sabia de tal modo que fazia a vigília em minha forma humana, impedindo minha alcateia de descobrir, por nossa ligação empática e lupina, o que fazia.

Eu sabia que errava e, mesmo assim, parecia justo o fazer.

Dessa forma, quando em um dia chuvoso me aventurei pela mata com esse intuito, não pela primeira vez, eu já o fazia confiante. E esse, admito, foi meu maior erro.

Eu estava no meio de um contorno perto da casa de campo dos Petistas, no momento que senti um forte cheiro de colônia às minhas costas. Um arrepiou percorreu meu corpo.

— Já está ficando chato, sabia? Você por aqui. – Eu já sabia quem era antes mesmo de virar.

— Eu sei que a vista é linda, mas não precisa continuar vindo só para me olhar. – Lula trazia um sorriso de deboche em seus lábios.

Eu cerrei meus punhos ao lado de meu corpo.

— Tá insinuando o quê, sanguessuga?! – Inflamei-me. – Eu só estou aqui porque vocês me obrigaram a isso.

— Obrigamos quando mesmo?! Esqueceram de nos avisar. – Respondeu-me em escárnio.

— Eu não faria isso se não agissem de forma tão suspeita! – Berrei.

— É você que há meses se esconde em meu quintal! – Ele exasperou.

Eu via vermelho.

— Sim!! Eu admito! Eu fiz isso! – Gritei. – Mas para impedir vocês de matarem pessoas.

— Me lembra quantas pessoas mesmo tu me flagrou matando nas últimas 20 vezes que você cuidou a minha janela? – Bufou ele.

— Você só não matou pois sabia que eu estaria por perto para impedir!

— Claro! Que conveniente seu raciocínio, hein! – Contradisse-me.

— Pelo que eu saiba, querido, - Disse aproximando-se. – é você que anda quebrando os acordos. Não minha família.

Eu me vi encurralado entre ele e uma fileira de árvores.

— Acordos! Acordos! Acordos! Não aguento mais falar nisso!!! – Exclamei. – Se tu se incomoda tanto comigo, se você já percebia a minha presença há meses, – Gesticulei minhas mãos de modo a chegar a cutucar-lhe com meus dedos. – Por que não me denunciou?!?!

Foi só quando olhei no fundo de seus olhos enquanto falava que notei a nossa proximidade. Eu conseguia sentir um fio rebelde de suas madeixas me cutucando.

— Talvez porque sua atenção em mim não estivesse me incomodando antes. – Disse-me meio sussurrando. Subitamente, eu percebi como era um palmo mais alto que ele.

Tudo em mim gritava para afastar-me. Meus instintos diziam para avançar nele, meu lobo interior rugia para aproveitar sua vulnerabilidade. Eu tinha ciência, em meu íntimo, que qualquer coisa que eu fizesse a partir dali teria peso verdadeiro: eu não poderia simplesmente ignorar ou deletar após.

Dessa forma, eu não sei qual de nós ficou mais surpreso quando eu me precipitei na direção de Lula. Não para apertar sua garganta e esganá-lo como imaginava, mas sim, para capturá-lo em um beijo.

Eu, Jair Messias Bolsonaro, sabia que havia errado no minuto em que nossos lábios se encostaram. Sabia que havia traído a mim e a minha matilha; me deixado ser enganado pelo diabo. Sabia que assim que meu corpo se afastasse do seu, as consequências seriam imediatas.

Quando o puxei pela cintura para a minha direção, eu sabia de tudo isso.

E ainda assim, ali, naquele momento, enroscado com ele na floresta, eu não ligava a mínima. Apenas me interessava descobrir quanto meu fôlego durava.



COLÉGIO
POLITÉCNICO
UFSM



Ensino Médio
Colégio Politécnico
UFSM

ISBN: 978-65-00-64184-4

CD



9 786500 641844